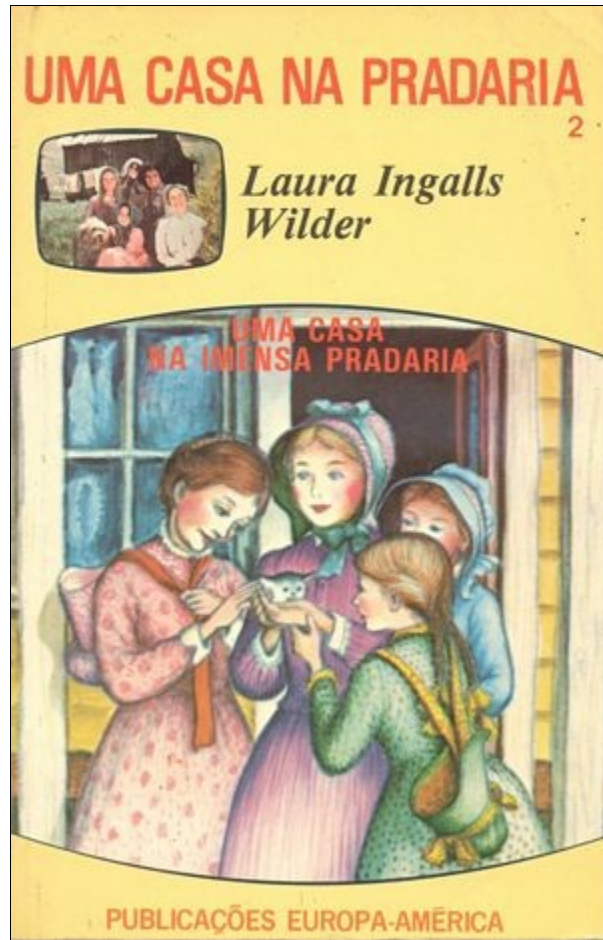




Uma Casa na Imensa Pradaria

Laura Ingalls Wilder

A Casa na Pradaria - 2

A grande floresta começava a estar demasiado habitada. Assim, o pai vendeu a casinha e construiu uma carroça coberta. Podiam viajar para os territórios índios.

Começou então a longa jornada do Wisconsin para Oclaoma. Depois de múltiplas peripécias lá chegaram e o pai construiu uma nova casa na imensa pradaria.

Durante um ano, o pai, a mãe, Mary e Laura dedicaram-se à nova terra e ao novo lar. Só que estavam em território índio e isso iria trazer problemas a eles e ao governo.

Obra que deu origem à série de TV, uma obra para ser lida por crianças, jovens e adultos.



Índice

1 - Viagem para Oeste	7/0
2- Travessia do ribeiro	16/0
3 - Acampamento na alta pradaria	22/0
4 - Dia na pradaria	28/1
5 - A casa na pradaria	36/1
6 - Mudança	47/1
7 - A alcateia de lobos	52/2
8 - Duas portas resistentes	63/2
9 - Lume na chaminé	68/2
10 - Telhado e soalho	76/2
11 - índios em casa	82/3
12 - água doce para beber	90/3
13 - cornilongos do Texas	98/3
14 - Acampamento índio	104/3
15 - Febre e sezões	110/4
16 - Fogo na chaminé	119/4
17 - O pai vai à cidade	124/4
18 - O índio alto	134/4
19 - O Sr. Edwards encontra o Pai Natal .	140/5
20 - Um grito na noite	148/5
21 - Concentração índia	154/5
22 - Fogo na pradaria	160/5
23 - O grito de guerra dos índios	168/6
24 - A partida dos índios	176/6
25 - Soldados	182/6
26 - Partida	188/6

1.

Viagem para oeste

Há muito tempo, quando todos os avôs e todas as avós de hoje, alguns meninos e meninas ou bebês pequeninos, ou talvez nem sequer tivessem ainda nascido, o Pai, a Mãe, Maria, Laura e a pequenina Carrie saíram da sua casinha na Grande Floresta do Wisconsin. Foram-se embora e deixaram-na sozinha e vazia na clareira entre as grandes árvores, e nunca mais a voltaram a ver. Partiam para a região dos índios.

O pai disse que já havia muita gente na Grande Floresta. Laura ouvia muitas vezes o bater ressoante de um machado que não era o do pai ou o eco de um tiro que não fora disparado pela sua espingarda. O caminho que passava pela casinha transformara-se numa estrada. Quase todos os dias Laura e Maria interrompiam as brincadeiras para olharem, admiradas, para um carroção que passava lentamente e a gemer do peso por essa estrada. Os animais selvagens não ficavam numa região

onde havia tanta gente. E o pai delas também não queria ficar. Gostava de uma terra onde os animais selvagens vivessem sem medo. Gostava de ver os ouriçozinhos e as suas mães a olharem-no das florestas sombrias e os urSos gordos e preguiçosos a comer bagas bravas nas moitas. Nos longos serões de Inverno conversava com a mãe a respeito da região ocidental. No Oeste a terra era plana e não havia árvores. A erva crescia, densa e alta. No Oeste os animais selvagens passeavam e corriam como se estivessem numa pastagem que se estendia muito para alEm do que a vista alcançava e não havia colonos. Só lá viviam índios.

7

Um dia, mesmo, mesmo no fim do Inverno, o pai disse à mãe:

- Já que não te opões, resolvi ir ver o Oeste. Fizeram-me uma oferta por isto aqui e acho que podemos vender agora, pois é o máximo que nos poderão dar: Chegará para começarmos noutro lado.

- Oh, Charles, temos de ir agora? - perguntou a mãe, pois o tempo estava muito frio e a casinha aconchegada era muito confortável.

- Se queremos ir este ano, temos de ir agora - respondeu-lhe o pai. - Não podemos atravessar o Mississipi depois de o gelo estalar.

Por isso, o pai vendeu a casinha. E vendeu também a vaca e o bezerro. Fez arcos de noqueira e colocou-os, levantados, na caixa do carroção. A mãe ajudou-o a esticar lona branca por cima deles.

Quando a escuridão começava a desaparecer, antes de amanhecer, a mãe sacudiu devagarinho Maria e Laura, até acordarem. à luz da lareira e de velas, lavou-as, penteou-as e vestiu-lhes roupas quentes. Por cima das compridas camisas de dormir de flanela encarnada, vestiu-lhes combinações e vestidos de lã e calçou-lhes meias altas, também de lã. Depois enfiou-lhes os casacos, os carapuços de pele de coelho e as luvas de lã encarnada.

Todas as coisas da casinha estavam no carroção, menos as

camas, as mesas e as cadeiras. Não precisavam de levar essas coisas porque o pai podia fazer outras novas.

O chão estava coberto de uma camada fina de neve e ainda estava escuro e frio. As árvores nuas erguiam-se geladas contra as estrelas. Mas no oriente o céu estava pálido e através da floresta cinzenta viam-se lanternas de carroções puxados a cavalos, que traziam o avô e a avó, as tias, os tios e os primos.

Maria e Laura apertavam a si as suas bonecas de trapo e não diziam nada. Os primos e as primas pararam à volta, a olhar para elas. A avó e as tias abraçaram-nas e beijaram-nas diversas vezes e disseram-lhes adeus.

O pai pendurou a espingarda nos arcos interiores da cobertura de lona, de modo a chegar-Lhe facilmente do banco. Pendurou a bolsa dos cartuchos e o polvorinho debaixo da espingarda. Colocou cuidadosamente a caixa da rabeca entre almofadas, para que os solavancos não estragassem a rabeca.

Os tios ajudaram-no a atrelar os cavalos ao carroção. Os primos e as primas beijaram Maria e Laura, como lhes mandaram. O pai pegou em Maria e depois em Laura e pô-las na cama feita na parte de trás do carroção.

8

Ajudou a mãe a subir para o banco e a avó estendeu-lhe a pequenina Carrie. O pai saltou para o lado da mãe e Jack, o buldogue malhado, meteu-se debaixo do carroção.

E assim partiram todos da casinha feita de troncos. Os postigos de madeira estavam fechados e, assim, a casinha não podia vê-los partir. Ficava no interior da vedação de madeira, atrás dos dois grandes carvalhos, cujas copas verdes serviam de telhado, no Verão, a Maria e Laura, que debaixo delas brincavam.

O pai prometeu que, quando chegassem ao Oeste, Laura veria um papuse.

- Que é um papuse? - perguntou ela.

- um bebezinho índio, todo castanho - respondeu-lhe ele.

Percorreram uma grande distância, pela floresta coberta de

neve, até chegarem à cidade de Pepin. Maria e Laura já a tinham visto uma vez, mas acharam-na diferente. A porta do armazém e as portas de todas as casas estavam fechadas, os tocos das árvores estavam cobertos de neve e não se viam crianças a brincar fora de casa. Entre os tocos erguiam-se grandes montes de lenha. Só se viam dois ou três homens de botas e bonés de pele e casacões aos quadrados, de cores vivas.

A mãe, Laura e Maria comeram pão e melão no carroção e os cavalos comeram milho dos embornais, enquanto, no armazém, o pai trocava as peles por coisas de que precisariam na viagem. Não se podiam demorar muito na cidade, pois tinham de atravessar o lago naquele dia.

O enorme lago estendia-se, plano, liso e branco, até à beirinha do céu cinzento. Atravessavam-no rastos de carroções, até se perderem de vista e desfazerem em nada.

O pai conduziu o carroção para o gelo, seguindo esses rastos. Os cascos dos cavalos faziam um clop-clop abafado, enquanto as rodas ao girarem no gelo produziam um ruído como se estivessem a esmagá-lo. A cidade foi ficando cada vez mais pequenina, atrás deles, até que o próprio armazém alto ficou reduzido a um pontinho. Em redor do carroção só havia espaço vazio e silencioso. Laura não gostava, mas o pai ia no banco e Jack debaixo do carroção, e ela sabia que não lhe poderia acontecer nenhum mal enquanto o pai e o Jack ali estivessem.

Por fim, o carroção começou a subir uma encosta de terra e apareceram outra vez árvores. Entre as árvores havia, também, uma casinha de troncos. Por isso, Laura sentiu-se melhor.

Não morava ninguém na casinha, que servia apenas de guarida aos viajantes que por ali passavam. Era pequenina e estranha, com uma grande lareira e beliches toscos encostados às paredes, a toda a volta.

Mas ficou quente quando o pai acendeu o lume. Nessa noite, Maria, Laura e a pequenina Carrie dormiram com a mãe numa cama feita no chão, diante da lareira, enquanto o pai dormia no carroção, para o guardar e mais aos cavalos.

Um ruído estranho acordou Laura, de noite. Parecia um tiro, mas era mais forte e demorado do que um tiro. Ouviu-o diversas vezes.

Maria e Carrie dormiam, mas Laura não conseguiu dormir

enquanto não ouviu a voz da mãe dizer-lhe baixinho, no escuro:

- Dorme, Laura. É só o gelo a estalar.

Na manhã seguinte, o pai disse:

- Foi uma sorte termos atravessado ontem, Carolina. Não me admira que o gelo se quebrasse hoje. Atravessámos tarde e tivemos sorte, pois podia ter começado a quebrar quando estávamos no meio do lago.

- Ontem pensei nisso, Charles - disse a mãe, em voz baixa.

Laura não tinha pensado nisso antes, mas ao ouvir aquela conversa pensou no que teria acontecido se o gelo se tivesse partido debaixo das rodas do carroção e tivessem caído todos à água gelada, no meio do grande lago.

- Estás a assustar alguém, Charles - disse a mãe, e o pai envolveu Laura no seu grande e tranquilizador abraço.

- Atravessámos o Mississipi! - exclamou ele, a apertá-la com força, todo contente. - Que dizes a isso, meia-canequinha de sidra doce meio bebida? Gostas de ir para o Oeste, onde vivem os índios?

10 11

Laura disse que gostava e perguntou se já estavam na terra dos índios. Mas ainda não estavam; estavam só no Minesota.

O território dos índios ficava muito, muito longe. Quase todos os dias os cavalos percorriam a maior distância que podiam; quase todas as noites, o pai e a mãe armavam o acampamento num lugar novo. às vezes tinham de ficar uns dias num acampamento, porque um rio estava com uma grande enxurrada e não o podiam atravessar enquanto a água não baixasse.

Atravessaram tantos riachos que lhes perderam o conto. Viram estranhas florestas e estranhos montes e terras sem árvores ainda mais estranhas. Atravessaram rios por compridas pontes de madeira e por fim chegaram a um rio largo e amarelo, que não tinha ponte nenhuma.

Era o rio Missouri. O pai conduziu o carroção para uma jangada e ficaram todos muito quietinhos, enquanto a jangada se afastava, a oscilar, da terra firme e atravessava toda aquela água ondulante e de um tom amarelo-barrento.

Ao fim de muitos dias encontraram outra vez montes. Num vale, o carroção atolou-se em lama funda e preta. Chovia muito, trovejava e relampejava. Não havia lugar nenhum onde acampar e acender uma fogueira. Dentro do carroção estava tudo húmido, frio e triste, mas tiveram de lá ficar e de comer comida fria.

No dia seguinte, o pai encontrou um lugar numa encosta onde puderam acampar. Parara de chover, mas tiveram de esperar uma semana que o regato descesse e a lama secasse, para que o pai pudesse desatolar as rodas do carroção e continuar a viagem.

Um dia, enquanto esperavam, saiu da floresta um homem alto e magro, montado num garrano preto. O pai e ele conversaram um bocado, embrenharam-se juntos na floresta e quando voltaram montavam ambos garranos pretos. O pai trocara os cansados cavalos castanhos pelos garranos.

Eram uns bonitos cavaleiros e o pai disse que não eram, realmente, garranos, e sim, mustangs do Oeste: «Fortes como mulas e mansos como gatinhos», afirmou. Tinham olhos grandes, dóceis e meigos, crina e cauda compridas, pernas delgadas e patas muito mais pequenas e velozes do que as dos cavalos da Grande Floresta.

Quando Laura perguntou como se chamavam, o pai disse que ela e Maria podiam escolher os nomes. Por isso, Maria chamou a um Pet e Laura chamou ao outro Patty. Quando o rugido da enxurrada do regato se tornou menos atoador e a estrada ficou mais seca, o pai desatolou o carroção da lama, atrelou Pet e Patty e partiram todos juntos.

12 13

Tinham viajado no carroção coberto toda a longa distância da Grande Floresta do Wisconsin e atravessado o Minnesota, o Iowa e o Missouri. Ao longo de todo esse grande caminho Jack trotara debaixo do carroção. Agora iam atravessar o Kansas. ; O Kansas era uma infundável terra plana coberta de erva alta agitada pelo vento. Dia após dia, percorreram o Kansas, sem ver mais nada além da erva ondulante e do céu enorme. O céu, um círculo

perfeito, curvava até ao nível da terra e o carroção encontrava-se exactamente no meio do círculo.

Pet e Patty avançavam o dia inteirinho, a trote, a passo e de novo a trote, mas não conseguiam sair do meio daquele círculo. Quando o Sol se punha, o círculo continuava a envolvê-los e a orla do céu tornava-se cor-de-rosa. Depois, devagarinho, a terra escurecia. O vento produzia um som triste na erva. A fogueira do acampamento era pequena e Jack perdia-se, naquele espaço imenso. Mas do céu pendiam umas estrelas muito grandes, que cintilavam tão perto que Laura tinha a impressão de que quase se poderia tocar-lhes.

No dia seguinte a terra era a mesma, o céu era o mesmo e o círculo não se modificava. Laura e Maria já estavam cansadas de todas essas coisas. Não havia nada de novo para fazer nem nada de novo para ver. A cama estava feita na parte de trás do carroção e muito bem tapada com um cobertor cinzento, onde Laura e Maria se sentavam. Os lados de lona do carroção estavam enrolados para cima e atados para deixar entrar o vento da pradaria. O vento fazia voar para todos os lados o cabelo castanho e liso de Laura e os caracóis dourados de Maria, e a luz forte obrigava-as a semicerrar as pálpebras.

às vezes, viam passar pelo meio da erva um grande coelho, que se afastava a dar grandes saltos. Jack não lhe ligava importância nenhuma. Coitadinho do Jack, também estava cansado e tinha as patas doridas de viajar tanto. O carroção lá ia aos solavancos, com a cobertura de lona a estalar ao vento. Atrás do carroção iam ficando dois leves rastos de rodas, sempre iguais.

O pai ia de costas curvadas, com as rédeas frouxas nas mãos e a comprida barba castanha agitada pelo vento. A mãe, direita e calada, levava asmãos abandonadas no colo. Carrie dormia num ninhozinho entre as trouxas macias. , Maria bocejou e Laura perguntou:

- Ma, não podemos descer e correr atrás do carroção? Tenho as pernas tão cansadas...

- Não, Laura - respondeu a mãe.

- Falta muito para acamparmos? - insistiu Laura, pois parecia-lhe que decorreria muito tempo desde que, ao meio-dia, tinham almoçado sentados na relva limpa, à sombra do carroção.

Foi o pai que lhe respondeu:

- Falta um bocado. Ainda é muito cedo para acamparmos.
- Quero acampar agora! - teimou Laura. - Estou tão cansada!
- Laura! - disse apenas amãe e bastou, pois significava que ela não devia protestar.

Por isso, Laura não voltou a protestar em voz alta, mas continuou a sentir-se má por dentro, a pensar em queixas e protestos que guardava só para si.

Doíam-lhe as pernas e o vento não deixava de Lhe desmanchar o cabelo. A erva ondulava, o carroção dava solavancos e durante muito tempo não aconteceu mais nada.

- Estamos a chegar a um ribeiro ou a um rio - disse o pai. - Vêem aquelas árvores lá adiante, meninas?

Laura levantou-se e agarrou-se a um dos arcos do carroção. Muito ao longe, viu uma espécie de mancha baixa e escura.

- São árvores - disse o pai. - Vê-se pela forma das sombras. Nesta região, árvores querem dizer água. Acamparemos ali esta noite.

14 15

2.

TRAVESSIA DO RIBEIRO

Pet e Patty começaram a trotar mais depressa, como se também estivessem contentes. Laura agarrou-se bem ao arco do carroção aos solavancos e continuou de pé. Por cima do ombro do pai e a uma grande distância, através das ondas de erva verde, distinguiu as árvores, que lhe pareceram diferentes de quantas já vira antes. Não eram mais altas do que arbustos.

De súbito, o pai gritou aos cavalos que parassem e murmurou, baixinho:

- Qual será agora o caminho?

A estrada dividia-se, naquele ponto, e não era possível distinguir qual dos dois caminhos era o mais utilizado, pois

não eram ambos mais do que leves rastros de rodas na erva. Um seguia para oeste, o outro descia um pouco, para sul. Ambos desapareciam a breve trecho na erva alta e ondulada pelo vento.

- Creio que será melhor descer - decidiu o pai. - O ribeiro fica lá em baixo. Talvez este seja o caminho para o vau... - E virou Pet e Patty para sul.

A estrada descia e subia e voltava a descer e a subir, na terra levemente ondulada. As árvores já estavam mais perto, mas não pareciam mais altas. De súbito, Laura soltou uma exclamação e agarrou-se ainda com mais força ao arco do carroção, pois deixou de haver erva ondulante quase debaixo do focinho de Pet e Patty, deixou mesmo de haver chão. Laura olhou para lá do rebordo da terra e das copas das árvores.

A estrada virava, ali. Durante um bocado, seguia ao longo do cimo do penhasco, mas depois começava a descer acentuadamente. O pai travou; Pet e Patty fizeram tanta força para trás que quase se sentaram. As rodas do carroção deslizaram para a frente e foram descendo bocadinho a bocadinho pela encosta íngreme. De ambos os lados do carroção erguiam-se penhascos denteados de terra vermelha nua. Nos cumes ondulava erva, mas nos lados sulcados e abruptos não crescia nada. Os penhascos estavam quentes e lançavam baforadas de calor contra o rosto de Laura. O vento continuava a soprar, lá em cima, mas não chegava àquela profunda fenda do solo. Ali havia uma quietude estranha e vazia.

Depois o carroção endireitou-se. A estreita abertura pela qual tinham descido desembocava nas terras baixas da margem do rio. Era aí que cresciam as árvores altas cujas copas Laura vira de cima, na pradaria. Havia bosques sombrios espalhados nos prados ondulantes, e nos bosques estavam deitados cervos que mal se viam entre as sombras. Os animais voltaram a cabeça na direcção do carroção e alguns corvozinhos mais curiosos levantaram-se, para ver melhor.

Laura estava surpreendida, porque não via o rio. Mas as terras baixas eram vastas. Ali, abaixo da pradaria, havia colinas de encostas suaves e descampados cheios de sol. O ar era parado e quente e a terra, sob as rodas do carroção, macia. A erva crescia rala nos descampados soalheiros e os cervos não a deixavam atingir grande altura.

Durante um bocado, os altos e nus penhascos de terra vermelha continuaram a erguer-se atrás do carroção.

16 17

Mas já se encontravam quase ocultos atrás de colinas e árvores quando Pet e Patty pararam para beber, no rio.

O som da água a correr impetuosamente enchia o ar parado. Ao longo das margens, as árvores inclinavam-se para a água e escureciam-na de sombras. Mas no meio o rio corria velozmente, com tons cintilantes de prata e azul.

- Este ribeiro está muito cheio - observou o pai. - Mas creio que podemos atravessá-lo sem novidade. Vê-se que é um vau pelos antigos sulcos de rodas. Que dizes, Carolina?

- Tu é que sabes, Charles - respondeu a mãe.

Pet e Patty levantaram os focinhos molhados. Espetaram as orelhas para a frente, a olhar para o ribeiro, e depois inclinaram-nas para trás, para ouvirem o que o pai estava a dizer. Suspiraram e encostaram os focinhos macios um ao outro, a segredarem. Um pouco acima, Jack mergulhava a língua vermelha na água e bebia.

- Vou descer a cobertura do carroção - disse o pai; ao mesmo tempo que saltava do banco, desenrolava os lados de lona e os prendia muito bem à caixa do carroção. Depois puxou a corda da retaguarda, de modo que a lona se franziu toda no meio e só deixou um buraquinho redondo, tão pequenino que não se via nada por ele.

Maria enroscou-se na cama. não gostava de vaus e tinha medo da água corrente. Mas Laura estava toda excitada, pois gostava do chapinhar da água. O pai voltou para o banco e disse:

- Talvez tenham de nadar, ali no meio, mas atravessaremos sem novidade, Carolina.

Laura lembrou-se de Jack e disse:

- Gostaria que o Jack pudesse vir no carroção, Pai.

O pai não lhe respondeu e agarrou firmemente nas rédeas.

- O Jack sabe nadar, Laura. não lhe acontecerá nada...

O carroção avançou devagarinho no lodo e a água começou a bater nas rodas. O bater tornou-se mais forte, tão forte que o

carroção estremecia, quando a água lhe dava. De repente, o carroção subiu, balançou e oscilou, a flutuar. Que sensação deliciosa!

O barulho parou e amãe disse, em voz firme:

- Deitem-se, meninas!

Sem perderem um segundo, Maria e Laura estenderam-se na cama. Quando amãe falava assim, faziam logo o que lhes mandava. Com um braço, amãe tapou-as com um cobertor, cabeças e tudo.

- Fiquem quietinhas, assim como estão - ordenou. - não se mexam.

Maria, apesar de estar a tremer, não se mexeu. Mas Laura não conseguia estar quieta, tinha de se mexer um bocadinho. Gostaria tanto de ver o que se estava a passar! Sentia o carroção oscilar e virar. O ruído do bater da água voltou, mas por pouco tempo. Nisto, a voz do pai assustou-a:

- Toma as rédeas, Carolina!

O carroção deu um solavanco e ouviu-se um baque pesado, a seu lado. Laura sentou-se na cama e afastou o cobertor da cabeça.

O pai desaparecera. Amãe estava sozinha, a segurar as rédeas com força, com as duas mãos. Maria tapou melhor a cara com o cobertor, mas Laura ergueu-se mais um bocadinho. Não conseguia ver a margem do ribeiro. não conseguia ver nada à frente do carroção, a não ser água a correr impetuosamente para ele. E, na água, cabeças: a cabeça de Pet, a cabeça de Patty e a cabeça pequena e molhada do pai. Via também, na água, a mão do pai a segurar com força a rédea de Pet.

Laura ouvia vagamente a voz do pai, através do barulho da água impetuosa. Falava calma e tranquilizadamente, mas ela não conseguia ouvir o que ele dizia. Falava com os cavalos. O rosto damãe estava branco e assustado.

- Deita-te, Laura - mandou a mãe.

Laura deitou-se. Tinha frio e sentia-se agoniada. Fechou os olhos com força, mas continuou a ver a

terrível água e a barba castanha do pai mergulhada nela.

Durante muito, muito tempo o carroção balançou e oscilou, Maria chorou em sício e Laura sentia-se cada vez mais agoniada. Depois as rodas da frente encontraram apoio e rangeram e o pai gritou. Todo o carroção estremeceu e se inclinou para trás, mas as rodas giravam no solo. Laura levantou-se de novo, agarrada ao banco, e viu as garupas pretas e húmidas de Pet e Patty subirem a custo um aterro íngreme e o pai a correr a seu lado e a gritar: "Vá, Patty! Vá, Pet! Toca a subir! A subir! Vamos lá! Minhas lindezas!"

Pararam no cimo do aterro, a ofegar e a pingar. O carroção imobilizou-se também, em segurança, fora do ribeiro. O pai ofegava e pingava igualmente, e amãe exclamou:

- Oh, Charles!

- Pronto, pronto, Carolina! Estamos todos em segurança, graças à boa e estanque caixa do carroção, bem presa ao trem das rodas. Nunca na minha vida vi um ribeiro subir tão depressa. Pet e Patty nadam bem, mas creio que não se teriam safado se eu não tivesse dado uma ajuda.

Se o pai não tivesse sabido que fazer, ou se amãe se tivesse assustado e não fosse capaz de tomar conta das rédeas, ou se Laura e Maria tivessem sido más e a aborrecessem, então ter-se-iam perdido todos. O rio Tê-los-ia virado e arrastado e ter-se-iam afogado sem que ninguém nunca soubesse o que lhes acontecera. Durante semanas, talvez, nenhuma outra pessoa passaria por aquela estrada.

- Enfim, está tudo bem quando acaba bem - comentou o pai.

- Charles, estás molhado até aos ossos - disse a mãe. Mas antes que o pai pudesse responder, Laura gritou: -Onde está o Jack?

Tinham-se esquecido do cão. Tinham-no deixado do outro lado daquela água horrível e agora não o viam em lado nenhum. Jack devia ter tentado nadar atrás deles, mas não o viam debater-se na água.

Laura engoliu em seco, para não chorar. Sabia que era uma vergonha chorar, mas chorava por dentro. O pobre Jack seguira-os tão paciente e fielmente durante toda a longa viagem do Wisconsin até ali, e agora tinham-no deixado afogar-se. Estava muito cansado, deviam tê-lo deixado subir para o carroção. Ficara parado na margem, a ver o carroção afastar-se, como se não quisessem saber dele para nada. E

nunca saberia quanto lhe queriam.

O pai disse que nem por uma fortuna quereria fazer semelhante coisa ao Jack. Se soubesse como o ribeiro subiria quando estavam no meio da corrente, não teria deixado Jack para trás, a fim de tentar atravessar a nado.

- Mas agora não tem remédio - concluiu.

Andou de um lado para o outro, na margem do ribeiro, à procura de Jack, a chamá-lo e a assobiar-lhe.

Em vão. Jack desaparecera.

Por fim, só lhes restou continuarem a viagem. Pet e Patty tinham descansado e a roupa do pai secara-lhe no corpo enquanto procurava Jack. Tomou de novo as rédeas e conduziu o carroção pela encosta acima, afastando-se das terras baixas.

Laura foi todo o caminho a olhar para trás. Sabia que não voltaria a ver Jack, embora desejasse tanto vê-lo! Mas a única coisa que conseguia ver eram curvas baixas de terra entre o carroção e o ribeiro e, para lá dele, aqueles estranhos penhascos de terra vermelha.

Depois surgiram outros penhascos iguais, à frente do carroção. Leves rastros de rodas penetravam numa fenda entre as paredes de terra. Pet e Patty subiram até a fenda se tornar um pequeno vale ervoso, que foi alargando de novo e desembocou na Alta Pradaria.

não se via nenhuma estrada, nem sequer o mais pequeno vestígio de rodas ou da passagem de um cavaleiro. Dava a impressão de que aquela pradaria nunca tinha sido vista por ninguém. Só a erva alta e brava cobria a interminável terra deserta, com um grande céu vazio por cima. Muito ao longe, a curva do Sol tocava a beirinha da terra. Era um Sol enorme, cuja luz parecia pulsar e latejar. A toda a volta da beira do céu havia uma luminosidade rosa-pálida, sobre a qual se via outra amarela e, por cima desta, uma azul. Acima do azul, o céu não tinha cor nenhuma. Sombras purpúreas reuniam-se sobre a terra e o vento soprava, triste.

O pai parou os cavalos e desceu do carroção com a mãe, para prepararem o acampamento. Maria e Laura apearam-se também.

- Ma - perguntou Laura, em tom suplicante -, o Jack foi para o Céu, não foi? Era um cão tão bom! não pode ir para o Céu?

Amãe ficou sem saber que responder, mas o pai disse:

- Sim, Laura, pode. Deus, que não esquece os pardais, não

deixaria um bom cão como o Jack desamparado.

Laura sentiu-se um bocadinho melhor, mas só um bocadinho. Estava triste. O pai não assobiava enquanto trabalhava, como de costume, e passados instantes disse:

- Palavra que não sei o que faremos numa região selvagem sem um bom cão de guarda.

20 21

3.

ACAMPAMENTO NA ALTA PRADARIA

O pai montou o acampamento, como de costume. Primeiro, desatrelou Pet e Patty, tirou-lhes os arneses e prendeu-os a cordas compridas, atadas a cavilhas grandes, de ferro, cravadas no chão. Quando os cavalos ficavam assim, podiam comer toda a erva que as compridas cordas lhes permitiam alcançar. Mas a primeira coisa que Pet e Patty fizeram não foi comer, e sim deitarem-se no chão e reboarem para um lado e para o outro. Rebolaram até deixarem de sentir por completo a impressão dos arneses nas costas.

Enquanto Pet e Patty se reboavam, o pai arrancou toda a erva de um grande espaço redondo. Havia erva velha e seca junto às raízes da verde e o pai não queria correr o risco de incendiar a pradaria. Se a relva seca pegasse fogo, deixaria toda aquela região nua e negra.

- É melhor proceder pelo seguro - comentou o pai. - Poupa trabalhos, no fim.

Quando o espaço ficou limpo, o pai colocou no meio dele um punhado de erva seca. Trouxera de junto do rio um braçado de gravetos e lenha morta. Colocou gravetos pequenos, depois gravetos maiores e por fim lenha sobre o punhado de erva seca, a que deitou fogo. A fogueira crepitou alegremente no interior do círculo de terreno nu, do qual não podia sair.

Depois o pai foi buscar água ao ribeiro, enquanto Maria e Laura ajudavam amãe a preparar o jantar. Amãe mediu grãos de café, deitou-os no moinho e Maria moeu-os. Laura encheu a cafeteira com água que o pai trouxera e a mãe pô-la ao lume. Colocou também nas brasas a chapa de ferro do forno.

Enquanto a chapa aquecia, amassou farinha de milho com sal e água e formou pequenos bolos. Untou a chapa com um courato, dispôs os bolos de milho e tapou-os com a cobertura do forno. Depois o pai pôs brasas em cima da cobertura, enquanto a mãe partia fatias de carne de porco salgada, gorda. Fritou as fatias de carne na aranha de ferro. A aranha tinha pernas curtas, que assentavam nas brasas, e era por isso que se chamava aranha; se não tivesse pernas, seria apenas uma frigideira.

O café ferveu, os bolos cozeram e a carne fritou-se, e cheirava tudo tão bem que Laura se sentiu cada vez mais esfomeada.

O pai colocou o banco do carroção junto do lume, para ele e amãe se sentarem. Maria e Laura sentaram-se no varal do carroção. Cada um tinha um prato de folha e um garfo e uma faca de aço com cabo de osso. Amãe tinha um púcaro de folha e o pai outro, e a bebé Carrie tinha um pucarozinho só para ela, mas Maria e Laura tinham de partilhar o seu. Bebiam água; só poderiam beber café quando fossem crescidas.

Enquanto jantavam, as sombras purpúreas adensaram-se à volta da fogueira do acampamento. A imensa pradaria estava escura e silenciosa. Só o vento andava sorrateiramente pelo meio da erva e as grandes estrelas baixas pendiam, cintilantes, do céu enorme.

A fogueira do acampamento era acolhedora na grande escuridão fria. As fatias de carne de porco estavam tostadinhas e gostosas e os bolos de milho eram bons. no escuro, longe do carroção, Pet e Patty também comiam. Ouviam-nos arrancar bocados de erva e mastigá-los.

por cá fiquemos. Há boa terra, árvores junto do rio, muita caça... tudo quanto um homem pode desejar. Que dizes, Carolina?

- Podíamos ir mais longe e ficar pior - respondeu a mãe.

- De qualquer modo, amanhã dou uma vista de olhos. Levo a espingarda para arranjar um pouco de boa carne fresca.

Acendeu o cachimbo com uma brasa e estendeu as pernas para ficar mais confortável. O cheiro agradável do tabaco misturou-se com o calor do lume. Maria bocejou e escorregou do varal do carroção para o chão. Laura bocejou também. A mãe lavou rapidamente os pratos e os púcaros de folha, os garfos e as facas. Lavou a chapa e a cobertura do forno e a aranha e passou o pano da louça por água.

Ficou um instante imóvel, a escutar o longo uivo que vinha da negra pradaria. Sabiam todos o que era, mas aquele som causava sempre um calafrio a Laura e arrepiava-lhe a nuca.

Amãe sacudi o pano da louça e depois mergulhou no escuro e estendeu-o na erva para secar. Quando voltou, o pai disse:

- Lobos. Quase a um quilómetro de distância, parece-me. Bem, onde há cervos, há lobos. Gostaria...

Não disse do que gostaria, mas Laura adivinhou: "gostaria que Jack estivesse com eles". Quando os lobos uivavam na Grande Floresta, Laura soubera sempre que Jack não deixaria que lhe fizessem mal. Sentiu um nó duro na garganta e arder-lhe o nariz. Mas pestanejou muito depressa e não chorou. O lobo - ou talvez fosse outro - uivou de novo.

- São horas de as meninas pequenas irem para a cama! - disse a mãe, alegremente.

Maria levantou-se e virou-se para amãe lhe desabotoar o vestido. Mas Laura levantou-se de um pulo e ficou imóvel. Via qualquer coisa... no escuro, para lá da claridade da fogueira, brilhavam duas luzinhas verdes, rente ao chão. Eram olhos.

Subiu-lhe uma friúra pelas costas acima, o couro cabeludo arrepiou-se-lhe e os cabelos puseram-se-lhe em pé. As luzes verdes mexeram-se. Uma piscou, depois piscou a outra e depois brilharam muito as duas, mais perto. Estavam a aproximar-se muito depressa.

- Olhe, Pái, olhe! - disse Laura. - Um lobo!

O pai mexeu-se muito depressa, embora não parecesse. Num ápice, tirou a espingarda do carroção e preparou-se para disparar contra os olhos verdes, que pararam de avançar. Mas continuaram no escuro, a olhá-lo.

- não pode ser um lobo... a não ser que esteja raivoso - disse o pai, enquanto amãe pegava em Maria e a punha no carroção. - Mas não . Escutem os cavalos. - Pet e Patty continuavam a mastigar tufos de erva.

- Um lince? - sugeriu a mãe.

- Ou um coiote? - O pai pegou num pau, gritou e atirou-o. Os olhos verdes ficaram mais rentes ao chão, como se o animal se agachasse para saltar. O pai apontou a espingarda, mas o bicho não se mexeu.

- não vás, Charles! - pediu a mãe.

Mas o pai continuou a avançar devagarinho para aqueles olhos, que também avançavam devagarinho para ele, rentes ao chão. Laura viu o animal na orla do escuro: era acastanhado e malhado. O pai e Laura gritaram.

Quando deu por ela, Laura tentava abraçar Jack, que pulava, ofegava e não parava quieto, a lambe-lhe a cara e asmãos com a língua quente e húmida. não conseguia agarrá-lo. O cão saltava dela para o pai e para amãe e depois voltava para ela.

- Por esta é que eu não esperava! - exclamou o pai.

- Nem eu - disse a mãe. - Mas precisavas de acordar o bebé?

- Embalava Carrie nos braços, a tentar sossegá-la.

Jack estava perfeitamente bem. Pouco depois, no entanto, deitou-se perto de Laura e soltou um suspiro. Os seus olhos estavam vermelhos de cansaço e toda a parte de baixo do seu corpo coberta de lama seca. A mãe deu-lhe um bolo de milho e ele lambeu-se e sacudiu a cauda, bem educado, mas não conseguiu colo, de tão cansado.

- Sabe-se lá quanto tempo teve de nadar! - observou o pai. - Nem que distância foi arrastado pela corrente abaixo, antes de chegar a terra.

E quando, finalmente, os encontrara, Laura chamara-lhe um lobo e o pai ameaçara dar-Lhe um tiro!

Mas Jack sabia que não tinha sido por mal.

- Sabes que não foi por mal, não sabes? - perguntou-lhe Laura, e Jack abanou o coto da cauda: sabia.

Já passava da hora de dormirem. O pai prendeu Pet e Patty à manjedoura, na retaguarda do carroção, e deu-lhes milho. Carrie readormecera e amãe ajudou Maria e Laura a despirem-se. Enfiou-lhes as compridas camisas de dormir pela cabeça, enquanto elas estendiam os braços para as mangas. Elas próprias abotoaram os peitinhos e ataram os cordões das toucas de dormir sob o queixo. Debaixo do carroção, Jack deu três voltas, cansado, e por fim deitou-se para dormir.

Laura e Maria rezaram as suas orações, no carroção, e meteram-se na sua pequenina cama. Amãe deu-Lhes um beijo de boas-noites.

Do lado de fora da lona, Pet e Patty comiam a sua ração de milho. Quando Patty enfiava o focinho na manjedoura, Laura ouvia o barulho que fazia mesmo junto do seu ouvido. Ouviam-se pequenas corridinhas na erva e nas árvores perto do ribeiro, um mocho piava: "u-u? u-u?" Respondeu-lhe outro, de mais longe: "u-u, úu-u." Muito mais longe ainda, os lobos uivavam na pradaria e, debaixo do carroção, Jack rosnava baixinho. Dentro do carroção sentiam-se todos seguros e aconchegados.

Defronte da cobertura aberta do carroção, pendiam, muito numerosas, as grandes estrelas cintilantes. Laura pensou que o pai podia chegar-Lhes. Quem lhe dera que ele tirasse a maior de todas do fio de que estava suspensa do céu e lha oferecesse! Estava bem acordada, não tinha sono nenhum, mas, de repente, ficou muito surpreendida: a estrela grande piscara-lhe!

Nisto, acordou, na manhã seguinte.

26 27

4.

Dia na PRADARIA

Laura ouviu, muito perto do ouvido, relinchozinhos baixos e o tamborilar do milho na manjedoura. O pai estava a dar o pequeno-almoço a Pet e Patty.

- Para trás, Pet, não sejas sôfrega - disse. - Sabes que é a vez da Patty.

Pet bateu com uma pata e soltou um pequeno relincho.

- Então Patty, fica do teu lado da manjedoura - disse o pai.

- Este lado é da Pet.

Foi a vez de Patty protestar.

- Ah, levaste uma dentadinha, não levaste?! - perguntou o pai. - Foi bem feito. Eu disse-te que comesses o teu milho.

Maria e Laura olharam uma para a outra e riram-se.

Cheirava-lhes a toucinho fumado e a café e ouviam panquecas a rechinar na chapa. Saltaram da cama.

Maria conseguia vestir-se sozinha e só não era capaz de abotoar o botão do meio. Laura abotoou-Lho e depois Maria abotoou os botões dela todos. Lavaram as mãos e a cara na bacia de folha colocada no degrau do carroção. A mãe desembaraçou-lhes o cabelo e penteou-as, enquanto o pai ia buscar mais água ao ribeiro.

Depois sentaram-se na erva limpa e, com os pratos de folha no colo, comeram panquecas, toucinho fumado e melaço.

A toda a volta, moviam-se sombras sobre a erva ondulante, enquanto o Sol subia no céu. Cotovias levantavam voo das ondas de erva para o céu alto

e claro a cantar. Nuvenzinhas cor de pérola vogavam no azul imenso. Em cima de todos os tufos de erva passarinhos minúsculos oscilavam e cantavam fininho. O pai disse que eram pardais.

- Pardalito, pardalito! - cantarolou Laura, a imitar os passarinhos. - Pardalito!

- Come, Laura - admoestou-a a mãe. - Deves ter boas maneiras, mesmo que estejamos a mais de cem quilómetros de tudo.

O pai sorriu brandamente e observou:

- Estamos só a sessenta quilómetros de Independence, Carolina, e sem dúvida há um ou outro vizinho mais perto do que isso.

- Sejam sessenta quilómetros, nesse caso - concordou a mãe.

- Mas de qualquer modo é feio cantar à mesa. Ou quando se está a comer - acrescentou, visto não haver mesa.

Havia só a enorme e deserta pradaria, com a erva agitada em ondas de luz e sombra, em toda a sua extensão, o grande céu azul a cobri-la e os passarinhos a voar e a cantar de alegria, porque o Sol nascia. E não se ia em lado algum sinal de que qualquer outro ser humano ali tivesse estado jamais.

No meio de todo aquele espaço de terra e céu erguia-se o solitário e pequeno carroção coberto, junto do qual estavam sentados o pai, a mãe, Laura, Maria e Carrie, a tomar o pequeno-almoço. Os cavalos comiam a sua ração de milho e Jack, imóvel, fazia um grande esforço para não pedir que lhe dessem de comer. Laura não estava autorizada a dar-lhe de comer enquanto ela própria comia, mas reservava-lhe bocadinhos de comida, que depois lhe dava. E a mãe fez uma grande panqueca para ele, com o resto da massa.

Havia coelhos por toda a parte e milhares de galinhas-da-pradaria, mas naquele dia Jack não podia caçar o seu próprio pequeno-almoço: o pai ia caçar e ele tinha de ficar de guarda ao acampamento.

Primeiro, o pai atou Pet e Patty às cordas compridas. Depois tirou a selha do lado do carroção e encheu-a de água do ribeiro. A mãe ia lavar.

Em seguida, o pai enfiou a machadinha afiada no cinto, suspendeu o polvorinho ao lado da machadinha, meteu a caixa das buchas e a bolsa das balas na algibeira e pegou na espingarda.

- Não te apresses, Carolina - disse à mãe. - Só partiremos quando quisermos. Dispomos de todo o tempo que nos apetecer.

E foi-se embora. Durante um bocado viram-lhe a parte superior do corpo acima da erva alta, a afastar-se e a tornar-se cada vez mais pequena. Depois desapareceu e a pradaria ficou de novo deserta.

Maria e Laura lavaram a louça, enquanto a mãe fazia as camas, no carroção. Arrumaram muito bem os pratos lavados na caixa que lhes competia. Apanharam todos os gravetozinhos espalhados pelo chão e puseram-nos no lume e empilharam a lenha contra uma das rodas do carroção. Assim, tudo no acampamento ficou limpo e arrumado.

A mãe trouxe do carroção o recipiente de madeira do sabão mole, arregaçou a saia e as mangas e ajoelhou-se defronte da selha, na erva. Lavou lençóis, fronhas e roupa branca interior, lavou vestidos e camisas, passou tudo por água limpa e depois estendeu na erva para secar ao sol.

Maria e Laura foram «explorar». Não se podiam afastar muito do carroção, mas mesmo assim era divertido correr através da erva alta, ao sol e ao vento. À sua frente, saltavam grandes coelhos e pássaros levantavam voo e voltavam a pousar. Havia pardalitos minúsculos por toda a parte, com os ninhos muito pequeninos nos tufos altos de erva. Havia também por toda a parte geomis pequenos, castanhos às riscas.

Esses animaizinhos pareciam macios como o veludo, tinham olhos redondos e brilhantes, focinho enrugado e patinhas muito pequeninas. Surdiam de buracos do chão e levantavam-se para olhar para Maria e Laura. Com as patas traseiras dobradas debaixo do corpo e as patinhas dianteiras dobradas e apertadas contra o peito, pareciam exactamente bocados de madeira morta espetados no chão. Com a diferença de que os seus olhos cintilavam.

Maria e Laura quiseram apanhar um para o levarem à mãe. Diversas vezes estiveram quase, quase a consegui-lo. O bichinho deixava-se ficar perfeitamente imóvel, até elas terem a certeza de que daquela vez é que era, mas depois, mal lhe tocavam, desaparecia. Só ficava o buraquinho redondo no chão.

Laura fartou-se de correr, mas não apanhou nem um. Quanto a Maria, ajoelhou-se, muito quieta, ao lado de um buraco, à espera de que o dono da toca viesse à superfície, enquanto à sua volta uma quantidade de geomis saltitavam alegremente ou se apoiavam nas patas traseiras a olhar para ela. Mas do

buraco não saiu nem um.

A certa altura, pairou uma sombra através da erva e todos os geomis desapareceram. Era um falcão, que voava sobre a pradaria. Voava tão baixo que Laura lhe pôde ver o olho redondo e cruel virado para baixo, a olhar para ela, o bico afiado e as garras arqueadas, prontas a cair sobre a presa. Mas o falcão só viu Laura e Maria e buracos redondos e vazios no chão. Afastou-se, por isso, para procurar o almoço noutro lado.

E tanto bastou para que todos os pequeninos geomis voltassem à superfície.

Faltava pouco para o meio-dia e o Sol estava quase a pino, por cima das suas cabeças. Por isso, Laura e Maria apanharam flores silvestres e levaram-nas à mãe, em vez do geomi.

A mãe estava a dobrar a roupa seca. As calcinhas e as combinações estavam mais brancas do que a neve, quentes do sol e a cheirar a erva. A mãe pôs a roupa no carroção e pegou nas flores. Admirou igualmente as de Laura e as de Maria e colocou-as juntas num púcaro de água. Pôs o copo no degrau do carroção, para tornar o acampamento bonito.

30 31

Depois abriu dois bolos de milho frios e barrou-os de melaço: um para Maria e outro para Laura. Foi o seu almoço e soube-lhes muito bem.

- Onde está um papuse? - perguntou Laura.

- Não fales com a boca cheia, Laura - disse a mãe.

Por isso, Laura mastigou e engoliu o que tinha na boca, antes de insistir:

- Quero ver um papuse.

- Valha-nos Deus! - exclamou a mãe. - Porque queres tu ver índios? Havemos de ver muitos. Não me admiraria se víssemos, até, a mais do que desejamos.

- Não nos farão mal, pois não? - perguntou Maria, que era sempre muito bem comportada e nunca falava com a boca cheia.

- Não! - respondeu-lhe a mãe. - Não metas ideias dessas na tua cabeça.

- Porque não gosta de índios, Ma? - perguntou Laura e, com a ponta da língua, lambeu um pingo de melaço.

- Porque não gosto de mais nada. E não lambas os dedos, Laura.

- Mas isto é terra de índios, não é? - teimou Laura. - Porque viemos para a sua terra, se não gosta deles?

A mãe disse-lhe que não sabia se ali era terra de índios ou não. Não se sabia onde ficava a fronteira do Cansas. Mas fosse ou não fosse, os índios

32

não ficariam ali muito tempo. Um homem de Washington informara o pai de que o território índio seria em breve aberto aos colonos. Talvez até já tivesse sido aberto. Não sabiam porque Washington ficava muito longe.

Depois a mãe tirou o ferro de engomar do carroção e aqueceu-o no lume. Borrifou um vestido de Maria e outro de Laura, um vestidinho da bebé Carrie e o seu vestido estampado, aos raminhos. Estendeu um cobertor e um lençol no banco do carroção e passou os vestidos a ferro.

A bebé dormia no carroção. Laura, Maria e Jack tinham-se deitado à sua sombra, pois o sol estava quente àquela hora. Jack tinha a boca aberta, a língua vermelha pendente e piscava os olhos, sonolento. A mãe cantarolava baixinho, enquanto o ferro alisava todas as rugas dos vestidos. À volta delas até mesmo à beirinha do mundo, só se via erva ondular ao vento. Muito alto, no céu, farrapos de nuvens brancas flutuavam no ar azul.

Laura estava muito contente. O vento cantava uma canção baixa e sussurrante na erva. Ouvia-se o crepitar das asas dos gafanhotos em toda a imensa pradaria e das árvores junto do rio subia um zumbido abafado. Mas todos esses ruídos formavam um grande silêncio quente e agradável. Laura nunca vira lugar nenhum de que gostasse tanto como aquele.

Só percebeu que tinha adormecido quando acordou. Jack estava de pé, a agitar o coto da cauda. O Sol estava baixo e o pai vinha pela pradaria fora, ao longe. Laura levantou-se e

desatou a correr, e a sombra comprida do pai pareceu estender-se ao encontro dela, na erva ondulante.

33

Ergueu a caça no ar, para ela ver. Apanhara um coelho - o maior que ela já vira - e duas gordas galinhas-da-pradaria. Laura, de tão contente, começou a pular, a bater palmas e a gritar. Depois agarrou a manga do outro braço do pai e foi ao lado dele, aos saltinhos, através da erva alta.

- Esta região está a abarrotar de caça - disse-lhe o pai. - Vi aí uns cinquenta gamos, além de antílopes, esquilos, coelhos e aves de toda a espécie. E o ribeiro está cheio de peixe - disse, depois à mãe. - Podes crer, Carolina, há aqui tudo quanto precisamos. Poderemos viver como reis!

O jantar foi maravilhoso. Sentaram-se junto da fogueira e comeram a carne tenra e gostosa, até mais não poderem. Quando, por fim, pousou o prato, Laura suspirou, regalada. Não lhe apetecia mais nada neste mundo.

A última cor desaparecia do céu enorme e toda a terra plana estava a escurecer. O calor da fogueira sabia bem, porque o vento nocturno era fresco. Papa-moscas piavam tristemente no arvoredor, junto do rio.

34

Um pássaro cantou um bocadinho, mas as estrelas acenderam-se e os pássaros calaram-se todos.

Suavemente, a rabeca do pai soou à luz das estrelas. De vez em quando, ele cantava um bocadinho; outras vezes, cantava a rabeca sozinha. A voz suave, fina e distante da rabeca não se cansava:

Quem te conhece tinha de amar-te,
Querida do meu coração...

As grandes estrelas brilhantes pendiam do céu. Pareciam ficar cada vez mais baixas, a palpitar de música.

Laura soltou uma exclamação e a mãe aproximou-se logo dela.

- Que foi, Laura?

- As estrelas estavam a cantar - respondeu Laura, baixinho.

- Adormeceste, foi o que foi. É a rabeca. De qualquer modo, são horas de as meninas pequenas irem para a cama.

Despiu Laura à luz da fogueira, vestiu-lhe a camisa de dormir, atou-lhe a touca e aconchegou-a na cama. Mas a rabeca continuou a cantar à luz das estrelas. A noite estava cheia de música e Laura tinha a certeza de que parte dela vinha das grandes e luminosas estrelas, que pareciam oscilar tão baixo, por cima da pradaria.

35

5.

A CASA NA PRADARIA

Na manhã seguinte, Laura e Maria levantaram-se mais cedo do que o Sol. Comeram o pequeno-almoço de papas de milho com molho de galinha-da-pradaria e apressaram-se a ajudar a mãe a lavar a louça. O pai estava a meter tudo o mais no carroção e a atrelar Pet e Patty.

Quando o Sol nasceu, já iam pela pradaria fora. Agora não havia estrada. Pet e Patty abriam caminho através da erva e o carroção só deixava atrás de si o rasto das suas rodas.

Antes do meio-dia, o pai gritou: "Aí", e o carroção parou.

- Cá estamos, Carolina! - exclamou. - Construiremos aqui mesmo a nossa casa.

Laura e Maria passaram para a manjedoura e daí saltaram para o chão, muito apressadas. À sua volta só havia pradaria, que

se estendia até à orla do céu.

As terras baixas do ribeiro ficavam perto, a norte, abaixo da pradaria. Viam-se algumas copas de árvores verde-escuras e, para lá delas, fragmentos do limite dos penhascos de terra vermelha seguravam a erva da pradaria. Muito ao longe, a leste, uma linha irregular, de tons verdes diferentes, atravessava a pradaria. O pai disse que era o rio.

- É o rio Verdigris - disse, e apontou-o para a mãe ver.

O pai e a mãe começaram logo a descarregar o carroção. Tiraram tudo e empilharam as coisas no chão. Depois tiraram a cobertura do carroção e taparam as coisas com ela. Em seguida, soltaram até a caixa do carroção, sob os olhares de Laura, Maria e Jack.

O carroção tinha sido a sua casa durante muito tempo, mas agora só restavam dele as quatro rodas e as peças que as ligavam entre si.

36

Pet e Patty continuavam atreladas ao varal. O pai pegou num balde e no machado, sentou-se no que restava do carroção e partiu pela pradaria fora, até deixar de se ver.

- Aonde foi o Pá? - perguntou Laura.

- Foi buscar uma carga de troncos às terras baixas do rio.

Era estranho e assustador ficar sem o carroção na Alta Pradaria. A terra e o céu pareciam demasiado grandes e Laura sentia-se pequenina. Apetecia-lhe esconder-se e ficar quietinha na erva alta, como uma pequena galinha-da-pradaria. Mas não o fez. Ajudou a mãe, enquanto Maria se sentava na erva e tomava conta da bebé Carrie.

Laura e a mãe começaram a fazer as camas debaixo da tenda formada pela cobertura do carroção. Depois a mãe arrumou os caixotes e as trouxas, enquanto Laura arrancava a erva toda do espaço que ficava defronte da tenda, para a fogueira. Claro que não poderiam acender o lume enquanto o pai não trouxesse a lenha.

Como não tinha mais nada que fazer, Laura explorou um pouco, sem se afastar muito da tenda. Encontrou uma espécie de

tunelzinho engraçado, na erva. Quem olhasse para o cimo da erva ondulante, não daria por ele, mas se alguém se aproximava, lá estava: um carreiro estreito, recto e duro aberto entre os caules da erva. Seguia por ali fora, até mergulhar na infindável pradaria.

Laura andou um bocadinho por ele adiante. Foi andando devagar, mais devagarinho ainda, até que parou, a sentir-se esquisita. Por isso, voltou depressa para trás. Olhou por cima do ombro e não viu nada. Mas mesmo assim continuou a andar depressa.

Quando o pai chegou com um carregamento de troncos, Laura falou-lhe do carreiro e ele disse que já o vira no dia anterior.

- Deve ser algum caminho antigo.

Nessa noite, junto da fogueira, Laura voltou a perguntar quando veria um papuse. Mas o pai não sabia. Disse-lhe que nunca se viam índios, a não ser quando eles queriam ser vistos. Tinha visto índios

37

quando era rapaz, no estado de Nova Iorque, mas Laura nunca vira nenhum. Só sabia que eram homens selvagens de pele encarnada e que os seus machados se chamavam tomahawks.

Como o pai sabia tudo a respeito de animais selvagens, também devia saber tudo a respeito de homens selvagens. Laura estava convencida de que, qualquer dia, ele lhe mostraria um papuse, assim como lhe mostrara corçozinhos, ursinhos e lobos.

Durante dias o pai carregou troncos, com os quais fez duas pilhas: uma para a casa e outra para o estábulo. Começou a haver um caminho, por onde ele passava quando ia às terras baixas do rio e de lá voltava. À noite, presas às cordas, Pet e Patty comiam a erva, até ficar curta e grossa, a toda a volta dos montes de troncos.

O pai começou a fazer a casa primeiro. Mediu o tamanho a passo, no chão, depois pegou na pá e abriu um sulco pouco fundo ao longo de dois lados desse espaço. Rebolou para esses sulcos dois dos troncos maiores. Eram troncos sãos e fortes,

porque tinham de sustentar a casa. Chamavam-se soleiras.

Em seguida, o pai escolheu mais dois troncos grandes e fortes e rolou-os até às extremidades das soleiras, de modo a formarem um quadrado vazio no interior. Pegou então no machado e fez um entalhe fundo e largo perto da ponta desses troncos. Fez os entalhes na parte de cima dos troncos, mas mediu as soleiras a olho e fê-los de maneira que se ajustassem bem à volta de metade do diâmetro da soleira.

Abertos os entalhes, virou o tronco. Os entalhes ajustaram-se à soleira. Estavam acabados os alicerces da casa, que já tinha um tronco de altura. As soleiras estavam meio enterradas no chão, no qual as extremidades dos troncos assentavam perfeitamente. Aos cantos, onde se cruzavam, os entalhes permitiam que se ajustassem e não ficassem um mais alto do que o outro. As duas pontas ficavam saídas, a partir dos entalhes.

No dia seguinte, o pai começou a levantar as paredes. Rolou um tronco de cada lado e entalhou-lhes as pontas, para assentarem e se ajustarem nos troncos laterais. A casa já tinha dois troncos de altura.

Os troncos encaixavam solidamente uns nos outros, aos cantos. Mas como não há nenhum tronco perfeitamente liso e todos eles são mais largos numa ponta do que na outra, ficavam fendas a todo o comprimento das paredes. Mas isso não tinha importância, pois o pai colmatá-las-ia.

Sozinho, construiu a casa até três troncos de altura. Depois a mãe teve de o ajudar. O pai levantava a ponta de um tronco para a parede e depois a mãe segurava-o, enquanto ele levantava o outro lado. Ele punha-se de pé em cima da parede, para fazer os entalhes, e a mãe ajudava-o a virar e segurar o tronco, enquanto ele o assentava como devia ser, para que o canto ficasse perfeitamente em ângulo recto.

Assim, tronco a tronco, foram levantando as paredes, até ficarem tão altas que Laura já não lhes podia saltar por cima. Cansada de ver o pai e a mãe construírem a casa, foi até à erva alta, explorar. De súbito, ouviu o pai gritar:

- Larga! Sai daí debaixo!

O tronco grande e pesado estava a escorregar e o pai tentava segurar o seu lado, para evitar que caísse em cima da mãe. Mas não conseguiu. O tronco caiu e Laura viu a mãe dobrada no

chão.

Chegou junto dela quase tão depressa como o pai. O pai ajoelhou e chamou a mãe numa voz muito assustada.

- Estou bem - respondeu ela, ofegante.

O tronco caíra-lhe em cima do pé. O pai levantou o tronco e a mãe tirou o pé debaixo dele. O pai apalpou-lho, para ver se partira alguns ossos.

- Mexe os braços - disse-lhe. - Doem-te as costas? Podes virar a cabeça?

A mãe mexeu os braços e virou a cabeça.

38 39

- Graças a Deus! - exclamou o pai, e ajudou-a a sentar-se.

- Estou bem, Charles - repetiu ela. - É só o meu pé.

O pai descalçou-lhe o sapato e a meia, muito depressa, apalpou-lhe o pé todo e fê-la mover o tornozelo, o peito do pé e os dedos todos.

- Dói-te muito?

A cara da mãe estava cinzenta e não se lhe viam os lábios, de tão apertados.

- Não dói muito - respondeu.

- Não há ossos partidos - disse o pai. - É só uma deslocação grande.

40

- Uma deslocação cura-se depressa - redarguiu a mãe, tranquilizadora. - Não estejas tão preocupado, Charles.

- O culpado fui eu. Devia ter usado suportes.

Ajudou-a a ir para a tenda, pôs lenha na fogueira e aqueceu água. Quando a água estava quente quanto a mãe podia suportar, meteu nela o péinchado.

Foi uma grande sorte o pé não ter ficado esmagado. Só uma covinha do chão o evitou.

O pai foi deitando mais água quente no alguidar onde o pé da

mãe estava mergulhado. O pé estava vermelho do calor e o tornozelo inchado começou a ficar escuro. A mãe tirou o pé da água e envolveu-o, e ao tornozelo, em tiras de pano bem apertadas.

- Cá me hei-de arranjar - disse.

Não pôde calçar o sapato. Mas enfaixou mais o pé e, a coxear, fez o jantar, como de costume, embora um bocadinho mais devagar. O pai disse que ela não poderia ajudar a fazer a casa enquanto o tornozelo não estivesse bom.

Com o machado, fez suportes, que eram umas pranchas compridas e planas. Uma extremidade assentava no chão e a outra na parede de troncos. Não levantaria mais troncos; ele e a mãe rolá-los-iam pelos suportes acima.

Mas o tornozelo da mãe ainda não estava bom. Quando ela o desligava, à noite, para o meter em água quente, estava todo cor de púrpura, negro, verde e amarelo. A casa tinha de esperar.

41

Até que, uma tarde, o pai subiu a estrada que vinha do ribeiro a assobiar alegremente. Tinha ido caçar e não esperavam que regressasse tão cedo. Assim que as viu gritou:

- Trago boas notícias!

Tinham um vizinho apenas a três quilómetros de distância, do outro lado do ribeiro. O pai encontrara-o na floresta. Iam permutar trabalho, o que facilitaria a vida a todos.

- Ele é solteiro - informou o pai - e diz que passa melhor sem casa do que tu e as pequenas. Por isso, vai ajudar-me primeiro. Depois, assim que tiver os seus troncos preparados, vou eu ajudá-lo a ele.

Não precisavam de esperar mais tempo pela casa e a mãe já não precisava de ajudar a fazê-la.

- Que me dizes, hem, Carolina? - perguntou o pai, alegremente.

- Acho bem, Charles - respondeu a mãe. - Fico satisfeita.

O Sr. Edwards chegou na manhã seguinte, muito cedo. Era magro, alto e bronzeado. Inclinou a cabeça à mãe e tratou-a

delicadamente por "minha senhora". Mas disse a Laura que era um gato-bravo do Tenessi. Usava botas altas, fato-macaco roto e barrete de pele, e era capaz de cuspir suco de tabaco a uma distância que Laura nunca julgara possível. E acertava sempre naquilo que escolhia como alvo da saliva, fosse o que fosse. Laura bem experimentou, mas nunca foi capaz de cuspir tão longe nem tão certamente como o Sr. Edwards.

Era um trabalhador desembaraçado. Num dia, ergueram as paredes à altura que o pai queria. Enquanto trabalhavam, cantavam e gracejavam e os seus machados faziam voar as lascas de madeira.

Por cima das paredes construíram o esqueleto do telhado, de barrotes estreitos. Depois, na parede sul, fizeram uma abertura alta para a porta e nas paredes leste e oeste cortaram quadrados, para as janelas.

Laura estava desejava de ver o interior da casa. Assim que a abertura alta para a porta ficou feita, correu lá para dentro. Era tudo às riscas, no interior. O sol que entrava pelas fendas da parede ocidental traçava riscas de luz, enquanto os barrotes do esqueleto do telhado projectavam riscas de sombra. As riscas de sombra e de luz cruzavam as mãos, os braços e os pés nus de Laura, que via riscas de pradaria através das fendas entre os troncos. O cheiro agradável da pradaria misturava-se ao cheiro agradável da madeira cortada.

Depois, enquanto o pai serrava os troncos para a abertura da janela, na parede ocidental, entravam jorros de sol. Quando ele acabou, reflectiu-se no chão do interior da casa um grande naco de sol.

O pai e o Sr. Edwards pregaram à volta dos troncos cortados da porta e da janela tábuas finas. A casa estava acabada; só faltava o telhado. As paredes eram sólidas e a casa grande, muito maior do que a tenda. Era uma boa casa.

O Sr. Edwards disse que se ia embora, mas o pai e a mãe insistiram em que ficasse para jantar. A mãe fizera um jantar especial, em virtude de terem uma visita.

Havia coelho guisado com bolinhos de farinha branca e muito molho. Havia pão fumegante, de farinha de milho, temperado com gordura de toucinho fumado. Havia melaço para barrar o pão de milho, mas como se tratava de um jantar especial não adoçaram o café com melaço: a mãe, foi buscar o cartuchinho de açúcar

amarelo ao armazém.

O Sr. Edwards disse que gostou muito do jantar.

Depois o pai foi buscar a rabeca.

O Sr. Edwards estendeu-se no chão, para ouvir, mas o pai tocou primeiro para Laura e Maria. Tocou a canção de que elas mais gostavam e cantou-a. A preferência de Laura devia-se ao facto de a voz do pai se tornar grave, muito grave, naquela canção.

Oh, eu sou um rei cigano!

Faço aquilo que me apetece!

Puxo o barrete de dormir pra baixo

E todo o mundo me pertence!

Depois a sua voz tornava-se grave, mais grave, mais grave até do que a da mais velha das rãs:

Oh, eu sou um rei ci GANO!

Desataram todos a rir e Laura teve dificuldade em parar.

- Oh, cante outra vez, Pá! Cante outra vez! - gritou, antes de se lembrar de que as crianças devem ser vistas e não ouvidas; quando se lembrou, calou-se.

O pai continuou a tocar e começou tudo a dançar. O Sr. Edwards soergueu-se num cotovelo, depois sentou-se e por fim levantou-se de um pulo e dançou.

42 43

Dançou como um boneco articulado ao luar, enquanto a rabeca tocava alegremente, o pé do pai batia o compasso no chão e as mãos de Laura e Maria batiam palmas - e os pés igualmente batiam o compasso.

- Você é o rabequista mais engraçado que já conheci! - gritou o Sr. Edwards ao pai, cheio de admiração.

O Sr. Edwards não parava de dançar e o pai não parava de tocar. Tocou O Cheiro do Dinheiro, Viajante do Arcansas, Lavadeira Irlandesa e a Corneta do Diabo.

O vozeirão do pai e a vozinha de Laura ecoaram pela pradaria e da margem do ribeiro chegaram, baixinho, os dois últimos versos cantados pelo Sr. Edwards:

Deixem o velho Dan Tucker passar,
Que vem atrasado para o jantar!

Quando a rabeca do pai emudeceu, já não ouviram a voz do Sr. Edwards. Só o vento murmurava entre a erva da pradaria. A grande Lua amarela flutuava, alta, no céu. O céu estava tão cheio de luz que a bebé Carrie não conseguia dormir com toda aquela música. Sentada no colo da mãe, olhava para o Sr. Edwards de olhos arregalados, batia palmas com as mãos pequeninas e ria.

Até as chamas da fogueira dançavam e a toda a sua volta as sombras dançavam também. Só a casa nova estava imóvel e silenciosa na escuridão, até que a lua cheia nasceu e iluminou as suas paredes cinzentas e as lascas de madeira amarela espalhadas à sua volta.

O Sr. Edwards disse que tinha de ir andando. O caminho de regresso ao seu acampamento, que ficava do outro lado da floresta e do ribeiro, era muito longo. Pegou na espingarda e deu as boas-noites a Laura, a Maria e à mãe. Declarou que um solteirão às vezes se sentia muito só e que gostara daquele serão em família.

- Toque, Ingalls! - pediu. - Toque para a música me acompanhar pela estrada fora.

Por isso, enquanto ele descia a estrada do rio e desaparecia, o pai tocou e cantou, e o Sr. Edwards e Laura cantaram também com todas as suas forças:

E morreu de uma dor de dentes na algibeira. Deixem o

velho Dan Tucker passar,
Que vem atrasado para o jantar!
O jantar está comido e os pratos lavados
E só restam de abóbora uns bocados.
O velho Dan Tucker foi à cidade,
Montado num macho e de cão à trela...

44 45

não se via brilhar nem uma estrelinha e toda a pradaria estava cheia de música. Tornou-se tudo silencioso para ouvir o canto do rouxinol, que cantou, cantou ... O vento fresco percorria a pradaria e o canto do rouxinol ouvia-se, vibrante e nítido, acima dos murmúrios da erva. O céu parecia uma taça de luz voltada para baixo, para a terra negra e plana.

O rouxinol calou-se. Ninguém se mexeu nem falou. Laura e Maria estavam muito caladas e o pai e a mãe imóveis. Só o vento suspirava e a erva bulia. Então o pai apoiou a rabeca no ombro e, docemente, encostou o arco às cordas. Soaram algumas notas, límpidas como gotas de água a cair no silêncio. Uma pausa, e depois o pai começou a tocar a canção do rouxinol. O rouxinol respondeu-Lhe, começou a cantar de novo. Cantou a acompanhar a rabeca do pai.

Quando as cordas emudeciam, o rouxinol continuava a cantar. Quando o rouxinol se calava, a rabeca chamava-o e ele cantava de novo. A ave e a rabeca falavam uma com a outra na noite fresca, ao luar.

6.

MUDANÇA

- As paredes estão levantadas - dizia o pai à mãe, de manhã.
- Acho melhor mudarmo-nos lá para dentro e remediarmo-nos o

melhor que pudermos sem soalho e outras coisas. Tenho de construir o estábulo o mais depressa possível, para que Pet e Patty também tenham um abrigo. A noite passada ouvi lobos uivarem de todas as direcções, segundo parecia, e de perto.

- Bem, tens a tua espingarda e, por isso, não me preocupo - respondeu a mãe.

- Sim, e também há o Jack. Mas sentir-me-ei mais tranquilo quando tu e as garotas estiverem protegidas por paredes sólidas.

- Na tua opinião, porque será que ainda não vimos índios nenhuns? - perguntou a mãe.

- Oh, não sei! - respondeu o pai, despreocupado. - Vi os acampamentos deles entre os penhascos. Creio que estão ausentes, numa excursão de caça.

A mãe chamou:

- Meninas, nasceu o Sol!

Laura e Maria saltaram da cama e vestiram-se.

- Vá, comam o pequeno-almoço depressa - disse a mãe, enquanto lhes punha nos pratos de folha o resto do coelho guisado. - Hoje mudamo-nos para a casa e todas as aparas de madeira têm de ser apanhadas.

Por isso, as duas comeram depressa e apressaram-se a tirar de casa todas as aparas de madeira. Andaram num corropio, para cá e para lá com toda a rapidez

46 47

possível, com as saias cheias de aparas que despejavam num monte perto da fogueira. Mas mesmo assim ainda havia aparas dentro de casa quando a mãe começou a varrê-la com a vassoura de ramos de salgueiro.

A mãe coxeava, embora o seu tornozelo começasse a ficar bom. Varreu o chão de terra num instante, e depois Maria e Laura começaram a ajudá-la a levar as coisas para dentro de casa.

O pai estava empoleirado nas paredes, a estender a cobertura de lona do carroção por cima da armação do telhado. O vento enfunava a cobertura, a barba do pai voava num desalinho e o seu cabelo estava em pé, como se quisesse soltar-se da cabeça.

Mas ele agarrava a lona com força e resistia ao vento. A certa altura, porém, o vento puxou-a de tal maneira que Laura pensou que ou ele a largava ou ia pelos ares, a voar como um pássaro. Mas o pai firmou-se bem nas paredes, com as pernas, agarrou a lona ainda com mais força e prendeu-a.

- Pronto! - disse. - Fica onde estás e vai...

- Charles! - admoestou a mãe, com os braços cheios de mantas, a olhá-lo reprovadamente.

... e porta-te bem - emendou o pai, a falar com a lona. - Que pensavas que eu ia dizer, Carolina?

- Oh, Charles, meu tunante! - brincou a mãe.

O pai desceu pelo canto da casa. As pontas saídas dos troncos serviram-lhe de escada. Passou as mãos pelo cabelo, que ficou ainda mais desalinhado, e a mãe desatou a rir. Então ele abraçou-a, com mantas e tudo.

- Uma casinha aconchegada, hem?

- Sentir-me-ei grata quando estiver lá dentro - disse a mãe.

Não havia porta nem janelas. Também não havia soalho, só chão de terra, e o telhado era a cobertura de lona. Mas a casa tinha boas paredes resistentes e ficaria onde estava. Não era como o carroção, que todas as manhãs partia para outro lado qualquer.

- Vamos viver bem aqui, Carolina - disse o pai. - É uma boa região, onde não me importarei de passar o resto da vida.

- Mesmo quando estiver povoada?

- Mesmo quando estiver povoada. Por muitos que sejam os vizinhos, e por muito perto que fiquem, aqui nunca me sentirei apertado. Olha para o céu!

Laura compreendeu o que o pai queria dizer. Ela também gostava daquele lugar. Gostava do céu enorme e dos ventos, da terra cujo fim não se via. Era tudo muito novo, limpo, grande e maravilhoso.

À hora do almoço a casa estava arrumada. O banco do carroção e dois cotos de troncos serviam de cadeiras. As camas estavam muito bem feitas, no chão, e a espingarda do pai encontrava-se nos seus suportes, por cima da abertura da porta. Caixotes e trouxas estavam arrumados, encostados às paredes. Era uma casa agradável. Pelo telhado de lona coava-se uma luz suave, o vento e o sol entravam pelas aberturas das janelas e todas as fendas das quatro paredes brilhavam um bocadinho, porque o Sol

estava a pino.

Só o lume continuava no mesmo sítio. O pai disse que faria uma chaminé na casa, assim que pudesse. Também cortaria pranchas para fazer um bom telhado, antes de chegar o Inverno. Assentaria um chão de tábuas e faria camas, mesas e cadeiras. Mas todo esse trabalho teria de esperar para depois de ele ajudar o Sr. Edwards e de construir um estábulo para Pet e Patty.

- Quando isso tudo estiver pronto - disse a mãe -, quero uma corda para a roupa.

- E eu quero um poço! - replicou o pai, a rir.

Depois do almoço atrelou Pet e Patty ao carroção e foi buscar uma selha de água ao ribeiro, para a mãe poder lavar a roupa.

- Podias lavar a roupa no ribeiro - observou. - As mulheres índias lavam lá.

- Se quiséssemos viver como índios, abrias um buraco no telhado para deixar sair o fumo e acendíamos o lume no chão, dentro de casa - respondeu-lhe a mãe. - É assim que os índios fazem.

48 49

Nessa tarde, a mãe lavou a roupa na selha e estendeu-a na erva a secar.

Depois do jantar, sentaram-se um bocado junto da fogueira. Nessa noite dormiriam dentro de casa; nunca mais dormiriam ao lado de uma fogueira de acampamento. O pai e a mãe falaram da família do Wisconsin e a mãe disse que gostaria de Lhes poder escrever uma carta. Mas Independence ficava a sessenta quilómetros de distância e nenhuma carta poderia seguir enquanto o pai não pudesse fazer a longa viagem até ao posto dos correios de lá.

Na Grande Floresta, tão longe, o avô e a avó, as tias e os tios e os primos e as primas não sabiam onde o pai, a mãe, Laura, Maria e a bebé Carrie estavam. E eles, ali sentados à volta da lareira, também não sabiam o que poderia ter acontecido na Grande Floresta. Não havia maneira nenhuma de

saberem.

- São horas de dormir - disse a mãe.

A bebé Carrie já estava a dormir e a mãe levou-a para dentro e despiu-a, enquanto Maria desabotoava o vestido e a combinação de Laura e o pai pendurava uma manta a tapar o buraco da porta. A manta sempre era melhor do que nada. Depois o pai foi buscar Pet e Patty para mais perto da casa.

Chamou, baixinho:

- Vem cá, Carolina, anda ver a Lua.

Maria e Laura estavam deitadas na sua pequena cama, no chão, dentro da casa nova, e viam o céu através da abertura da janela do lado leste. A orla da grande Lua luminosa brilhava na base do espaço da janela e Laura sentou-se, para ver melhor. Olhou para a grande Lua que vogava silenciosamente, muito alto, no céu límpido.

A sua luz transformava em riscas prateadas todas as fendas daquele lado da casa. O luar entrava pela abertura da janela e projectava no chão um quadrado de suave radiância. Laura viu perfeitamente a mãe, quando ela levantou a manta da porta e entrou.

Então Laura deitou-se muito depressa, antes que a mãe a visse desobedientemente sentada na cama.

Ouviu Pet e Patty relincharem baixinho, quando o pai se aproximou, e depois ouviu, vindo do chão, o bater abafado dos seus cascos. Pet e Patty, e o pai vinham na direcção da casa, e o pai cantava:

Navega, navega, Lua de prata!

Derrama a tua luz pelo céu...

A sua voz parecia fazer parte da noite, do luar e do silêncio da pradaria. Chegou à porta ainda a cantar: Ao pálido luar prateado...

- Caluda, Charles - disse-lhe a mãe, baixinho. - Acordas as crianças.

Por isso, o pai entrou em silêncio. Jack entrou atrás dele e deitou-se atravessado à entrada da porta. Agora estavam todos cercados pelas paredes fortes da casa nova, aconchegados e em

segurança. Sonolentemente, Laura ouviu um longo uivo de lobo, muito ao longe, na pradaria. Mas sentiu apenas um pequeno calafrio na espinha e adormeceu, adormeceu.

50 51

7.

A ALCATEIA DE LOBOS

Só num dia, o pai e o Sr. Edwards construíram o estábulo para Pet e Patty. Até lhe puseram o telhado. Mas para isso tiveram de trabalhar até muito tarde e a mãe teve de lhes guardar o jantar no borralho.

O estábulo não tinha porta, mas, ao luar, o pai cravou bem duas estacas fortes no chão, uma de cada lado da abertura da porta, e depois de meter Pet e Patty no estábulo, colocou pequenos troncos rachados ao meio uns por cima dos outros, através da abertura. As estacas seguravam-nos e ficava assim uma parede sólida.

- Pronto! - exclamou o pai. - Agora os lobos podem uivar à vontade! Esta noite dormirei descansado.

De manhã, quando o pai tirou os troncos rachados ao meio de trás das estacas, Laura ficou pasmada: ao lado de Pet estava uma potrazinha de pernas e orelhas compridas, que mal se segurava em pé.

Quando Laura correu para ela, a meiga Pet inclinou as orelhas para trás e arreganhou-lhe os dentes.

- Para trás, Laura! - disse o pai, vivamente, e acrescentou, dirigindo-se a Pet: - Sabes que não fazemos mal à tua potrazinha, não sabes?

Pet respondeu-lhe com um relinchozinho. Deixava o pai afagar a potra, mas não permitia que Laura ou Maria se aproximassem. Bastava que elas espreitassem pelas fendas da parede do estábulo para que Pet revirasse os olhos e lhes mostrasse os dentes. Nunca tinham visto uma potra com orelhas tão

compridas. O pai disse que era uma mulazinha, mas Laura replicou que lhe parecia mais um coelho grande. Por isso, baptizaram-na de Bunny, que quer dizer coelhinha.

Quando Pet estava presa à corda, com Bunny a morder a erva à sua volta e a admirar-se com o grande mundo que a cercava, Laura tinha de tomar muito bem conta da bebé Carrie. Se alguém, a não ser o pai, se aproximava de Bunny, Pet relinchava, enraivecida, e preparava-se para morder qual delas fosse.

No princípio da tarde de domingo, o pai montou Patty e foi dar uma volta pela pradaria, para a conhecer melhor. Como havia muita carne em casa, não levou a espingarda.

Cavalgou através da erva alta, ao longo da orla dos penhascos do ribeiro. À sua frente voavam pássaros, que descreviam círculos e desapareciam entre a erva. O pai olhava para as terras baixas do rio, enquanto cavalgava. Talvez estivesse a ver os gamos que por lá pastavam. Nisto, Patty começou a galopar e o pai e ela tornaram-se rapidamente muito pequenos, até só se ver erva ondulante onde eles tinham estado.

Ao fim da tarde, o pai ainda não regressara a casa. A mãe atizou as brasas, acrescentou o lume com aparas de madeira e começou a fazer o jantar. Maria estava em casa, a tomar conta da bebé, e Laura perguntou à mãe:

- Que terá o Jack?

Jack andava de um lado para o outro e parecia inquieto. Franzia o nariz na direcção do vento e o pêlo do pescoço punha-se-lhe em pé, descia e eriçava-se de novo. De súbito, ouviram-se os cascos de Pet. Correu à volta do círculo que a corda lhe permitia descrever e imobilizou-se, a relinchar baixinho, como num lamento. Bunny chegou-se para ela.

- Que é, Jack? - perguntou a mãe ao cão.

Ele olhou-a, mas, claro, não pôde dizer nada. A mãe olhou em redor do grande círculo de terra e céu, mas não viu nada de anormal.

-O mais certo é não ser nada, Laura - disse.

Amontoou brasas à volta da cafeteira, da aranha e em cima da cobertura do forno. A galinha-da-pradaria rechinava na aranha e os bolos de milho começavam a cheirar bem. Mas a mãe olhava constantemente à volta da pradaria. E Jack andava de um lado para o outro, desassossegado, e Pet não comia erva. Olhava para noroeste, na direcção que o pai tomara, e conservava a potra a seu lado.

De repente, Patty apareceu a correr através da pradaria. Vinha toda esticada, a correr com quanta força tinha, e o pai estava todo inclinado para a frente, quase colado ao seu pescoço.

Patty ultrapassou o estábulo, antes que o pai conseguisse fazê-la parar. Teve de puxar as rédeas com tanta força, para a deter, que ela quase se sentou. Tremia toda e tinha o pêlo preto manchado de suor e espuma. O pai desmontou, ofegante.

- Que se passa, Charles? - perguntou-lhe a mãe.

Como o pai olhava na direcção do rio, a mãe e Laura olharam também. Mas só viram o espaço acima das terras baixas, com algumas copas de árvores, e os cumes distantes dos penhascos de terra, abaixo dos pastos da Alta Pradaria.

- Que se passa? - repetiu a mãe. - Porque vinhas a cavalgar daquela maneira?

O pai respirou fundo, antes de responder:

- Estava com medo de que os lobos chegassem cá primeiro do que eu. Mas verifico que está tudo bem.

- Lobos! - gritou a mãe. - Que lobos?

- Está tudo bem, Carolina. Deixa-me recuperar o fôlego.

Quando pôde respirar melhor, o pai explicou:

- Não vim a cavalgar daquela maneira por querer. Tive de fazer tudo para conseguir dominar a Patty. Cinquenta lobos, Carolina, os maiores lobos que já vi. Não voltaria a passar pelo mesmo, nem por uma pilha de dinheiro.

Uma sombra estendeu-se sobre a pradaria, porque o Sol se pusera, e o pai acrescentou:

- Eu depois conto-te.

- Jantamos em casa - disse a mãe.

- Não há necessidade disso - afirmou o pai. - O Jack avisar-nos-á com tempo suficiente.

Foi buscar Pet e a potra, mas ao contrário do que era hábito

não as levou, e à Patty, ao rio, para beberem. Deu-lhes água na selha, que estava cheia para a mãe lavar na manhã seguinte. Escovou os flancos suados e as pernas de Patty e meteu-a no estábulo, com Pet e Bunny.

O jantar estava pronto. O lume formava um círculo de luz na escuridão. Laura e Maria ficaram junto do lume e conservaram com elas a bebé Carrie. Sentiam a escuridão a toda a volta e olhavam constantemente para trás, para o ponto onde o escuro se confundia com a orla da claridade do lume e onde se agitavam sombras, como se tivessem vida.

Jack estava sentado nas patas traseiras, ao lado de Laura. Tinha as orelhas levantadas, à escuta. De vez em quando, afastava-se um bocadinho, contornava o círculo de luz e voltava a sentar-se ao lado de Laura. Tinha o pêlo assente no pescoço largo e não rosnava. Mostrava um bocadinho os dentes, mas isso devia-se ao facto de ser buldogue.

Laura e Maria comeram os seus bolos de milho e as coxas da galinha-da-pradaria, e ouviram o pai contar à mãe o caso dos lobos.

Encontrara mais alguns vizinhos. Estavam a chegar colonos que se instalavam ao longo das duas margens do ribeiro. A menos de cinco quilómetros, num côncavo da Alta Pradaria,

54 55

um casal estava a construir uma casa. Tinham o apelido Scott e o pai disse que eram simpáticos. Uns dez quilómetros depois deles, dois homens solteiros viviam numa casa. Tinham demarcado duas quintas e construído a casa na linha que as dividia. A cama de um dos homens ficava numa das paredes e a do outro na outra. Assim, cada um dormia na sua própria quinta, embora estivessem na mesma casa e esta tivesse apenas dois metros e meio de largura. Cozinhavam e comiam juntos no meio da casa.

O pai ainda não dissera nada a respeito dos lobos. Laura desejava que ele dissesse, mas sabia que não devia interromper quando o pai estava a falar.

Ele disse que os tais solteiros não sabiam se havia mais

alguém na região; só tinham visto índios. Por isso, ficaram contentes quando viram o pai, que se demorou com eles mais do que tencionara.

Quando partiu, de uma pequena colina da pradaria viu um ponto branco em baixo, junto do rio. Calculou que fosse um carroção, e não se enganou. Quando o alcançou, encontrou um casal e cinco filhos. Vinham do Iowa e tinham acampado ali em baixo porque um dos seus cavalos estava doente. Entretanto o cavalo melhorara, mas o ar nocturno, insalubre, ali perto do rio, causara-Lhes febre e sezões. O homem, a mulher e os três filhos mais velhos estavam tão doentes que não se podiam levantar. O garoto e a garota mais novos, que não eram maiores do que Maria e Laura, cuidavam deles.

Fez o que pôde por eles e depois voltou para trás, a fim de informar os solteiros da sua presença. Um deles partiu logo a cavalo, para trazer a família mais para cima, onde os bons ares da Alta Pradaria depressa os curariam.

Com uma coisa e outra, o pai acabara por se pôr a caminho de casa mais tarde do que pensara. Metera por um atalho através da pradaria e, de repente, surdira uma alcateia de lobos de uma depressão. Num abrir e fechar de olhos, havia lobos a toda a sua volta.

- Era uma grande alcateia - disse. - Aí uns cinquenta e dos maiores que já vi na minha vida. Deviam ser aquilo a que chamam lobos-búfalos. O guia da alcateia era uma grande fera cinzenta, que deve ter pelo menos noventa centímetros de altura de ombros. Palavra que fiquei com os cabelos em pé!

- E não levaste a espingarda - lembrou a mãe.

- Também pensei nisso, mas a espingarda não me teria servido de nada. Não se pode lutar contra cinquenta lobos com uma espingarda. E a Patty não conseguia correr mais do que eles.

- Que fizeste? - perguntou a mãe.

- Nada. A Patty tentou fugir. Eu também nunca desejei tanto uma coisa como ver-me dali para fora. Mas sabia que se a Patty comesse, sequer, a correr, os lobos nos cairiam em cima num ápice e nos atirariam ao chão. Por isso, mantive-a a passo.

- Meu Deus, Charles! - exclamou a mãe, baixinho.

- É verdade. Não passaria outra vez pelo mesmo, por dinheiro nenhum. Nunca tinha visto lobos assim, Carolina. Um, enorme, trotava mesmo ao lado do meu estribo. Podia ter-Lhe tocado com o pé nas costelas, se quisesse. Mas eles não me prestaram atenção nenhuma: Calculo que deviam ter acabado de caçar qualquer coisa e comido até se fartarem. É como te digo, Carolina, os lobos limitaram-se a cercar-me e à Patty e a trotar connosco. Em pleno dia! Até pareciam uma matilha de cães a passear com um cavalo. Cercavam-nos por todos os lados, trotavam, saltavam, brincavam e fingiam que se mordiam uns aos outros, exactamente como cães.

- Meu Deus, Charles! - repetiu a mãe.

O coração de Laura batia muito depressa e ela tinha a boca e os olhos muito abertos e fixos no pai.

- A Patty tremia toda e ressentia-se do freio - continuou o pai. - Escorria suor, de tão assustada. Até eu suava. Mas obriguei-a a vir a passo, no meio dos lobos. Eles acompanharam-nos uns quinhentos metros ou mais. O latagão que trotava junto do meu estribo parecia que estava ali para ficar.

"Depois chegámos à entrada de outra depressão que descia para o rio. O grande guia cinzento meteu por ela abaixo e o resto da alcateia seguiu-o a trote. Assim que o último desapareceu, dei rédea solta à Patty.

"Ela lançou-se direita a casa, através da pradaria, e não poderia ter vindo mais depressa se eu a fustigasse com um chicote de couro. Vim assustado todo o caminho, receoso de que os lobos tivessem vindo para cá e chegado mais depressa do que eu. Senti-me grato por teres a espingarda, Carolina, e por a casa estar construída. Sabia que, com a espingarda, não deixarias os lobos entrar em casa. Mas a Pet e a potra estavam cá fora...

- Escusavas de te ter preocupado, Charles - afirmou a mãe. - Creio que teria conseguido salvar os nossos animais.

- Eu não raciocinava com clareza, naquela altura, Carolina. Sei que terias conseguido salvá-los. De qualquer modo, aqueles lobos não Lhes teriam feito mal. Se estivessem com fome, eu não estaria aqui a...

- As paredes têm ouvidos - disse a mãe, a lembrar-Lhe de que não devia assustar Maria e Laura.

- Enfim, está tudo bem quando acaba bem - declarou o pai. - E aqueles lobos já devem estar a quilómetros daqui, a esta hora.

- Que os fez proceder assim? - perguntou Laura ao pai.

- Não sei, Laura. Creio que tinham acabado de comer o mais que podiam aguentar e iam beber ao ribeiro. Ou talvez andassem a brincar na pradaria e não prestassem atenção a mais nada além da sua brincadeira, como fazem às vezes as meninas pequenas. Talvez vissem que eu não tinha a espingarda e não lhes podia fazer mal, ou talvez fosse a primeira vez que viam um homem e não soubessem que os homens lhes podem fazer mal. Por isso, não me ligaram importância...

Pet e Patty andavam às voltas no estábulo, inquietas. Jack andava à roda da fogueira. Quando parava para farejar o ar e escutar, o pêlo do pescoço punha-se-lhe em pé.

- São horas de as meninas pequenas irem para a cama - disse a mãe, alegremente.

Nem sequer a bebé Carrie tinha sono, ainda, mas a mãe levou-as todas para casa. Disse a Maria e a Laura que se deitassem, enquanto ela vestia a camisinha de dormir à bebé e a deitava na cama grande. Depois saiu, para lavar a louça.

58 59

Laura desejou que o pai e a mãe estivessem dentro de casa. Pareciam tão longe, lá fora.

Maria e Laura foram bem comportadas e ficaram quietas na cama, mas Carrie sentou-se e começou a brincar sozinha, às escuras. Também às escuras, o braço do pai passou por trás da manta da porta e, silenciosamente, tirou a espingarda. Os pratos de folha batiam uns nos outros, junto do lume. Depois uma faca raspou a aranha. O pai e a mãe conversavam e chegou ao nariz de Laura o cheiro a fumo de tabaco.

A casa estava em segurança, mas não dava essa sensação porque a espingarda do pai não estava por cima da porta e também porque em vez de porta havia apenas uma manta.

Passado muito tempo, a mãe levantou a manta e entrou. Entretanto, a bebé Carrie adormecera. A mãe e o pai entraram devagarinho e deitaram-se sem fazer barulho. Jack deitou-se defronte da abertura da porta, mas não assentou a cabeça nas patas; ficou com ela levantada, à escuta. A mãe respirava suavemente, o pai respirava alto e Maria também estava a dormir. Mas Laura esforçava os olhos, no escuro, para ver Jack. Não conseguia distinguir se o pêlo do seu pescoço estava em pé.

De súbito, sentou-se na cama. Adormecera. A escuridão desaparecera, o luar entrava pelo buraco da janela e por todas as fendas da parede desse lado. O pai recortava-se, preto, no luar, à janela. Tinha a espingarda na mão.

Laura teve a impressão de que um lobo lhe uivou mesmo ao ouvido.

Desviou-se, assustada, da parede. O lobo estava do outro lado. Laura tinha tanto medo que não fez o mínimo ruído. Não era só na espinha que sentia frio, era em todo o corpo. Maria tapou a cabeça com a roupa da cama. Jack rosnou e arreganhou os dentes à manta da porta.

- Quietos, Jack - disse-Lhe o pai.

Uivos horríveis enchiam a casa. Laura levantou-se da cama. Queria ir para junto do pai, mas sabia que não devia incomodá-lo naquele momento. Ele virou a cabeça e viu-a parada, em camisa de dormir.

- Queres vê-los, Laura? - perguntou, baixinho.

Laura não foi capaz de falar, mas acenou com a cabeça e foi ter com ele. O pai encostou a espingarda à parede e levantou-a até ao buraco da janela.

Os lobos formavam um semicírculo, ao luar. Estavam sentados nas patas traseiras e olharam para Laura, à janela, e Laura olhou para eles. , Nunca vira lobos tão grandes. O maior era mais alto do que ela. Era até mais alto do que Maria. Estava sentado no meio do semicírculo, mesmo defronte de Laura.

Tudo nele era grande: as orelhas pontiagudas, o focinho

afunilado com a língua pendurada, os ombros e as pernas fortes ao lado uma da outra e a cauda enrolada à volta do corpo sentado. A pele era cinzenta e hirsuta e os olhos verdes, cintilantes.

Laura apoiou os dedos dos pés numa fenda da parede, cruzou os braços no parapeito e olhou para o lobo, sem se cansar. Mas não pôs a cabeça de fora, por causa daqueles lobos que estavam ali tão perto, a mudar a posição das patas e a passar a língua pelos beiços. O pai estava firme atrás dela, com um braço a apertar-lhe a cintura.

- É grandíssimo - murmurou Laura.

- Pois é. E repara como a sua pele brilha - respondeu o pai, baixinho, com a boca encostada ao seu cabelo.

O luar arrancava pequenas cintilações à pele hirsuta, a toda a volta do grande lobo.

- Estão a formar um círculo à roda da casa - segredou o pai, e Laura foi com ele à outra janela.

O pai voltou a encostar a espingarda à parede e a levantá-la para a janela. Lá estava, realmente, o outro meio círculo de lobos. Os olhos de todos eles brilhavam, verdes, à sombra da casa. Laura ouvia-lhes a respiração. Quando viram o pai e Laura a espreitar, os lobos do meio do círculo recuaram um bocadinho.

Pet e Patty relinchavam e corriam dentro do estábulo. Os seus cascos batiam no chão e contra as paredes.

Passado um momento, o pai voltou para a outra janela e Laura foi com ele. Chegaram mesmo a tempo de ver o lobo grande erguer o focinho, até apontar a direito para o céu. Abriu a boca e uivou longamente à Lua.

Depois, a toda a volta da casa, o círculo de lobos ergueu o focinho para o céu e respondeu-lhe. Os seus uivos vibraram dentro de casa, impregnaram o luar e estremeceram no imenso silêncio da pradaria.

- Agora volta para a cama, meia-canequinha - disse o pai. -

Vai dormir, anda. O Jack e eu tomamos conta de vocês todas.

Laura voltou para a cama, mas durante muito tempo não conseguiu dormir. Ficou deitada a ouvir a respiração dos lobos, do outro lado da parede de troncos. Ouviu as suas garras raspar o chão e o farejar de um focinho numa fenda. Ouviu o grande guia cinzento uivar de novo e todos os outros imitarem-no.

Mas o pai andava silenciosamente de uma abertura da janela para outra e Jack não parava de andar de um lado para o outro diante da manta que cobria a abertura da porta. Os lobos podiam uivar, mas não conseguiriam entrar enquanto o pai e o Jack ali estivessem. Por isso Laura acabou por adormecer.

62

8.

Duas portas resistentes

Laura sentiu um calorzinho agradável na cara, abriu os olhos e viu que o sol matinal brilhava. Maria falava com a mãe, junto do lume. Laura correu para fora de casa, só com a camisa de dormir. Não se viam lobos nenhuns; mas os seus rastos abundavam à volta da casa e do estábulo.

O pai subiu, a assobiar, a estrada do ribeiro. Colocou a espingarda nos suportes e levou Pet e Patty a beber, como de costume. Seguiu os rastos dos lobos numa distância tão grande que sabia que eles se encontravam longe, atrás de um rebanho de gamos.

Os cavalos recuaram, ao ver os rastos dos lobos, e arrebitaram nervosamente as orelhas. Pet conservou a sua potrinha junto de si. Mas acompanharam de boa vontade o pai, que sabia não haver nada a temer.

O pequeno-almoço estava pronto. Quando o pai voltou do ribeiro, sentaram-se à volta do lume e comeram papas de milho

e guisado de galinha-da-pradaria. O pai disse que ia fazer uma porta naquele mesmo dia. Para a próxima vez, queria que existisse mais do que uma manta entre eles e os lobos.

- Acabaram-se-me os pregos, mas não vou esperar até poder ir a Independence - disse. - Um homem não precisa de pregos para construir uma casa ou fazer uma porta.

Depois do pequeno-almoço, atrelou Pet e Patty, pegou no machado e foi arranjar madeira para a porta. Laura ajudou a lavar a louça e fazer as camas, mas nesse dia quem tomou conta da bebé foi Maria, Laura ajudou o pai a fazer a porta. Maria assistiu, mas foi Laura que lhe entregou as ferramentas.

Com a serra, ele cortou troncos da altura certa para a porta e outros mais pequenos, para servirem de travessas. Depois, com o machado partiu os troncos em pranchas e alisou-as muito bem. Deitou pranchas compridas no chão, ao lado umas das outras, e colocou as mais curtas de través. Pegou então na verruma e abriu buracos através das travessas até às pranchas compridas. Em cada buraco meteu uma cavilha de madeira, bem justa.

E assim fez a porta. Uma boa porta de carvalho, sólida e forte.

Para as dobradiças, cortou três correias compridas. Uma dobradiça ficaria perto do cimo da porta, outra perto do fundo e a terceira no meio.

Começou por prendê-las à porta do seguinte modo: colocou um bocadinho de madeira na porta e abriu um buraco através dele e até à porta. Depois dobrou uma ponta de uma correia à volta do bocadinho de madeira e, com uma faca, abriu buracos redondos na correia. Voltou a colocar o bocadinho de madeira na porta, com a correia dobrada à volta e todos os buracos a formarem um só buraco. Laura deu-lhe uma cavilha de madeira e o martelo, e ele enfiou-a no buraco. A cavilha passou através da correia, do bocadinho de madeira, de novo da correia e penetrou na porta. Assim a correia ficava segura e não se soltava.

- Eu bem disse que um homem não precisava de pregos! -

exclamou o pai.

Fixadas as três dobradiças à porta, colocou esta na abertura que lhe fora destinada. Encaixava bem. Depois pregou fasquias de madeira às pranchas antigas, de cada lado da abertura, para impedir que a porta se abrisse para fora. Repôs a porta no seu lugar e Laura encostou-se a ela, para a manter lá enquanto o pai pregava as dobradiças ao caixilho da porta.

Antes disso, porém, fizera o fecho, pois tem de haver uma maneira qualquer de conservar uma porta fechada.

Fez o fecho do seguinte modo: primeiro, afeiçãoou um pedaço pequeno e grosso de madeira de carvalho. Num lado dessa peça abriu, a meio, um entalhe fundo e largo. Uniu, com cavilhas de madeira, essa peça ao lado de dentro da porta, junto da aresta. Encostou o lado talhado à porta, para formar uma pequena ranhura.

Depois afeiçãoou e adelgaçou um pau mais comprido e menos grosso. Este pau era suficientemente delgado para entrar sem dificuldade na ranhura. O pai introduziu uma extremidade na ranhura e prendeu a outra extremidade à porta.

Mas não a fixou muito bem. A cavilha de madeira era sólida e estava encravada na porta com firmeza, mas o buraco do pau era maior do que o diâmetro da cavilha. A única coisa que prendia o pau à porta era a ranhura.

O pau era o fecho. Girava facilmente na cavilha e a sua ponta solta subia e descia na ranhura e tinha comprimento suficiente para a atravessar e atravessar também a fenda entre a porta e a parede, contra a qual ficava encostado quando a porta estava fechada.

64 65

Quando o pai e Laura tinham colocado a porta no umbral, o pai marcara o lugar da parede onde o fecho chegava. Depois fixara nesse ponto um bocado forte de madeira de carvalho, com um corte na parte de cima, para que o fecho pudesse cair entre ele e a parede.

Laura empurrou a porta, para a fechar, e enquanto empurrava, levantou a ponta do fecho o mais alto possível, na ranhura.

Depois deixou-o cair atrás do bocado forte de carvalho. O fecho ficava assim contra a parede e ninguém poderia entrar sem partir essa resistente peça de madeira em duas.

Mas tinha de haver uma maneira de levantar o fecho do lado de fora. Por isso, o pai fez a correia do trinco, que cortou de uma tira comprida de bom couro. Atou uma ponta ao fecho, entre a cavilha de madeira e a ranhura. Depois fez um buraquinho que atravessou a porta e enfiou a outra ponta da correia no buraquinho.

Laura foi para o lado de fora e quando a pontinha da correia espreitou no buraquinho, agarrou-a e puxou-a. Pôde puxá-la com a força necessária para levantar o fecho e poder entrar em casa.

A porta estava acabada. Era forte e sólida, feita de carvalho grosso e com pranchas de carvalho atravessadas, e toda unida com boas e resistentes cavilhas de madeira. A correia do trinco estava de fora: se quisessem entrar, bastava puxá-la. Mas se estavam em casa e não queriam que ninguém entrasse, puxavam a correia para dentro, pelo buraco, e ninguém podia entrar. Aquela porta não tinha puxador nem buraco de fechadura ou chave. Mas era uma boa porta.

- Considero que foi um bom dia de trabalho! - declarou o pai. - E tive uma excelente ajudantezinha!

Acariciou o alto da cabeça de Laura com a mão. Depois reuniu as ferramentas e guardou-as, a assobiar, e foi tirar Pet e Patty das cordas e levou-as a beber. O Sol estava a pôr-se, a brisa arrefecera e do jantar que estava ao lume desprendia-se o cheiro mais agradável que Laura se lembrava de ter cheirado.

Havia carne de porco salgada para o jantar. Como era o resto da carne de porco salgada, no dia seguinte o pai foi caçar. Mas no dia a seguir a esse, ele e Laura fizeram a porta do estábulo.

Era exactamente como a porta da casa, só que não tinha fecho. Pet e Patty não percebiam nada de fechos e não sabiam puxar a correia do fecho para dentro, à noite. Por isso, em vez de um fecho, o pai abriu um buraco na porta e enfiou-lhe uma corrente.

À noite puxava uma ponta da corrente através de uma fenda entre os troncos da parede do estábulo e fechava a cadeado as duas pontas da corrente. Assim, ninguém podia entrar no

estábulo.

- Agora estamos todos em segurança! - declarou o pai.

Quando começavam a chegar vizinhos a uma terra, era melhor fechár os cavalos à noite, porque onde há gamos há lobos, e onde há cavalos, há ladrões de cavalos.

Nessa noite, o pai disse à mãe, ao jantar:

- Agora, Carolina, assim que erguermos a casa do Edwards, faço-te uma chaminé, para poderes cozinhar em casa, fora do vento e das tempestades. Tenho a impressão de que nunca vi um lugar com tanto sol, mas suponho que também choverá algumas vezes.

- Claro, Charles - concordou a mãe. - O bom tempo não dura sempre nesta terra.

66 67

9.

LUME NA CHAMINÉ

Fora de casa, junto à parede de troncos oposta à porta, o pai cortou a erva e alisou o chão. Estava a preparar-se para construir a chaminé.

Depois ele e a mãe montaram de novo a caixa do carroção nas rodas e o pai atrelou Pet e Patty.

O sol-nascente encurtava todas as sombras. Centenas de cotovias dos prados levantavam voo da pradaria e cantavam no ar, cada vez mais alto. O seu canto descia do grande céu claro como uma chuva de música. E por toda a terra, onde as ervas ondulavam e murmuravam ao vento, milhares de pequenos pardalitos, com as patinhas bem agarradas às ervas a florir, cantavam os seus milhares de pequenos cantos.

Pet e Patty aspiraram o ar e relincharam de prazer. Arquearam o pescoço e bateram com as patas no chão, ansiosas por partir. O pai subiu para o banco e pegou nas rédeas a

assobiar. Depois olhou para Laura, que olhava de baixo para ele, parou de assobiar e perguntou:

- Queres vir, Laura? Tu e a Maria?

A mãe disse que podiam ir, e elas subiram pelas rodas, apoiando os pés descalços nos seus raios, e sentaram-se no banco alto do carroção, ao lado do pai. Pet e Patty arrancaram com um pequeno salto e o carroção desceu aos solavancos a estrada feita pelas suas próprias rodas, nas indas e vindas do pai.

Desceram entre as paredes de terra nua, amarelo-avermelhada, todas escavadas e sulcadas por chuvas esquecidas. Depois continuaram, através do solo acidentado das terras baixas

68

do rio. Maciços de árvores cobriam alguns dos montes baixos e arredondados enquanto outros eram descampados cobertos de erva. Havia gamos deitados à sombra das árvores e gamos a pastar ao sol na erva verde. Levantaram a cabeça e arrebitaram as orelhas e, sem pararem de mastigar, olharam para o carroção com os seus grandes olhos meigos.

Ao longo de todo o caminho esporas silvestres desabrochavam em flores cor-de-rosa, azuis e brancas, pássaros equilibravam-se em plumas amarelas de bastões dourados e esvoaçavam borboletas. Margaridas iluminavam, como estrelinhas, as sombras debaixo das árvores, coelhos de cauda branca saltavam ao longo da estrada e cobras atravessavam-na rapidamente, aos esses, quando ouviam o carroção aproximar-se.

No mais fundo do vale, o ribeiro corria à sombra de penhascos de terra. Quando Laura olhava para eles, não conseguia ver a erva da pradaria. Cresciam árvores nos penhascos, onde a terra se esboroara, e quando a vertente era tão íngreme que as árvores não conseguiam vingar, havia arbustos, cujas raízes se agarravam desesperadamente. Muito alto, por cima da cabeça de Laura, havia raízes meio expostas.

- Onde estão os acampamentos dos índios? - perguntou Laura ao pai.

Ele vira os acampamentos desertos dos índios ali, entre os

penhascos, mas naquele momento tinha muito que fazer e não podia mostrar-lhos. Precisava de arranjar as pedras para fazer a chaminé.

- Vocês podem brincar, mas não saiam da minha vista e não entrem na água. Também não devem brincar com as cobras; algumas daqui são venenosas.

Por isso, Laura e Maria brincaram junto do ribeiro, enquanto o pai desenterrava as pedras de que precisava e as punha no carroção.

Viram insectos aquáticos de pernas compridas patinar em charcos de água parada e límpida. Correram ao longo da margem para assustar as rãs e riram-se ao vê-las, de casaco verde e colete branco, cair com um plop! na água. Ouviram os pombos bravos arrulhar entre as árvores e os tordos-castanhos cantar. Viram peixinhos muito pequeninos nadar todos juntos em lugares onde a água do ribeiro corria pouco funda e cintilante. Os peixinhos eram minúsculas sombras cinzentas na água às ondinhas e só de vez em quando o sol se reflectia na barriga prateada de algum.

Não soprava vento ao longo do ribeiro. O ar estava parado e quente, causava sonolência. Cheirava a raízes húmidas e a lodo e estava cheio do ruído do restolhar das folhas e do correr da água.

Dos sítios lamacentos, onde havia muitos rastos de gamos e cuja pegada estava cheia de água, subiam bandos de mosquitos, numa grande zumbideira. Laura e Maria davam palmadas na cara, nos pescoços, nos braços e nas pernas, para os enxotar, e desejavam poder entrar na beirinha da água. Tinham tanto calor e a água parecia tão fresca! Laura tinha a certeza de que não faria mal nenhum se mergulhasse só um pé - e quase o mergulhou, quando o pai estava de costas.

- Laura! - disse o pai, e ela chegou para trás o pé atrevido. - Se querem molhar os pés, podem fazê-lo ali, onde a água é pouco funda. Mas só até aos tornozelos, mais não.

Maria esteve na água só um bocadinho. Disse que os seixos

lhe magoavam os pés e, por isso, sentou-se num tronco a enxotar pacientemente os mosquitos. Mas Laura também enxotava os mosquitos, mas sem sair da água. Se andava, os seixos magoavam-lhe os pés; quando ficava quieta, os peixinhos minúsculos nadavam-lhe à volta dos dedos e mordiscavam-lhos, com a boca quase invisível. Causava uma sensação engraçada, parecia cócegas. Laura tentou vezes sem conta apanhar um peixinho, mas o mais que conseguiu foi molhar a bainha do vestido.

Por fim, o carroção ficou carregado. O pai chamou: "Vamos, meninas!", e elas subiram outra vez para o banco e abandonaram o ribeiro. Lá foram novamente por bosques e montes, a caminho da Alta Pradaria onde soprava sempre vento e a erva parecia cantar, murmurar e rir.

70

Tinham passado um bocado muito bom junto do rio. Mas Laura gostava mais da Alta Pradaria, que era tão vasta, tão agradável e tão calma. Nessa tarde, a mãe sentou-se a coser à sombra da casa, com a bebé Caarrie a brincar numa manta ao lado dela, enquanto Laura e Maria viam o pai construir a chaminé.

Primeiro, misturou no balde da água dos cavalos barro e água, até formar uma bonita lama grossa. Deixou Laura mexer a lama, enquanto ele colocava uma série de pedras à volta de três lados do espaço que limpava, junto da parede da casa. Depois, com uma pá de madeira, espalhou a lama por cima das pedras e colocou sobre ela outra camada de pedras, que voltou a cobrir de lama, tanto no topo como do lado de dentro.

Fez uma caixa no chão: três lados eram de pedras e lama e o quarto era a parede de troncos da casa.

Com pedras e lama e mais pedras e mais lama, ergueu paredes até à altura do queixo de Laura. Depois colocou nas paredes, encostado à casa, um tronco que cobriu todo de lama.

71

Em seguida continuou a colocar pedras e lama por cima do tronco mas foi estreitando cada vez mais, pois tratava-se da chaminé propriamente dita.

Teve de ir ao ribeiro buscar mais pedras. Dessa vez Laura e Maria não foram, porque a mãe disse que o ar húmido lhes podia causar febre. Maria sentou-se ao lado da mãe, a coser outro quadrado da sua manta de retalhos, e Laura entreteve-se a mexer outro balde de barro com água.

No dia seguinte, o pai ergueu a chaminé até à altura da parede da casa. Depois parou a olhá-la. Passou os dedos pelo cabelo.

- Pareces um selvagem, Charles - observou a mãe. - Estás a pôr o cabelo todo em pé.

- De qualquer maneira, ele está sempre em pé, Carolina. Quando te namorava, nunca conseguia penteá-lo para baixo, por muita gordura de urso que usasse.

Deixou-se cair na erva, aos pés da mãe.

- Estou cansado de todo, de andar lá em baixo a levantar pedras - queixou-se.

- Fizeste bem em construir a chaminé tão alta, sozinho - disse a mãe, enquanto lhe passava a mão pelo cabelo e lho punha mais em pé do que já estava. - Porque não fazes o resto de madeira e barro?

- Bem, seria mais fácil... - admitiu o pai. - Parece-me que é isso mesmo que vou fazer!

Levantou-se de um pulo, e a mãe disse:

- Deixa-te ficar aqui à sombra mais um bocadinho.

Mas ele abanou a cabeça:

- Não se deve preguiçar enquanto há trabalho por fazer, Carolina. Quanto mais depressa acabar a chaminé, mais depressa poderás cozinhar lá dentro, protegida do vento.

Foi buscar troncos novos à floresta e cortou-os, entalhou-os e colocou-os como os das paredes da casa, por cima da parte da chaminé de pedra. Colocava-os e cobria-os muito bem de lama. E assim acabou a chaminé.

Depois foi para dentro de casa e com o machado e a serra abriu um buraco na parede. Foi cortando os troncos que tinham formado a quarta parede, do lado de baixo da chaminé, e ficou

feita a lareira.

Era tão larga que Laura, Maria e a bebé Carrie se podiam lá sentar. O fundo era o chão a que o pai arrancara a erva e a frente o espaço onde ele cortara os troncos. Atravessado nesse espaço, em cima, estava o tronco que cobrira todo de lama. E o pai pregou de cada lado uma prancha grossa de carvalho verde, contra as pontas cortadas dos troncos, e depois, nos cantos superiores, pregou às paredes dois bocados grossos de carvalho, sobre os quais colocou uma prancha de carvalho, que fixou muito bem: era a prateleira da chaminé.

Assim que a prateleira ficou pronta, a mãe pôs-lhe em cima, no neio, a bonequinha de porcelana que trouxera da Grande Floresta. A bonequinha fizera a longa viagem sem se partir. Ficou em cima da prateleira com os sapatinhos, a saia, o corpete justo, as faces rosadas, os olhos azuis e o cabelo louro, tudo de porcelana.

Então o pai, a mãe, Maria e Laura pararam a admirar a chaminé. Só Carrie não ligou importância. Apontou para a bonequinha de porcelana e desatou aos gritos quando Maria e Laura lhe disseram que só a mãe Lhe podia tocar.

- Terás de ter cuidado com o lume, Carolina - recomendou o pai. - Não queremos que subam faúlhas pela chaminé acima e peguem fogo ao telhado. A lona arderia num instante. Assim que puder, cortarei umas tábuas e farei um telhado com o qual não terás de te preocupar.

72 73

Por isso, a mãe acendeu cuidadosamente um luzinho pequeno na lareira e assou uma galinha-da-pradaria para o jantar. Nessa noite comeram em casa.

Sentaram-se à mesa, junto da janela do lado ocidental. O pai fizera a mesa num instante, de duas pranchas de carvalho: uma extremidade das pranchas entrava numa fenda da parede e a outra assentava em troncos curtos, postos de pé. O pai alisou as pranchas com o machado e a mesa ficou muito bonita quando a mãe lhe pôs uma toalha em cima.

As cadeiras eram bocados de troncos grossos. O chão era de

terra, que a mãe varrera com a sua vassoura de ramos de salgueiro, e as camas estavam aos cantos, muito bem feitas, cobertas com as suas mantas de retalhos. Os últimos raios de sol entravam pela janela e enchiam a casa de luz dourada.

Do lado de fora, e até muito longe, até à beirinha cor-de-rosa do céu, o vento soprava e a erva ondulava.

Dentro de casa estava-se bem. A boa galinha assada deixava um gosto delicioso na boca de Laura, que tinha as mãos e a cara lavadas, o cabelo penteado e o guardanapo atado ao pescoço. Estava sentada, direita, num pedaço de tronco e servia-se da faca e do garfo como devia ser, como a mãe lhe ensinara. Não dizia nada, porque as crianças não deviam falar à mesa, a não ser que lhes falassem primeiro, mas olhava para a mãe e para o pai, para Maria e para a bebé Carrie, sentada ao colo da mãe. e sentia-se contente. Era bom viver outra vez numa casa.

74 75

10.

TELHADO E SOALHO

Laura e Maria tinham muito que fazer o dia inteiro, todos os dias. Depois de lavada a louça e feitas as camas, havia sempre muito que fazer, ver e ouvir.

Procuravam ninhos de pássaros na erva alta e quando os encontravam as mães dos passarinhos piavam e zangavam-se. Às vezes, tocavam devagarinho num ninho e, num instante, o que fora um ninho cheio de penugem transformava-se num ninho cheio de bicos abertos, a piar de fome. Então a mãe dos passarinhos vinha, e como se zangava! Maria e Laura iam-se logo embora, porque não queriam zangá-la muito.

Deitavam-se na erva alta, quietas como ratinhos, e observavam bandos de pintainhos-da-pradaria, a correr e a

debicar à volta das inquietas mães, de penas castanhas lisas. Observavam também cobras às riscas, a serpentear entre os caules da erva ou tão quietas que só se percebia que estavam vivas pela tremura da língua minúscula e pelos olhos cintilantes. Não eram venenosas e não faziam mal a ninguém, mas Laura e Maria não lhes tocavam. A mãe dizia que era melhor deixar as cobras em paz, pois algumas mordiam, e mais valia prevenir do que remediar.

Às vezes, descobriam um grande coelho cinzento tão quieto na luz e sombra de uma moita de erva, que só o viam quando quase lhe podiam tocar. Mas, se tivessem muito cuidado, podiam ficar muito tempo a vê-lo. Os seus olhos redondos fitavam-nas, sem expressão nenhuma. Franzia o nariz e a luz do Sol ficava cor-de-rosa ao atravessar-Lhe as orelhas compridas, que tinham veias delicadas e um pêlo curto muito macio, do lado de fora. O resto do pêlo era tão basto e macio que, no fim, elas não resistiam a, cuidadosamente, tentar tocar-lhe.

E pronto, o coelho desaparecia num ápice e só ficava o lugar onde estivera sentado, com a erva dobrada e lisa e ainda quente do calor do seu corpo.

Claro que Laura e Maria tinham de tomar sempre conta da bebé Carrie, a não ser quando ela dormia a sesta, de tarde. Nessa altura, sentavam-se a apanhar sol e vento, até Laura se esquecer de que a bebé estava a dormir. Levantava-se de um pulo, corria e gritava, e por fim a mãe vinha à porta protestar:.

- Valha-me Deus, Laura, precisas de gritar como um índio? Francamente, vocês duas até estão a ficar parecidas com índios! Por muito que lhes diga, nunca mais aprendem a manter as toucas nas cabeças!

O pai, que estava em cima da parede da casa, a começar o telhado, olhou para baixo e riu-se.

- Um indiozinho, dois indiozinhos, três indiozinhos - cantou baixinho. - Não, só dois.

- Com o pai faz três - disse Maria. - Também está queimado.

- Mas não é pequeno, Pá, não é um indiozinho - acrescentou Laura. - Quando vemos um papuse?

- Meu Deus! - exclamou a mãe. - Para que queres tu ver um bebé índio? Põe a touca e esquece-te desses disparates, anda.

A touca de Laura caía-lhe pelas costas abaixo. Puxou-a pelas

fitas e os lados taparam-Lhe as faces. Quando tinha a touca posta, só podia ver o que se passava à sua frente. Era por isso que andava sempre a puxá-la para trás e a deixá-la suspensa das fitas atadas ao pescoço. Pôs a touca quando a mãe lhe mandou, mas não esqueceu o papuse.

76 77

Estavam em terra índia e, por isso, não compreendia porque não via índios. Mas sabia que havia de vê-los, qualquer dia, como o pai dissera: No entanto, estava a ficar cansada de esperar.

O pai tirara a lona de cima da casa e estava preparado para fazer o telhado. Durante dias e dias trouxera troncos dos bosques do ribeiro e partira-os em tábuas compridas e delgadas. Havia pilhas de tábuas a toda a volta da casa e tábuas encostadas às paredes.

- Sai de casa, Carolina - disse o pai. - Não quero arriscar-me a que caia qualquer coisa em cima de ti ou da Carrie.

- Espera, enquanto eu guardo a boneca de porcelana - respondeu-Lhe a mãe.

Pouco depois saiu, com a costura, uma manta e a bebé. Estendeu a manta na erva, à sombra do estábulo, e sentou-se a coser e a tomar conta de Carrie, que brincava.

O pai estendeu o braço e puxou uma tábua, que colocou atravessada nas traves feitas de troncos finos. As extremidades da tábua ultrapassavam as paredes. Depois o pai meteu alguns pregos na boca, tirou o martelo do cinto e começou a pregar a tábua às traves.

O Sr. Edwards tinha-lhe emprestado os pregos. Tinham-se encontrado nos bosques, onde andavam ambos a derrubar árvores, e o Sr. Edwards insistira em emprestar-lhe pregos para o telhado.

- É o que chamo um bom vizinho - comentou o pai, quando contou o caso à mãe.

- Pois é - concordou a mãe. - Mas eu não gosto de estar em favor, nem mesmo para com o melhor dos vizinhos.

- Nem eu. Nunca estive, nem estarei, em favor para com nenhum homem. Mas a boa vizinhança é outra coisa e eu devolver-lhe-ei todos os pregos assim que puder ir a Independence.

O pai foi tirando os pregos da boca, um por um, e foi-os pregando na tábuas, com grandes marteladas. Era muito mais rápido do que abrir buracos, fazer cavilhas de madeira com o canivete e enfiá-las nos buracos. Mas, de vez em quando, um prego ressaltava do carvalho rijo e, se o pai não o estava a segurar bem, ia pelos ares.

Então Maria e Laura viam-no cair e procuravam-no na erva até o encontrarem. Às vezes estava dobrado e o pai tinha de o martelar com cuidado até o endireitar. Não se podia perder nem desperdiçar um prego.

Depois de pregar duas tábuas, o pai pôs-se em cima delas. Colocou e pregou mais tábuas, até ao topo das traves. A aresta de cada tábuas ficava sobreposta na aresta da que estava por baixo.

Em seguida recomeçou do outro lado da casa e colocou o telhado todo desse lado. Ficou uma fendazinha entre as duas tábuas mais altas. Por isso, o pai fez uma pequena calha com duas tábuas e pregou-a muito bem, virada de baixo para cima, na fenda.

O telhado estava pronto. A casa ficou mais escura, porque as tábuas não deixavam entrar luz nenhuma. Não havia uma única fenda por onde a chuva pudesse entrar.

- Fizeste um excelente trabalho, Charles - elogiou a mãe. - E eu estou grata por ter um bom telhado por cima da cabeça.

- Também terás mobília, tão boa quanto eu for capaz de fazer - prometeu o pai. - Assim que assentar o soalho, faço uma cama.

Começou outra vez a ir buscar troncos. Dia após dia, trazia mais troncos. Nem sequer parava para caçar: levava a espingarda no carroção e à noite trazia a caça que abatera do banco.

Quando já tinha troncos suficientes para o soalho, começou a rachá-los. Abria-os um por um, pelo meio. Laura gostava de se sentar no monte de madeira a vê-lo.

Primeiro, com uma grande machadada, abria a extremidade do tronco. Metia então na abertura a ponta fina de uma cunha de

ferro.

78

Depois tirava o machado do tronco e enfiava mais a cunha na fenda. A madeira dura rachava-se mais um pouco.

O pai tinha de lutar palmo a palmo com o duro carvalho. Metia o machado na fenda, introduzia lascas de madeira e avançava mais com a cunha de ferro. Pouco a pouco, o tronco ia-se rachando.

Levantava o machado muito alto e baixava-o com toda a força de um arranco do peito: "Ugh!" O machado vibrava e batia: "Plung!". Batia sempre exactamente onde o pai queria.

Por fim, com um som forte, todo o tronco se abria. As duas, metades ficavam no chão, a mostrar o tom claro do interior da árvore a que tinham pertencido e a risca mais escura do meio. Então o pai limpava o suor da testa, agarrava bem o machado e recomeçava com outro tronco.

Um dia, abriu o último tronco. Na manhã seguinte, começou a assentar o soalho. Arrastou os troncos para dentro de casa e colocou-os um por um, com o lado plano voltado para cima. Com a enxada, raspou o chão, por baixo, e assentou nele, firmemente, o lado redondo do primeiro tronco. Com o machado, desbastou a aresta da casca e cortou a madeira a direito, para que cada tronco se ajustasse perfeitamente ao seguinte, a bem dizer sem uma fenda entre eles.

Depois agarrou na cabeça do machado e, com pancadas pequenas e cuidadosas, alisou a superfície da madeira.

79

Olhou a todo o comprimento, com um olho fechado, para se certificar de que a superfície estava direita e lisa.

Desbastou pequenas irregularidades, aqui e ali. Por fim, passou a mão pela madeira e acenou com a cabeça, satisfeito.

- Nem uma falha! - exclamou. - Ótimo para pezinhos

descalços lhe correrem por cima.

Deixou esse tronco no seu lugar e arrastou o outro.

Quando chegou á lareira utilizou troncos mais curtos e deixou um espaço de terra, para que, se saltassem faúlhas ou caíssem brasas do lume, não queimassem o soalho.

Num dia o soalho ficou feito. Era liso, firme e duro, um bom soalho de carvalho sólido que, segundo o pai disse, duraria para sempre.

- Não há nada melhor do que um bom soalho de meios troncos - disse à mãe, a qual, respondeu que estava contente por deixar de ter terra debaixo dos pés, em casa.

A mãe pôs a boneca de porcelana na prateleira da chaminé e estendeu uma toalha vermelha, aos quadrados, na mesa.

- Pronto! - disse. - Agora estamos outra vez a viver como gente civilizada.

Depois o pai tapou as gretas das paredes. Introduziu nelas tiras finas de madeira, que cobriu de barro, sem deixar a mínima greta.

- Bom trabalho - gabou a mãe. - Assim o vento não entrará, mesmo que sopra com muita força.

O pai parou de assobiar para Lhe sorrir. Pôs o último barro entre os Troncos, alisou-o e pousou o balde. A casa estava finalmente acabada.

- Gostava de ter vidros para as janelas - disse o pai.

- Não precisamos de vidros, Charles - redarguiu-Lhe a mãe.

- Mesmo assim, se tiver sorte com a caça e as armadilhas, este Inverno, na próxima Primavera comprarei vidros em Independence. E não quero saber da despesa!

- Será agradável ter janelas de vidro, se pudermos - concordou a mãe. - Mas resolveremos esse problema quando chegar a altura.

Nessa noite sentiram-se todos felizes. O lume aceso na lareira era agradável, pois na Alta Pradaria até as noites de Verão eram frescas. A toalha encarnada, aos quadrados, estava na mesa, a boneca de porcelana brilhava na prateleira e o soalho novo parecia dourado, à claridade trémula do lume. Lá fora, a noite era enorme e coalhada de estrelas. O pai sentou-se durante muito tempo à porta, a tocar rabeca e a cantar para a mãe, Laura e Maria, que estavam dentro de casa, e para a noite estrelada.

ÍNDIOS EM CASA

Certa manhã, muito cedo, o pai pegou na espingarda e saiu para caçar.

Tencionara fazer a cama nesse dia e até já arranjara as tábuas, mas a mãe disse que não tinha carne nenhuma para o jantar. Por isso, ele encostou as tábuas à parede e pegou na espingarda.

Jack também queria ir caçar. Os seus olhos suplicaram ao pai que o levasse e do peito subiam-lhe lamentos que lhe tremeram na garganta, ao ponto de Laura quase chorar com ele. Mas o pai pôs-lhe a corrente e prendeu-o ao estábulo.

- Não, Jack - disse-lhe. - Tens de ficar aqui a guardar a casa. - Depois disse a Maria e a Laura: - Não o soltem, filhas.

O pobre do Jack deitou-se. Era uma vergonha estar acorrentado e ele sentia-o magoadamente. Virou a cabeça para não ver o pai afastar-se com a espingarda ao ombro. O pai foi-se afastando, até a pradaria o engolir e ele deixar de se ver.

Laura tentou confortar Jack, mas ele não queria que o confortassem. Quanto mais pensava na corrente, pior se sentia, coitado. Laura tentou animá-lo, fazê-lo pular e brincar, mas ele ainda se mostrou mais amuado.

Tanto Maria como Laura acharam que não podiam deixar Jack sozinho enquanto ele se sentia tão infeliz. Por isso, ficaram toda a manhã perto do estábulo. Afagaram a cabeça malhada e macia do cão, coçaram-no à volta das orelhas e disseram-lhe que tinham muita pena de ele estar amarrado. Jack lambeu-lhes um bocadinho as mãos, mas continuou muito triste e zangado.

Tinha a cabeça nos joelhos de Laura, que conversava com ele

quando, de repente, se levantou e soltou um rosnido feroz, profundo. O pêlo do pescoço eriçou-se-Lhe e os seus olhos ficaram vermelhos.

Laura assustou-se. Jack nunca lhe rosnara, era a primeira vez... Depois olhou por cima do ombro para onde Jack estava a olhar e viu aproximarem-se dois selvagens nus, um atrás do outro, na trilha dos índios.

- Maria, olha! - Gritou.

Maria olhou e viu-os, também.

Eram homens altos, magros, de ar feroz e pele vermelho-acastanhada. A sua cabeça parecia formar um pico, que era um tufo de cabelo espetado e coroadado de penas. Tinham olhos pretos, parados e brilhantes, como os das cobras.

Aproximaram-se cada vez mais, até desaparecerem do outro lado da casa.

Laura e Maria viraram a cabeça e olharam para o lugar onde aqueles horríveis homens reapareceriam, depois de passarem pela casa.

- Índios - murmurou Maria.

Laura estava toda trémula e tinha uma sensação esquisita no estômago e uma fraqueza nos ossos das pernas. Apetecia-Lhe sentar-se, mas ficou de pé, a olhar, à espera que os índios aparecessem depois de passarem pela casa. Mas eles não apareceram.

Entretanto, Jack não parava de rosnar. De repente, deixou de rosnar e começou a saltar, como se quisesse soltar-se da corrente. Tinha os olhos vermelhos, os beiços arreganhados e todo o pêlo das costas eriçado. Continuou a saltar, a tentar soltar-se da corrente. Laura sentiu-se grata por a corrente o obrigar a ficar ali com ela.

82 83

- O Jack está aqui - disse, baixinho, a Maria. - Ele não deixará fazer-nos mal. Estaremos em segurança, se ficarmos ao pé do Jack.

- Eles estão em casa - murmurou Maria. - Estão em casa com a mãe e a Carrie.

Laura começou a tremer ainda mais. Tinha de fazer qualquer coisa. Não sabia o que os índios estavam a fazer à mãe e à bebé Carrie. Não vinha som nenhum da casa.

- Oh, que estarão eles a fazer à mãe? - murmurou, mas com tanta força como se gritasse.

- Oh, não sei! - murmurou Maria, por seu turno.

- Vou soltar o Jack - disse Laura, num sussurro rouco. - Ele mata-os.

- O pai disse que não o soltássemos.

Estavam tão assustadas que não eram capazes de falar a não ser num murmúrio. Encostaram a cabeça uma à outra, olharam para a casa e continuaram a murmurar:

- Mas ele não sabia que viriam índios - argumentou Laura.

- Ele disse que não o soltássemos! - Maria estava quase a chorar.

Laura pensou na pequenina Carrie e na mãe, fechadas em casa com os índios, e decidiu:

- Vou ajudar a mãe!

Correu dois passos, andou outro e depois voltou a correr para junto de Jack. Abraçou-lhe com força o pescoço forte e ofegante. Jack não deixaria ninguém fazer-lhe mal.

- Não podemos deixar a mãe sozinha - murmurou Maria, imóvel, mas também com o corpo todo a tremer; Maria nunca era capaz de se mexer quando estava assustada. Laura escondeu o rosto no corpo de Jack e continuou a abraçá-lo com força. Mas a seguir obrigou os braços a largá-lo. Cerrou os punhos, fechou os olhos com força e correu para casa o mais depressa que pôde. Tropeçou, caiu e abriu os olhos. Voltou a levantar-se

e a correr, sem perder tempo a pensar. Maria vinha logo atrás dela. Chegaram à porta, que estava aberta, e entraram sem fazer barulho.

Os selvagens nus estavam de pé, defronte da lareira. A mãe inclinava-se para o lume, a cozinhar qualquer coisa, e Carrie agarrava-se às saias da mãe com ambas as mãos e tinha a cabeça escondida nas pregas.

Laura correu para a mãe, mas ao aproximar-se da lareira o seu nariz captou o cheirete horrível e ela olhou para os índios. Rápida como um relâmpago, meteu-se atrás da tábua comprida e estreita que estava encostada à parede.

A largura da tábua era mesmo à justa para Lhe cobrir ambos os olhos. Se endireitasse bem a cabeça e encostasse o nariz à madeira, não veria os índios. E sentir-se-ia mais em segurança. Mas não pôde deixar de mexer a cabeça só um bocadinho, de modo que um dos olhos espreitasse e visse os selvagens.

Viu-lhes primeiro os mocassins de couro. Depois as pernas de tendões grossos, nuas e castanho-avermelhadas, de alto a baixo. Cada um dos índios usava uma tira de couro à volta da cintura e a pele felpuda de um animal pequeno qualquer na frente. A pele era às riscas pretas e brancas e, de repente, Laura compreendeu a razão do mau cheiro: eram peles frescas de doninhas.

Em cada pele de doninha estavam enfiadas uma faca como a faca de caça do pai e uma machadinha também como a do pai.

As costelas dos índios formavam uma espécie de ondulado nos lados das costas nuas dos selvagens, que tinham os braços cruzados no peito. Finalmente, Laura olhou-lhes para a cara e, logo a seguir, escondeu-se atrás da tábua.

Os seus rostos eram arrogantes, ferozes e terríveis. Os olhos pretos cintilavam. No alto da testa e acima das orelhas, onde costuma crescer cabelo, não tinham cabelo nenhum. Mas no alto da cabeça erguia-se um tufo amarrado e com penas espetadas.

Quando Laura voltou a espreitar de trás da tábua, ambos os índios estavam a olhar directamente para ela. O coração pareceu saltar-lhe para a garganta, a bater tanto que a sufocou. Dois olhos pretos mergulhavam nos dela. O índio não se mexia, não mexia sequer um músculo da cara. Só os seus olhos brilhavam e chispavam, postos nela. Laura também não se mexeu. Nem se atrevia a respirar.

O índio emitiu dois sons curtos e ásperos, que deram a impressão de não Lhe passar da garganta. O outro respondeu-lhe com um som parecido com um "Ah!" rouco. Laura escondeu de novo os olhos atrás da tábua.

Ouviu a mãe tirar a tampa do forno e os índios acocorarem-se

defronte da lareira. Passados momentos, ouviu-os comer.

Laura espreitou e escondeu-se e voltou a espreitar, enquanto os índios comiam o pão de milho que a mãe cozera. Comeram-no todo, nem escaparam as migalhas que caíram para o chão. A mãe estava parada a vê-los comer e a afagar a cabeça da bebé Carrie. Maria, atrás de Laura, agarrava-lhe a manga.

Laura ouvia vagamente o barulho da corrente de Jack. O buldogue continuava a tentar soltar-se.

Depois de comidas todas as migalhinhas do pão de milho, os índios levantaram-se. O cheiro a doninha era mais forte quando se mexiam. um deles emitiu de novo sons ásperos com a garganta. A mãe olhou para ele com os olhos muito abertos e não disse nada. O índio virou-se, o outro índio virou-se também, atravessaram a sala e saíram pela porta fora. Os seus pés não faziam o mínimo ruído. A mãe soltou um longo suspiro. Apertou muito Laura com um braço e Maria com outro, e, pela janela, viram os índios afastar-se, um atrás do outro, no carreiro quase invisível, na direcção oeste. Depois a mãe sentou-se na cama e abraçou Laura e Maria ainda com mais força, toda a tremer. Parecia doente.

- Sente-se mal, Ma? - perguntou-lhe Maria.

- Não. Sinto-me apenas grata por eles se terem ido embora.

- Cheiravam tão mal! - disse Maria de nariz franzido.

- Era das peles de doninha que usavam - explicou-lhe a mãe.

Depois contaram à mãe que tinham deixado o Jack e entrado em casa por terem medo de que os índios fizessem mal a ela e à bebé Carrie. A mãe disse que eram duas meninas muito valentes.

- Agora temos de tratar do almoço - acrescentou. - O pai não tarda aí e precisamos de ter o almoço pronto para ele. Maria, vai-me buscar lenha. Laura, põe-me a mesa.

A mãe arregaçou as mangas, lavou as mãos e amassou farinha para fazer pão de milho, enquanto Maria ia buscar a lenha e Laura punha a mesa. Laura pôs um prato de folha, uma faca, um garfo e um púcaro para o pai, a mesma coisa para a mãe, e o pucarozinho de Carrie ao lado da mãe;

para ela e para a Maria pôs pratos de folha, garfos, facas e só um copo entre os dois pratos.

A mãe fez dois pães estreitos com a massa, cada um do feito de semicírculo. Meteu os pães, com os lados direitos juntos, no forno, comprimiu com a mão a parte de cima de cada pão. O pai costuma dizer que não precisava de mais nada para adoçar, quando a mãe punha a marca das suas mãos nos pães.

Mal Laura acabara de pôr a mesa, chegou o pai. Deixou um grande coelho e duas galinhas-da-pradaria fora de casa, entrou e arrumou a espingarda no seu lugar. Laura e Maria correram para ele, agarraram-no e começaram a falar as duas ao mesmo tempo.

- Mas que vem a ser isto, que vem a ser isto? - perguntou ele, despenteou-as com as mãos. - Índios? Viste finalmente índios, - eh, Laura? Reparei que têm um acampamento num pequeno vale, a oeste daqui. Vieram índios cá a casa, Carolina?

- Vieram, Charles. Dois - respondeu a mãe. - Lamento, levaram todo o teu tabaco e comeram uma quantidade de pão de milho. Apontaram para a farinha e fizeram sinais para eu fazer pão, Tive medo de não Lhes obedecer. Oh, Charles, tive tanto medo!

- Fizeste o que devias fazer - afirmou o pai. - Não queremos arranjar inimigos entre os índios. - E, após uma pausa, acrescentou:

- Mas que fedor!

- Eles usavam peles frescas de doninha - explicou a mãe. - E mais nada.

- Deve ter sido difícil, enquanto aqui estiveram.

- Foi, Charles. Já tínhamos pouca farinha de milho...

- Paciência, a que temos ainda chegará para algum tempo. E a carne anda a correr por aí, por toda a parte. Não te preocupes, Carolina.

- Mas levaram o teu tabaco todo.

- Deixa lá. Passarei sem tabaco até poder ir a Independence. O principal é estarmos de boas relações com os índios. Não queremos acordar uma manhã com um bando barulhento de dia...

O pai calou-se. Laura gostaria muito de saber o que ele ia dizer, mas os lábios da mãe estavam apertados um contra o outro, com força, e ela olhava para o pai e abanava a cabeça.

- Venham, Maria e Laura - chamou o pai. - Vamos esfolar o coelho e depenar as galinhas enquanto o pão coze. Depressa Estou esfomeado como um lobo!

Sentaram-se no monte de lenha, ao vento e ao sol, a ver o pai servir-se da faca de caça. O grande coelho tinha levado um tiro num olho e as galinhas-da-pradaria tinham ficado as duas sem cabeça. Nem souberam o que lhes acertou, como disse o pai.

Laura segurava a ponta da pele do coelho, enquanto a faca afiada do pai a separava da carne.

- Vou salgar esta pele e pregá-la na parede da casa para secar - disse ele. - Fará um barrete de pele quentinho para uma menina pequena usar no próximo Inverno.

Mas Laura não podia esquecer os índios. Disse ao pai que, se tivessem soltado o Jack, ele teria comido os índios todos.

O pai pousou a faca e perguntou, muito sério:

- Vocês pensaram, sequer, em soltar o Jack?

Laura baixou a cabeça e respondeu, baixinho:

- Sim, Pá.

- Depois de eu lhes ter dito que não o fizessem? - indagou o pai, com voz ainda mais séria.

Laura não foi capaz de falar, mas Maria disse sufocada:

- Sim, Pá.

O pai ficou um momento calado. Depois soltou um grande suspiro, como a mãe quando os índios se tinham ido embora.

- De agora em diante - disse o pai, numa voz terrível -, nunca se esqueçam de fazer o que eu mandar. Não pensem sequer em desobedecer-me. Ouviram?

- Sim, Pá - responderam Laura e Maria, num murmúrio.

- Sabem o que teria acontecido se tivessem soltado o Jack?

- Não, Pá - voltaram a murmurar as duas.

- Ele teria mordido os índios e depois haveria sarilho.

Grande sarilho. Compreenderam?

- Sim, Pá - responderam, embora não tivessem compreendido.

- Eles teriam matado o Jack? - perguntou Laura.

- Teriam. E não ficariam por aí. Lembrem-se sempre do seguinte: façam o que lhes mandarem, aconteça o que acontecer.

- Sim, Pá - responderam Laura e Maria, satisfeitas por não terem soltado o Jack.

- Façam o que lhes mandarem e não lhes acontecerá mal nenhum - insistiu o pai.

12.

ÁGUA DOCE PARA BEBER

O pai fizera a cama.

Tinha alisado as tábuas de carvalho até não terem nem uma falhinha. Depois uniu-as firmemente com cavilhas de madeira. Quatro tábuas fizeram uma caixa para o colchão de palha. Através do fundo dessa armação, de lado para lado, o pai passou uma corda em ziguezague, bem esticada.

O pai fixou uma das extremidades da cama à parede de um canto da casa, de modo que só um canto da cama não ficou encostado a uma parede. Nesse canto o pai colocou uma tábua alta, que fixou à armação da cama. Depois fixou duas tábuas de carvalho o mais alto que pôde, às paredes e à tábua alta. Subiu por elas e fixou solidamente o cimo da tábua alta a uma trave do tecto e colocou uma prateleira nas tábuas de carvalho, por cima da cama.

- Aqui tens, Carolina - exclamou.

- Estou ansiosa por vê-la feita - disse a mãe. - Ajuda-me a trazer o colchão de palha.

Enchera o colchão nessa manhã. Como na Alta Pradaria não havia palha, ela enchera-o de erva seca e limpa, ainda quente do sol e com um cheiro agradável. O pai ajudou-a a trazê-lo para casa e a colocá-lo na cama. A mãe pôs os lençóis e estendeu-lhes por cima a sua manta mais bonita. Pôs as almofadas de penas de ganso à cabeceira da cama e colocou-lhes em cima as coberturas, cada uma com dois passarinhos bordados a vermelho.

Depois o pai, a mãe, Laura e Maria admiraram a cama. Era uma cama muito bonita. A corda em ziguezague, onde o colchão assentava, tornava-a mais macia do que o chão. O colchão

estava fofo, cheio de erva perfumada, a manta bem esticada e as coberturas das almofadas eram muito bonitas e estavam tesas, de goma. A prateleira tinha muita facilidade para arrumar coisas. A casa toda ficava com um ar mais agradável com uma cama daquelas. Nessa noite, quando se deitou no colchão, com a erva a estalar, a mãe disse ao pai:

- Palavra, sinto-me tão confortável que é quase pecado.

Maria e Laura ainda dormiam no chão, mas o pai também faria uma cama mais pequena para elas, o mais depressa que pudesse. Tinha feito a cama e um armário robusto e com cadeado, para os índios não levarem a farinha de milho toda, se voltassem. Agora só precisava de fazer um poço, antes de fazer a tal viagem à cidade. Primeiro tinha de fazer o poço para a mãe ter água na sua ausência. Na manhã seguinte, marcou um grande círculo na erva, perto do canto da casa. Com a enxada cortou a terra com erva da superfície do círculo e retirou-a, em grandes torrões. Depois começou a tirar a terra às pazadas e a enfiar-se cada vez mais no buraco que ia fazendo. Mesmo quando já lhe não viam a cabeça, continuavam a vir pelos ares pazadas de terra. Por fim, a pá voou também e caiu na erva. A seguir, o pai saltou para fora do buraco: primeiro saíram as mãos, que se agarraram ao rebordo de terra, depois um cotovelo, depois o outro e por fim, com um impulso, saltou o pai.

- Já está tão fundo que não posso continuar a atirar a terra para fora. Agora precisava de ajuda.

Por isso, pegou na espingarda e saiu, montado na Patty. Quando voltou trazia um coelho gordinho e tinha marcado trabalho com o Sr. Scott: o Sr. Scott ajudaria o pai a abrir o poço e depois o pai ajudá-lo-ia a abrir o dele. A mãe, Laura e Maria ainda não tinham visto o casal Scott, cuja casa ficava oculta algures, num valezinho da pradaria. Laura vira apenas o fumo subir de lá, mais nada. O Sr. Scott chegou ao nascer do Sol, na manhã seguinte. Era baixo e forte, com o cabelo descolorido pelo sol e a pele de um vermelho-lustroso e escamosa. Não se bronzeava: pelava-se.

- É o raio deste sol e deste vento - explicou. - Peço-lhe desculpa, minha senhora, mas chegam para fazer um santo usar linguagem que não deve. Até parece que sou uma cobra, pela maneira como mudo de pele nesta região!

Laura gostou dele. Todas as manhãs, assim que a louça estava

lavada e as camas estavam feitas, saía de casa a correr, para ver o Scott e o pai trabalharem no poço. O sol queimava, o próprio vento era quente e a erva da pradaria estava a amarelecer. Maria preferia ficar em casa a fazer a sua manta

90 91

de retalhos. Mas Laura gostava de ser forte, do sol e do vento e não conseguia estar longe do poço. No entanto, não a autorizavam a aproximar-se da sua beira.

O pai e o Sr. Scott tinham montado um sarilho resistente por cima do poço, com dois baldes pendentes cada um da ponta de uma corda. Quando girava o sarilho, um balde descia para o poço, enquanto outro subia. De manhã, o Sr. Scott escorregava pela corda abaixo e cavava. Enchia os baldes de terra quase tão depressa quanto o pai, carregava e despejava. Depois do almoço, era o pai que descia pela corda para dentro do poço e o Sr. Scott que carregava e despejava os baldes.

Todas as manhãs, antes de deixar o Sr. Scott escorregar pela corda abaixo, o pai metia uma vela acesa num balde e descia-o até ao fundo. Uma vez, Laura espreitou cá de cima e viu a vela a brilhar lá muito em baixo, no fundo do buraco.

Depois o pai dizia:

- Parece não haver novidade - e puxava o balde e apagava a vela.

- Tudo isso é um disparate, Ingalls - dizia o Sr. Scott. - Ontem tudo estava bem.

- Nunca se sabe - respondeu o pai. - Mais vale prevenir do que...

Laura não sabia que perigo o pai procurava à luz da vela. Mas não perguntava, porque o pai e o Sr. Scott estavam muito atarefados. Gostava de perguntar noutra altura, mas esquecia-se. Uma manhã, o Sr. Scott chegou enquanto o pai estava a tomar o pequeno-almoço. Ouviram-no gritar:

- Vamos, Ingalls, o Sol já nasceu! - e o pai acabou de beber o leite e saiu. O sarilho começou a gemer e o pai a assobiar. Laura e Maria estavam a lavar a louça e a mãe estava a fazer a cama grande quando o pai parou de assobiar. Ouviram-no gritar:

- Scott! Scott! Scott! - Depois chamou: - Carolina, vem cá depressa!

A mãe saiu de casa a correr e Laura correu atrás dela.

- O Scott desmaiou ou coisa parecida, lá em baixo - disse o pai. - Tenho de descer.

- Desceste a vela? - perguntou a mãe.

- Não. Pensei que ele a tinha descido. Perguntei-lhe se estava tudo bem e ele respondeu que sim.

O pai tirou o balde vazio da ponta da corda e amarrou-a bem ao cinto.

- Não podes, Charles, não deves - disse a mãe.

- Tenho de ir, Carolina.

- Não podes. Oh, não, Charles!

- Farei tudo como deve ser. Não respirarei enquanto não sair. Não o podemos deixar morrer lá em baixo.

- Chega-te para trás, Laura! - ordenou a mãe, zangada, e Laura chegou-se para trás e encostou-se à casa, a tremer.

- Não, não, Charles, não te posso deixar! - insistiu a mãe.

- Monta na Patty e vai pedir auxílio.

- Não há tempo.

- Charles, se eu não puder puxar-te para cima... se desmaiases lá em baixo e eu não puder puxar-te para cima...

- Tenho de descer, Carolina - interrompeu-a o pai, ao mesmo tempo que entrava no poço e a sua cabeça deixava de se ver, a descer pela corda.

A mãe baixou-se e pôs a mão em pala nos olhos, para olhar para baixo, para o fundo.

92 93

Em toda a pradaria as cotovias levantavam voo, cantavam, voavam para o céu. O vento soprava quente, mas Laura tinha frio.

De súbito, a mãe levantou-se e agarrou no cabo da manivela, que tentou girar com toda a sua força. A corda retesou-se e o sarilho gemeu. Laura pensou que o pai tinha desmaiado no fundo do poço e a mãe não podia puxá-lo para cima. Mas o sarilho girou um bocadinho, depois mais outro bocadinho...

A mão do pai apareceu, a segurar a corda, e depois a outra mão passou-lhe por cima e agarrou também a corda. A cabeça do pai apareceu. O seu braço apoiou-se no sarilho e ele lá conseguiu saltar para o chão e sentar-se.

O sarilho girou depressa e ouviu-se um baque, muito no fundo do poço. O pai tentou levantar-se, mas a mãe não o deixou:

- Fica quieto, Charles! Laura, vai buscar água. Depressa!

Laura foi a correr e voltou o mais depressa que pôde, com o balde de água. O pai e a mãe estavam ambos a girar o sarilho. A coisa desenrolou-se devagar e o balde subiu e saiu do poço, e amarrado ao balde e à corda vinha o Sr. Scott. Tinha os braços, as pernas e a cabeça pendurados e a oscilar, a boca entreaberta e os olhos semicerrados.

O pai arrastou-o para a erva, deitou-o de costas e ele ficou quieto.

O pai apalpou-lhe o pulso, encostou-lhe o ouvido ao peito e depois sentou-se ao lado dele.

- Está a respirar - disse. - Ficar bom, com o ar. Comigo não há novidade, Carolina. Estou só estourado de cansaço, mais nada.

- Não admira! - exclamou a mãe, zangada. - Que coisa tão insensata, meu Deus! Assustar uma pessoa desta maneira, só por não ter tido um bocadinho de cuidado razoável! Francamente! Eu... - limpou a cara com o avental e desatou a chorar.

Foi um dia terrível.

- Não quero poço nenhum - disse a mãe, a soluçar. - Não vale a pena. Não quero que corras riscos destes!

O Sr. Scott respirara uma espécie de gás que não costuma subir à superfície. Fica no fundo dos poços porque é mais pesado do que o ar. Não se vê nem se cheira, mas ninguém pode respirá-lo muito tempo e ficar vivo. O pai descera para onde esse gás estava a fim de atar o Sr. Scott à corda, para poder puxá-lo para cima, tirá-lo do gás. Quando teve forças, o Sr. Scott foi para casa. Mas antes de ir disse o pai:

- Tinha razão com aquela história da vela, Ingalls. Eu pensava que era disparate e não estive para perder tempo com a vela. Aprendi à minha custa.

- Bem - respondeu-lhe o pai -, eu sei que onde uma luz não pode viver, eu também não posso. Além disso, gosto de fazer as coisas com segurança, quando é possível. Mas bem está o que

acaba bem.

O pai descansou um bocado. Respirara um pouco de gás e apetecia-lhe descansar. Mas nessa tarde tirou um fio de um saco de estopa e um pouco de pólvora do seu polvorinho. Atou a pólvora num bocado de pano, com uma ponta de fio de estopa dentro da pólvora.

- Anda daí, Laura - disse. - Quero mostrar-te uma coisa.

Foram ao poço. O pai acendeu a ponta do fio e esperou que o lume comesse a avançar rapidamente por ele fora. Depois deixou cair o trapo com a pólvora no buraco.

Passado um minuto, ouviram um bum! abafado e viram sair um penacho de fumo do poço.

- Aquilo fará sair o gás - disse o pai.

Quando o fumo se dissipou todo, deixou Laura acender a vela e ficar ao seu lado enquanto ele a descia. A pequena vela continuou a brilhar como uma estrela até ao fundo do buraco negro.

Por isso, no dia seguinte, o pai e o Sr. Scott continuaram a abrir o Poço. Mas só depois de descerem a vela, todas as manhãs.

94 95

Começou a haver um pouco de água no poço, mas ainda não chegava. Os baldes vinham cheios de lama e o pai e o Sr. Scott cada dia trabalhavam em lama mais funda. De manhã, quando a vela descia e iluminava as paredes húmidas e gotejantes e, quando o balde batia no fundo, a luz reflectia-se, em anéis, na água acumulada.

O pai mergulhava na água até ao joelho e mandava para cima baldes cheios de água, antes de poder começar a cavar.

Um dia, quando estava a cavar, chegou cá acima um grito. A mãe saiu de casa a correr e Laura correu também para o poço.

- Puxe, Scott, puxe! - gritou o pai, ao mesmo tempo que se, ouvia, no fundo, um som esguichante, gorgolejante.

O Sr. Scott girou a manivela do sarilho o mais depressa que pôde e o pai subiu pela corda, mão após mão.

- Macacos me mordam se não é areia movediça! - exclamou,

ofegante, quando pousou os pés no chão, todo enlameado e a pingar. - Estava a fazer força na pá, para a enterrar, quando, de repente, ela foi por ali abaixo, até à ponta do cabo. E a água subiu a toda a minha volta.

- Quase dois metros desta corda estão molhados - observou o Sr. Scott, enquanto a enrolava; o balde também estava cheio de água. - Teve juízo em sair de lá à mão, Ingalls. A água subia mais depressa do que eu conseguia puxá-lo. - De súbito, o Sr. Scott deu uma palmada na coxa e exclamou: - Olhem, macacos me mordam se não trouxe a pá.

De facto, o pai salvara a pá. Em pouco tempo o poço ficou quase cheio de água. Parecia um círculo de céu azul, um pouco abaixo do chão, e quando Laura olhava via a cabeça de uma pequena a olhar para cima, para ela. Quando acenava com a mão, respondia-lhe outra mão, na superfície da água. A água era límpida, fria e boa. Laura pensou que nunca provara nada tão bom como aqueles grandes golos de água fria. O pai não precisou de acartar mais água tépida e mal gostosa do rio. fez um estrado sólido em cima do poço, com uma tampa pesada, para descer o balde. Foi recomendado a Laura que nunca tocasse naquela tampa. Mas quando ela ou Maria tinham sede, a mãe afastava a tampa e tirava do poço um balde cheio de água fria e límpida.

96 97

13.

CORNILONGOS DO TEXAS

Uma noite, Laura e o pai estavam sentados à porta. A Lua brilhava sobre a pradaria escura, o vento amainara e o pai tocava rabeca, suavemente.

Deixou uma última nota vibrar muito, muito longamente, até se dissolver no luar. Era tudo tão belo que Laura desejou que

ficasse assim para sempre. Mas o pai disse que eram horas de as meninas pequenas irem para a cama.

Então Laura ouviu um som estranho, baixo e distante e perguntou, admirada:

- Que é aquilo?

O pai escutou, antes de responder:

- É gado, com a breca! Devem ser manadas de gado que seguem para norte, para Forte Dodge.

Depois de se despir, Laura parou à janela, em camisa de dormir. O ar estava muito parado, não bulia nem uma folha de erva e ela continuava a ouvir o mesmo som, muito distante e muito abafado. Era quase um ribombo e quase um canto.

- Estão a cantar, pai? - perguntou.

- Estão. Os vaqueiros estão a cantar para adormecer o gado. E agora toca para a cama, minha malandra.

Laura imaginou o gado deitado no chão, ao luar, e os vaqueiros a cantarem-lhe docemente canções de adormecer.

Na manhã seguinte, quando saiu de casa, viu dois desconhecidos montados a cavalo, junto do estábulo, a falar com o pai. Tinham a mesma cor castanho-avermelhada dos índios, mas os seus olhos pareciam fendas estreitas entre as pálpebras enrugadas. Usavam uma espécie de abas de couro por cima das calças, esporas e chapéu de aba larga. Tinham um lenço atado ao pescoço e pistola no quadril. Disseram "até à vista" ao pai e "Hi! Yip!" aos cavalos, e partiram a galope.

- É o que se chama sorte! - disse o pai à mãe.

Aqueles homens eram vaqueiros. Queriam que o pai os ajudasse a manter o gado fora das ravinas entre os penhascos das terras baixas do ribeiro. O pai não lhes levaria dinheiro nenhum por isso, mas disse-lhes que em troca aceitaria um pedaço de carne de vaca.

- Que dirias a um bom pedaço de carne de vaca, hem, Carolina?

- Oh, Charles! - exclamou a mãe, de olhos a brilhar.

O pai atou o maior lenço que tinha ao pescoço e mostrou a Laura como poderia puxá-lo para cima, a fim de tapar a boca e o nariz, para não engolir poeira. Depois montou na Patty e seguiu para oeste, pela trilha dos índios, até Laura e Maria deixarem de o ver.

O sol quente brilhou todo o dia e sopraram ventos igualmente

quentes, à medida que o barulho das manadas de gado se tornava mais próximo. Era um som baixo e triste, de gado a mugir. Ao meio-dia andava poeira pelo ar ao longo do horizonte. A mãe disse que tanto gado amachucava a erva toda e levantava poeira da pradaria.

O pai voltou ao pôr do Sol, coberto de pó. Tinha poeira na barba, no cabelo e à volta das pestanas, para não falar da que lhe caía da roupa. Não trazia carne porque o gado ainda não atravessara o ribeiro. O gado avançava muito devagar e ia pastando de caminho. Tinha de comer muita erva, para chegar gordo às cidades onde seria por sua vez comido pelas pessoas.

Nessa noite o pai não falou muito nem tocou rabeca. Deitou-se cedo, depois do jantar.

As manadas já estavam tão perto que Laura as ouvia perfeitamente. Os mugidos tristes soaram na pradaria até a noite ficar escura. Depois o gado sossegou e os vaqueiros

98 99

começaram a cantar. Mas o que cantavam não pareciam nada canções de adormecer. Eram cantadas em voz alta, solitária e triste e quase lembravam o uivo dos lobos. Mas Laura ficou muito tempo acordada, a ouvir as canções tristes e a vaguear pela noite. Mais longe, uivavam lobos verdadeiros. Às vezes o gado mugia. Mas as canções dos vaqueiros não paravam, as suas vozes subiam e desciam e lamentavam-se ao luar. Quando todos adormeceram, Laura foi de mansinho à janela e viu três fogueiras a brilhar como olhos, nos confins escuros da terra. Em cima, o céu estava grande, sereno e cheio de luar. As canções tristes pareciam pedir a Lua e punham um nó na garganta de Laura.

Durante todo o dia seguinte, Laura e Maria olharam para oeste:.. Ouviam o barulho do gado e viam as nuvens de poeira. Às vezes ouviam, muito abafado, um grito agudo.

De súbito, meia dúzia de animais de chifres compridos irromperam da pradaria, não muito longe do estábulo. Tinham emergido de uma concavidade do terreno, ao descerem para o ribeiro. De cauda levantada, sacudiam os chifres ferozes de

lado para lado e os seus cascos batiam com força no chão. Um vaqueiro montado num mustang malhado lançou-se num galope louco, para se colocar à frente deles.

Agitava o grande chapéu e soltava gritos altos e agudos: "Hi! Yi-yi-yi!"

O gado virou, a entrechocar os chifres compridos. De cauda levantada, os animais lançaram-se num galope pesado, enquanto o mustang corria atrás deles, andava de um lado para o outro e fazia tudo quanto podia para os manter juntos. Passaram todos por uma corcova de terreno e desceram, ocultos.

Laura começou a correr de um lado para o outro, a agitar a touca ao sol e a gritar: "Hi! Yi-yi-yi!", até a mãe a mandar calar. As meninas não gritavam assim. Laura desejou ser vaqueiro.

Ao fim da tarde, surgiram, de oeste, três cavaleiros que conduziam uma vaca solitária. Um dos cavaleiros era o pai, montado na Patty. Aproximaram-se, devagar, e Laura viu que junto da vaca vinha um bezerrinho malhado.

A vaca avançava às arremetidas, com pouca vontade. Dois vaqueiros cavalgavam à frente dela, mas bem afastados. Duas cordas amarradas aos compridos chifres da vaca iam prender-se às selas dos vaqueiros. Quando a vaca investia com os chifres na direcção de um dos vaqueiros, o cavalo do outro fincava as patas no chão e imobilizava-a. A vaca mugia e o bezerrinho imitava-a, mas mais fraco.

A mãe observava a cena da janela, enquanto Maria e Laura olhavam, admiradas, encostadas à parede.

Os dois vaqueiros seguraram a vaca com as cordas, enquanto o pai a amarrava ao estábulo. Depois despediram-se e foram-se embora.

A mãe não podia crer que o pai trouxera realmente uma vaca para casa. Mas a verdade era essa: tinham uma vaca. O pai explicou que o bezerro era muito novinho para viajar e que a vaca estaria tão magra que não conseguiriam vendê-la. Por isso, os vaqueiros tinham-nos dado ao pai. E também lhe tinham dado a carne, um grande naco que estava preso à sua sela.

O pai, a mãe, Maria e Laura e até a bebé Carrie riram de contentamento. O pai ria sempre alto e o seu riso lembrava grandes sinos a tocar. A mãe, quando estava contente, sorria de uma maneira doce, que deixava Laura toda enternecida. Mas

agora ria-se porque tinham uma vaca.

- Dá-me um balde, Carolina - disse o pai, decidido a mungir a vaca sem mais demora.

Pegou no balde, empurrou o chapéu para trás e acocorou-se junto da vaca, para a ordenhar. Mas a vaca levantou as patas traseiras e atirou o pai ao chão, de costas.

O pai levantou-se de um pulo. Tinha o rosto muito vermelho e os seus olhos pareciam despedir chispas azuis.

100 101

- Juro pelo Grande Chifre que a ordenho! - exclamou.

Foi buscar o machado e aguçou dois robustos paus de carvalho. Empurrou a vaca contra o estábulo e cravou os paus profundamente no chão, ao lado dela. A vaca e o bezerro mugiam, cada qual no seu tom. O pai amarrou firmemente estacas aos postes e enfiou-lhes as pontas em fendas do estábulo, para fazer uma vedação.

Assim a vaca não podia mexer-se nem para a frente, nem para trás;; nem de lado. Mas o bezerrinho podia abrir caminho entre a mãe e o estábulo. Por isso, sentiu-se em segurança e calou-se. Colocou-se desse lado da vaca e mamou o seu jantar, enquanto o pai metia a mão pela vedação e ordenhava do outro lado. Conseguiu um púcaro de folha quase cheio de leite.

- Amanhã de manhã experimentamos outra vez - decidiu. - A pobre bicha é tão selvagem como um veado. Mas havemos de amansá-la, havemos de amansá-la.

Começou a escurecer. Borboletas caçavam insectos, no escuro, e rãs coaxavam nas terras baixas do ribeiro. Um pássaro trinou: «Uípel Uípe! Uípe-pur-uil!» E um mocho juntou-se ao coro: «Uú-Uú!» Jack rosnava e uivavam lobos muito ao longe.

- Os lobos estão a seguir as manadas - disse o pai. - Amanhã construirei uma cerca alta e forte para a vaca, de maneira que os lobos -não consigam entrar.

Entraram todos em casa com a carne. O pai, a mãe, Maria e Laura concordaram que o leite fosse para a bebé Carrie. Observaram-na, enquanto ela bebia. O púcaro escondia-lhe a cara, mas Laura via-lhe os movimentos da garganta, quando os

golos de leite desciam. Foi todo, a golo. Depois Carrie lambeu a espuma do lábio, com a língua vermelha, e riu-se. O pão de milho e os bifos pareceram levar muito tempo a fazer. Mas nunca nada Lhes soubera tão bem como aquela boa carne succulenta. Além disso, estavam todos contentes porque passariam a ter leite para beber e talvez, até, manteiga para barrar o pão de milho. O mugir das manadas estava outra vez muito longe e as canções dos vaqueiros já quase não se ouviam. Todo o gado se encontrava agora do outro lado do ribeiro, em Cansas. No dia seguinte, prosseguiria lentamente a sua longa viagem para Forte Dodge, onde estavam os soldados.

102 103

14.

ACAMPAMENTOo ÍNDIO

Cada dia estava mais quente do que o anterior. O vento também soprava quente, "como se saísse de um forno", dizia a mãe.

A erva estava a amarelar e o mundo inteiro parecia feito de ondas verdes e douradas, sob o céu escaldante.

Ao meio-dia o vento parava. Os pássaros não cantavam e o silêncio era tão grande que Laura ouvia a tagarelice dos esquilos nas árvores, junto do ribeiro. De súbito, apareciam corvos pretos no ar, a grasnar asperamente, mas logo a seguir voltava o silêncio.

A mãe dizia que estavam no pino do Verão.

O pai gostaria de saber para onde os índios tinham ido. Dizia que tinham deixado o seu pequeno acampamento na pradaria. Um dia, perguntou a Laura e a Maria se queriam ir ver o acampamento.

Laura saltou de contente, a bater palmas, mas a mãe levantou objecções.

- É muito longe, Charles. E com este calor...

Os olhos azuis do pai brilharam.

- Este calor não faz mal aos índios e também não nos fará mal a nós - respondeu. - Venham, filhas!

- O Jack também pode ir? - perguntou Laura, em tom de súplica.

O pai tinha pegado na espingarda, mas olhou para Laura e para Jack. Depois olhou para a mãe e voltou a colocar a espingarda no seu lugar.

- Está bem, Laura - acedeu o pai. - Levo o Jack, Carolina, e deixo-te a espingarda.

Jack desatou aos pulos e a agitar o coto da cauda. Assim que viu a que lado iam, começou a trotar à frente. Seguia-se o pai e, atrás, Maria e depois Laura. Maria tinha a touca na cabeça, mas Laura levava a dela suspensa do pescoço.

O chão escaldava debaixo dos seus pés descalços. O sol passava-lhes através dos vestidos desbotados e ardia-lhes nos braços e nas costas. O ar estava realmente quente como a baforada de um forno e até parecia cheirar a pão a cozer. O pai explicou que esse cheiro era das sementes das ervas, que o calor fazia secar.

Foram-se embrenhando mais na vasta pradaria. Laura sentia-se cada vez mais pequenina e nem o pai parecia tão alto como realmente era. Por fim, desceram à pequena concavidade onde os índios tinham acampado.

Jack assustou um grande coelho. Quando ele saltou da erva, Laura deu um pulo e o pai disse, muito depressa:

- Deixa-o, Jack! Temos carne que chega. - Por isso, Jack sentou-se a ver o grande coelho desaparecer aos saltos na depressão.

Laura e Maria olharam em redor e não se afastaram do pai. Havia pequenas moitas aos lados da depressão - silvas, com cachos de bagas levemente rosadas, e sumagre, com pinhas verdes, e, aqui e ali, uma folha vermelho-viva. As plumas dos bastões dourados estavam a ficar cinzentas e as pétalas amarelas dos malmequeres grandes pendiam do centro das flores.

Tudo isso estava escondido na pequena depressão secreta. De casa, Laura só vira erva; agora, daquela depressão, não via a casa. A pradaria parecia ser plana, mas não era.

Laura perguntou ao pai se havia na pradaria muitas

depressões como aquela, e ele respondeu que sim.

- E há índios nelas? - perguntou Laura, quase num murmúrio.
O pai disse que não sabia. Talvez houvesse.

104 105

Laura agarrou-lhe a mão com força, enquanto Maria lhe agarrava a outra, e olharam para o acampamento índio. Viam-se cinzas, tinham ardido as fogueiras do acampamento, e buracos no chão, as estacas das tendas tinham estado enterradas. Havia espalhados, roídos pelos cães do acampamento, e ao longo dos da depressão os garranos índios tinham comido a erva, até a deixar rasa.

Viam-se por toda a parte pegadas de mocassins grandes e mocassins mais pequenos, assim como de pequenos pés descalços. Sobre essas pegadas havia rastos de coelhos, pássaros e lobos.

O pai identificou as pegadas, para Maria e Laura.

Mostrou-lhes as marcas de dois mocassins de tamanho médio, à beira das cinzas da fogueira: uma mulher índia estivera ali acorada e trazia vestida uma saia de couro, com franjas; ainda se viam no pó as marcas minúsculas das franjas. A marca dos dedos dos pés, dentro dos mocassins, era mais funda do que a dos calcanhares, porque ela estivera inclinada para a frente a mexer qualquer coisa que tinha ao lume a cozinhar.

Depois o pai apanhou um pau pequeno e bifurcado, enegrecido pelo fumo, e disse que a panela, ou o que fosse, estivera suspensa de um pau atravessado em dois paus bifurcados como aquele, espetados no chão. Em seguida, pediu-lhes que olhassem para os ossos espalhados à volta da fogueira e lhe dissessem o que ela cozinhasse.

Elas olharam e disseram: "Coelho!"

Era verdade, os ossos eram de coelho.

De súbito, Laura gritou:

- Olhem! Olhem!

Luzia no pó qualquer coisa azul e brilhante, que ela apanhou: uma bonita conta azul. Laura saltou de contentamento.

Depois Maria encontrou uma conta encarnada e Laura uma verde, e não pensaram em mais nada. O pai ajudou-as a procurar

mais. Encontraram contas brancas e castanhas e muitas mais encarnadas e azuis. Levaram a tarde toda a procurar contas na poeira do acampamento índio. De vez em quando, o pai subia até à entrada da depressão e olhava na direcção de casa. Depois voltava e ajudava a procurar mais contas. Procuraram em toda a parte, cautelosamente. O Sol estava quase a pôr-se quando deixaram de encontrar mais. Laura tinha um punhado de contas e Maria outro. O pai atou-as cuidadosamente no lenço: as contas de Laura numa ponta e as de Maria noutra. Meteu o lenço na algibeira e puseram-se a caminho de casa.

O Sol estava baixo, atrás deles, quando saíram da depressão. A casa estava muito longe e parecia muito pequena. E o pai não tinha a patty. O pai andava tão depressa que Laura quase não podia acompanhá-lo. Trotava o mais depressa que podia, mas o Sol descia ainda mais depressa. E a casa parecia cada vez mais longe, ao mesmo tempo que a pradaria parecia maior. Soprava o vento, que dir-se-ia murmurar um segredo assustador. A erva tremia toda, como se estivesse assustada. Nisto, o pai virou-se para trás e os seus olhos sorriram a Laura.

- Cansada, meia-canequinha? A distância é grande para pernas curtas.

Pegou-lhe, apesar de ela já ser crescida, e sentou-a ao ombro. Depois deu a mão a Maria e assim chegaram a casa, todos juntos.

O jantar estava ao lume, a mãe punha a mesa e Carrie brincava no chão com bocadinhos de madeira. O pai atirou o lenço à mãe.

- Venho mais tarde do que tencionava, Carolina. Mas vê o que as garotas acharam. - Pegou no balde do leite e saiu apressado, para soltar Pet e Patty das cordas e ordenhar a vaca.

A mãe desatou o lenço e soltou uma exclamação ao ver as contas, que ainda eram mais bonitas do que tinham parecido no acampamento.

Laura mexeu nas suas com um dedo e viu-as brilhar.

- Estas são minhas - disse.

- A Carrie pode ficar com as minhas - declarou Maria.

A mãe ficou à espera do que Laura diria, mas Laura não queria dizer nada. Desejava ficar com aquelas contas bonitas para si. Sentia o peito quente por dentro e gostaria muito,

mas mesmo muito, que Maria não fosse uma menina tão boa

106 107

e bem comportada. No entanto, não podia permitir que Maria fosse melhor do que ela.

Por isso, disse, devagar:

- A Carrie também pode ficar com as minhas.

- São umas meninas muito boas e nada egoístas - gabou a mãe.

Depois, despejou as contas de Maria nas mãos de Maria e as de Laura nas mãos de Laura, e disse que lhes daria um fio para as enfiarem. As contas faziam um bonito colar para Carrie usar no pescoço.

Maria e Laura sentaram-se na cama, ao lado uma da outra, enfiaram as lindas contas no fio que a mãe lhes dera. Cada uma mete a ponta do seu fio na boca e torceu-a muito bem. Depois Maria enfiou a ponta do seu fio no buraquinho de cada conta, e Laura fez o mesmo com as suas, uma por uma.

Não disseram nada. Talvez Maria se sentisse contente e boa por dentro, mas Laura não se sentia. Quando olhou para a irmã, apeteceu-lhe bater-lhe. Por isso, não voltou a olhar para Maria.

As contas fizeram uma bonita enfiada. Carrie bateu as mãozinhas e sorriu ao vê-la. Depois a mãe atou-lhe o colar ao pescoço, contra o qual as contas brilharam. Laura sentiu-se um bocadinho melhor.

Na verdade, nem as suas contas nem as de Maria chegavam para fazer um colar completo, mas todas juntas tinham feito um colar para Carrie. Quando Carrie sentiu as contas ao pescoço, deitou-lhes a mão. Era pequenina, pelo que não sabia o que fazia e acabaria por partir o fio. Por isso, a mãe tirou-lho do pescoço e guardou as contas para Carrie pôr quando fosse mais crescida. Laura pensou muitas vezes nas ditas contas, depois disso, e voltou a sentir-se má ao ponto de as querer para si. Mas tinha sido um dia maravilhoso e Laura recordava com frequência o longo passeio pela pradaria e tudo o que tinham visto no acampamento dos índios.

FEBRE E SEZÕES

As amoras pretas estavam maduras e nas tardes quentes Laura ia colhê-las com a mãe. As grandes bagas pretas e sumarentas pendiam, abundantes, das silvas das terras baixas do rio. Umas estavam à sombra das árvores e outras estavam ao sol, mas o sol estava tão quente que Laura e a mãe preferiam ficar à sombra. Havia amoras com fartura.

Os gamos deitados nos bosques frescos observavam a mãe e Laura. Gaios azuis pareciam querer atirar-se às toucas delas e mostravam-se zangados, por estarem a tirar-Lhes as amoras. Cobras fugiam apressadamente da sua presença e, nas árvores, os esquilos acordavam e pareciam tagarelar com elas. Aonde quer que fossem, entre as silvas espinhosas, erguiam-se enxames de mosquitos zumbidores.

As próprias amoras maduras estavam cobertas de mosquitos que Lhes chupavam o sumo doce. Mas pareciam gostar tanto de picar Laura e a mãe como de comer amoras.

Os dedos e a boca de Laura estavam tingidos de púrpura-escuro, do sumo das amoras, e a sua cara, as suas mãos e os seus pés descalços estavam cheios de arranhões das silvas e de picadas de mosquitos. E além disso também estavam manchados de púrpura, nos pontos onde ela batera nos mosquitos. Mas todos os dias levavam para casa baldes cheios de amoras, que a mãe espalhava ao sol para secarem.

Todos os dias comiam as que lhes apetecia e, mesmo assim, no Inverno teriam amoras secas para cozer.

Maria não ia quase nunca colher amoras. Ficava em casa a tomar conta da bebé Carrie, porque era a mais velha. De dia, só havia um ou dois mosquitos em casa, mas à noite, se o vento não soprava com força, voavam aos enxames. Nas noites sem vento, o pai deixava montes de erva molhada a arder à volta da

casa e do estábulo. A erva molhada fazia fumo, e o fumo afastava os mosquitos. Mas mesmo assim ainda voavam muitos. O pai não tocava rabeca, ao serão, porque os mosquitos o picavam sem compaixão. O Sr. Edwards também deixara de os visitar depois do jantar, em virtude de haver tantos mosquitos nas proximidades do ribeiro. No estábulo, Pet, Patty e a potrazinha, e a vaca e o bezerro, levavam a noite a bater com as patas e a agitar a cauda para os enxotar. de manhã Laura acordava com a testa toda picada dos mosquitos.

- Isto não durará muito tempo - disse o pai. - O Outono não tarda e o primeiro vento frio acaba com eles.

Laura não se sentia muito bem. Um dia, teve frio mesmo à torreira do sol e não conseguiu aquecer nem junto do lume. A mãe perguntou-lhe porque não ia brincar com Maria fora de casa e ela respondeu que não lhe apetecia brincar. Estava cansada e dorida.

A mãe interrompeu o que estava a fazer e perguntou-lhe:

- Onde te dói?

Laura não sabia bem:

- Estou dorida. Doem-me as pernas.

- Eu também estou dorida - disse Maria.

A mãe olhou-as e disse que as achava com bom parecer. No entanto, acrescentou, alguma coisa deviam ter para estarem tão desassossegadas. Levantou a saia e a combinação de Laura, para ver onde lhe doíam as pernas, e, de repente, Laura desatou a tremer de frio. Tremeu tanto que até bateu os dentes. A mãe tocou-lhe na cara com a mão.

- Não debes ter frio - murmurou. - A tua cara queima, de tão quente.

Laura tinha vontade de chorar; mas não chorava, claro. Só os bebés é que choram.

110 111

- Agora estou quente e doem-me as costas - queixou-se.

A mãe chamou o pai e disse-Lhe:

- Olha para as pequenas, Charles. Creio que estão doentes.

- Eu também não me sinto muito bem - respondeu o pai. - Ora

estou quente, ora estou frio, e dói-me o corpo todo. É isso que vocês sentem, filhas? Até os ossos lhes doem?

Maria e Laura disseram que sim, que era isso que sentiam. De repente o pai e a mãe olharam muito tempo um para o outro e, por fim, ela disse:

- O vosso lugar é na cama, meninas.

Era tão estranho ir para a cama de dia! E Laura estava tão quente que as coisas pareciam oscilar. Agarrou-se ao pescoço da mãe enquanto ela a despiu, e pediu-lhe que lhe dissesse o que tinha.

- Ficarás boa, não te preocupes - respondeu-lhe a mãe sorridente. Laura meteu-se na cama e a mãe aconchegou-lhe a roupa e passou-lhe a mão fresca e macia pela testa.

- Vá, agora dorme - disse.

Laura não adormeceu, realmente, mas também não estava realmente acordada durante muito, muito tempo. Tinha a impressão de que estavam a acontecer coisas estranhas, numa espécie de nevoeiro. Via o pai encolhido junto ao lume, no meio da noite, e de repente o dia feria-lhe os olhos e a mãe dava-lhe caldo às colheres. Qualquer coisa, não sabia o quê, foi-se tornando pequeno, devagarinho, cada vez mais pequeno, até se tornar minúsculo. Depois, lentamente, voltou a crescer, até não haver nada maior. Duas vozes falavam depressa, cada vez mais depressa, e depois uma voz lenta arrastava-se, falava tão devagar que se tornava insuportável a Laura. Não havia palavras, eram só vozes.

Maria escaldava na cama, a seu lado, e atirava a roupa para trás. Mas Laura gritava porque tinha muito frio. Depois sentia-se a escaldar e via o púcaro da água a tremer na mão do pai. Escorria-lhe água pelo pescoço. O púcaro de folha batia-lhe de tal maneira nos dentes que quase não podia beber. Depois a mãe aconchegava-lhe a roupa e a mão que encostava à face de Laura escaldava.

Ouviu o pai dizer:

- Vai-te deitar, Carolina.

- Estás mais doente do que eu, Charles - respondeu a mãe.

Laura abriu os olhos e viu que brilhava o sol. Maria soluçava:

- Quero água! Quero água! Quero água!

Jack andava para trás e para diante entre a cama grande e a

cama pequena. Laura viu o pai estendido no chão, junto da cama grande e Jack batia com a pata no pai e gania. Agarrou na manga do pai, com os dentes, e sacudiu-a. O pai levantou um bocadinho a cabeça e disse:

- Tenho de me levantar... tenho... Carolina, e as meninas...

Depois a cabeça caiu-lhe para trás e ele ficou imóvel. Jack levantou o focinho e uivou. Laura tentou levantar-se, mas estava muito cansada. Depois viu o rosto vermelho da mãe, a olhar por cima da beira da cama grande. Maria continuava a chorar e a pedir água. A mãe olhou para Maria e depois para Laura e perguntou, baixinho:

- Podes, Laura?

- Sim, mãe - respondeu Laura, e desta vez levantou-se da cama. Mas quando tentou pôr-se de pé o chão oscilou e ela caiu. Jack lambeu-lhe a cara muitas vezes, todo a tremer e a ganir, mas ficou quieto e firme quando ela o agarrou e se ergueu apoiada nele. Sabia que tinha de ir buscar água, para que Maria deixasse de chorar, e conseguiu-o. Percorreu de gatas todo o caminho até ao balde de água, que tinha muito pouca. Laura tremia tanto de frio que quase não foi capaz de agarrar na concha. Mas agarrou. Tirou um pouco de água e voltou para trás, a gatinhar pelo chão que parecia não ter fim. Jack manteve-se sempre a seu lado. Maria não abriu os olhos. As suas mãos fecharam-se na concha, e levou-a à boca, e bebeu a água toda. Depois deixou de chorar. A concha caiu para o chão e Laura meteu-se na cama, conforme pôde. Só passado muito tempo começou a aquecer de novo. Às vezes ouvia Jack ganir. Outras vezes ouvia-o uivar e julgava que era um lobo, mas não tinha medo. Estava deitada, a escaldar

112 113

e a ouvi-lo uivar. Depois ouviu outra vez as vozes a falar muito depressa e a voz lenta e arrastada. Abriu os olhos e viu uma grande cara preta inclinada para a sua.

Era uma cara cor de carvão e reluzente. Os olhos eram pretos e meigos e os dentes brilhavam, muito brancos, na boca grande e grossa. A cara sorriu e uma voz grave disse, docemente:

- Bebe isto, pequenina.

Um braço soergueu-a, pelos ombros, e uma mão preta chegou-lhe um púcaro à boca. Laura engoliu um golo amargo e tentou desviar a cabeça, mas o púcaro foi atrás da sua boca e a voz grave e doce repetiu:

- Bebe. Ficarás boa. - E Laura bebeu o remédio amargo todo. Quando acordou, uma mulher gorda espevitava o lume. Laura observava-a atentamente, e viu que não era preta. Estava queimada do sol, como a mãe.

- Quero água, por favor - pediu, e a mulher gorda levou-lha logo. Laura sentiu-se melhor depois de beber a boa água fresca. Olhou para Maria, que dormia a seu lado, e olhou para o pai e para a mãe que dormiam na cama grande. Jack estava meio-adormecido, no chão. Laura olhou de novo para a mulher gorda e perguntou-lhe:

- Quem é a senhora?

- Sou a Sr.a Scott - respondeu-lhe ela, a sorrir. - Então, sentes-te melhor, não sentes?

- Sinto, sim, obrigada - respondeu Laura, delicadamente, e a mulher gorda levou-lhe uma tigela de caldo quente de galinha-da-pradaria.

- Bebe tudo, como uma boa menina - disse-lhe, e Laura bebeu o bom caldo sem deixar nem uma gota. - Agora volta a dormir - aconselhou a Sr.a Scott. - Eu fico cá a tomar conta de tudo até estarem todos bons.

Na manhã seguinte, Laura sentiu-se muito melhor e quis levantar-se, mas a Sr.a Scott disse-lhe que devia ficar na cama até o doutor chegar. Por isso, ficou deitada a ver a Sr.a Scott arrumar a casa e dar remédio ao pai, à mãe e a Maria. Por fim, foi a vez de Laura: abriu a boca e a Sr. a Scott deitou-lhe para a língua, de um papelinho dobrado, uma coisa horivelmente amarga. Laura bebeu água, para engolir, bebeu de novo. Acabou por engolir o pó, mas o amargor ficou-lhe na boca.

Depois chegou o médico. Era um preto. Laura nunca tinha visto um homem preto e não conseguia desviar o olhar do Dr. Tan. Era tão preto! Teria tido medo, se não gostasse tanto dele. O médico sorriu-lhe, com todos os dentes brancos. Falou com o pai e a mãe e soltou grande e alegre gargalhada. Desejavam todos que ele ficasse mais tempo mas o doutor estava

cheio de pressa. A Sr.a Scott explicou que todos os colonos, ribeiro acima e ribeiro abaixo, estavam com febre e sezões. Não havia gente saudável suficiente para cuidar dos doentes e ela andava de casa em casa, a trabalhar noite e dia.

- É um milagre terem-se salvo, da maneira como adoeceram todos ao mesmo tempo - observou, acrescentando que não sabia o que aconteceria se o Dr. Tan os não tivesse descoberto por acaso. O Dr. Tan era médico dos índios e ia a caminho para o norte, para Independence, quando passara pela casa do pai. Estranhamente, Jack, que detestava desconhecidos e nunca deixava nenhum aproximar-se da casa enquanto o pai ou a mãe lho não dissessem, fora ao encontro do Dr. Tan e fizera com que ele entrasse em casa.

114 115

- E aqui estavam todos, mais mortos do que vivos - concluiu a Sr. a SCOTT.

O Dr. Tan ficara com eles um dia e uma noite, antes de a Sr.a Scott chegar. Agora andava a tratar de todos os colonos doentes.

A Sr. a Scott disse que toda aquela doença resultava de se comer melancia.

- Disse algumas cem vezes ou mais que as melancias...

- Quê? - interrompeu-a o pai. - Quem tem melancias?

A Sr. a Scott explicou que um dos colonos semeara melancias nos baixos do ribeiro. E toda a gente que comera dessas melancias adoecera logo. Ela bem os avisara!

- Mas não, ninguém se convenceu - acrescentou. - Comeram melancias e agora estão a sofrer as consequências.

- Não provo uma boa talhada de melancia já não sei há quanto tempo - disse o pai.

No dia seguinte, levantou-se. No outro, foi a vez de Laura. Depois, levantou-se a mãe e por fim Maria. Estavam todos magros e fracos. Mas já podiam cuidar de si. Por isso, a Sr.a Scott foi para sua casa e A mãe disse que não sabia como agradecer-lhe, e a Sr.a Scott respondeu-lhe:

- Ora essa, para que servem os vizinhos, a não ser para se

ajudarem uns aos outros?

As faces do pai estavam encovadas e ele andava devagar. A mãe tinha de se sentar muitas vezes para descansar. Laura e Maria não tinham vontade de brincar. Todas as manhãs, a família toda tomava o pó amargo. Mas a mãe continuava a sorrir, com o seu sorriso encantador e o pai assobiava alegremente.

- Não há vento mau que não traga algum bem - disse ele, e acrescentou que, visto não poder trabalhar, ia fazer uma cadeira de balanço para a mãe.

Trouxe alguns troncos finos de salgueiro de junto do ribeiro e fez a cadeira em casa. Assim podia parar quando fosse preciso, para pôr lenha no lume ou levantar uma cafeteira pesada, com a qual a mãe não podia.

Primeiro fez quatro pernas fortes e fixou-as com travessas, firmemente. Depois cortou tiras delgadas de rija casca de salgueiro, que ficava logo abaixo da cortiça. Entrecruzou essas tiras, para trás e para a frente e por cima e por baixo, até fazer o assento da cadeira.

Abriu um tronco comprido e estreito ao meio, de alto a baixo. Fixou uma ponta de uma das metades do tronco ao lado do assento, curvou o restante para cima e para baixo e fixou a outra ponta ao outro lado do assento. A cadeira ficou assim com umas costas altas e curvas. Escorou-as bem com suportes e voltou a entretecer tiras de casca de salgueiro de cima para baixo e de baixo para cima, passando-as sucessivamente uma por baixo da outra, até fazer o encosto das costas da cadeira.

Com a outra metade do tronco aberto a meio, o pai fez os braços da cadeira. Curvou-os da frente do assento até às costas e voltou a servir-se de tiras de casca de salgueiro entretecidas para cobrir os lados.

Por fim, abriu ao meio outro tronco de salgueiro, mais grosso, que crescera curvado. Virou a cadeira de pernas para o ar e fixou os bocados curvos às pernas, para a cadeira não balançar. E estava pronta.

Depois festejaram. A mãe tirou o avental, alisou o cabelo castanho, pôs o alfinete de ouro no decote do vestido. Maria pôs a enfiada de contas ao pescoço de Carrie. O pai e Laura puseram a almofada de Maria no assento da cadeira e encostaram a de Laura às costas. Por cima da almofada, o pai estendeu a

manta da cama pequena. Depois pegou na mão da mãe, conduziu-a para a cadeira e pôs-Lhe a bebé Carrie ao colo.

A mãe recostou-se na agradável maciez. As faces magras coraram e os olhos brilharam-Lhe, cheios de lágrimas. Mas o seu sorriso era lindo. Embalada docemente pela cadeira, disse:

- Oh, Charles, não sei há quanto tempo não me sentia tão confortável!

116 117

Então o pai pegou na rabeca e tocou e cantou para a mãe, à luz do lume aceso na lareira. A mãe balançou-se, a bebé Carrie adormeceu e Maria e Laura sentaram-se no banco, muito contentes.

No dia seguinte, sem dizer aonde ia, o pai montou a Patty e partiu. A mãe ficou cheia de curiosidade, sem saber aonde ele teria ido. Quando voltou, o pai equilibrava uma melancia à sua frente, na sela. Levou-a para casa com dificuldade, pô-la no chão e deixou-se cair a seu lado.

- Pensei que não conseguiria chegar cá com ela - disse. - Deve pesar uns dezoito quilos e eu estou fraco como água. Dá-me a minha faca.

- Mas, Charles... - protestou a mãe. - Não debes... a Sr.a Scott disse...

O pai soltou a sua grande gargalhada cristalina.

- Isso não é razoável - afirmou. - É uma boa melancia. Porque havia de ter febre e sezões? Toda a gente sabe que a febre e as sezões são consequência de se respirar o ar nocturno.

- Essa melancia cresceu no ar nocturno - teimou a mãe.

- Que disparate! Dá-me a faca, anda. Comerá esta melancia mesmo que soubesse que me causaria arrepios e febre.

- Não duvido - respondeu a mãe, e deu-lhe a faca.

A faca produziu um som muito agradável ao penetrar na melancia. A casca verde abriu-se e ficou à vista o interior encarnado-vivo, salpicado de pevides pretas. A polpa vermelha até parecia gelada. Nada poderia ser tão tentador como aquela melancia, naquele dia quente.

A mãe não quis tocar-Lhe e também não deixou Laura e Maria provarem, sequer. Mas o pai comeu talhada após talhada e, por fim, suspirou, regalado, e disse que a vaca podia comer o resto.

No dia seguinte, teve um pouco de frio e de febre. A mãe atribuiu a culpa à melancia. Mas no outro dia foi ela quem teve um pouco de frio e de febre. Por isso, ficaram sem saber o que lhes teria causado a febre e as sezões.

Naquele tempo ninguém sabia que a febre e as sezões eram a malária, transmitida por certos mosquitos quando picavam as pessoas.

118

16.

FOGO NA CHAMINÉ

A pradaria estava diferente. Agora tinha um tom amarelo-escuro, quase castanho, com manchas vermelhas de sumagre. O vento gemia na erva alta e murmurava tristemente na erva curta e encrespada. À noite parecia uma pessoa a chorar.

O pai voltou a dizer que aquela região era excelente. Na Grande Floresta tivera de ceifar o feno, secá-lo, empilhá-lo e levá-lo para o estábulo, para o Inverno. Ali na Alta Pradaria, o sol amadurecera a erva alta onde ela nascera e durante todo o Inverno os mustangs e a vaca poderiam ceifar o seu próprio feno. Só precisava de uma pequena meda para os dias de temporal.

Agora que o tempo arrefecera, iria à cidade. Não fora no Verão porque Pet e Patty sofreriam com o calor. Teriam de puxar o carroção uns trinta quilómetros por dia, para chegarem à cidade em dois dias. E ele não queria estar fora de casa mais tempo do que o indispensável.

Empilhou a pequena reserva de feno junto do estábulo, partiu

a lenha para o Inverno e arrumou-a, numa pilha comprida, encostada à casa. Já só Lhes restava arranjar carne suficiente para os dias da sua ausência. Por isso, pegou na espingarda e foi caçar.

Laura e Maria brincavam fora de casa, ao vento. Quando ouviam o eco de um tiro, no bosque das imediações do ribeiro, sabiam que o pai tinha caçado qualquer coisa.

O vento arrefecera e ao longo do ribeiro bandos de patos selvagens levantavam voo, voavam e pousavam de novo. Do ribeiro erguiam-se grandes formações em V de gansos selvagens

119

que partiam mais para sul. O guia que ia à frente, perguntava aos que iam atrás: "Honk?" E ao longo da formação os gansos respondiam, um por um: «Honk», "Honk", "Honk". E o da frente repetia: "Honk" E os outros respondiam-lhe: "Honk-honk!" "Honk-honk!" O guia voava a direito para sul, a bater as asas fortes, e as compridas filas seguiam-no, muito certas. :

As copas das árvores que ladeavam o ribeiro tinham adquirido cor. Os carvalhos eram encarnados e amarelos e castanhos e verdes. Os choupos-do-canadá, os sicómoros e as nogueiras eram de um amarelo luminoso. O céu, porém, não estava tão azul e o vento era áspero.

Nessa tarde ventou muito e esteve frio. A mãe chamou Maria e Laura para casa. Depois atçou o lume, chegou a cadeira de balanço para a lareira e sentou-se a embalar a bebé Carrie e a cantar-lhe baixinho:

Olá, carapucinho, O pai foi caçar,
Apanhar um coelhinho Para na pele te embrulhar.

Laura ouviu um estalidozinho na chaminé. A mãe parou de cantar,, inclinou-se para a frente e olhou para cima. Depois levantou-se, calmamente, pôs Carrie nos braços de Maria, sentou-a na cadeira e correu para fora de casa. Laura correu

atrás dela.

Toda a parte de cima da chaminé estava a arder. Os paus de que era feita ardiam, o fogo crepitava atiçado pelo vento e avançava para o indefeso telhado. A mãe pegou num pau comprido e começou a bater no fogo crepitante, a bater, a bater, enquanto à sua volta choviam bocados de madeira a arder.

Laura ficou sem saber que fazer. Pegou também num pau, mas a mãe disse-Lhe que não se aproximasse. Aquele fogo rugidor era terrível. Seria capaz de incendiar a casa toda sem que Laura pudesse fazer alguma coisa para o evitar.

Laura correu para casa. Pela chaminé abaixo caíam paus a arder e brasas, que se espalhavam pela lareira. A casa estava cheia de fumo. Um grande pau a arder rolou para o chão, para debaixo da saia de Maria. Mas ela estava tão assustada que não foi capaz de se mexer.

Laura também estava muito assustada, tão assustada que não conseguia raciocinar. Agarrou nas costas da pesada cadeira de balanço e puxou com toda a sua força. A cadeira, com Maria e Carrie, deslizou para trás, pelo chão fora. Depois Laura pegou no pau a arder e atirou-o para a lareira, precisamente quando a mãe entrava.

- Linda menina, Laura, lembraste-te de eu dizer que nunca se deve deixar lume no chão - elogiou a mãe que, rápida e serenamente, pegou no balde e atirou água para o lume da lareira, o que provocou nuvens de vapor. Depois perguntou:

- Queimaste as mãos? - observou as mãos de Laura, mas ela não as queimara porque atirara o pau a arder muito depressa para a lareira. Laura não estava verdadeiramente a chorar. Era crescida de mais para chorar. Corria-Lhe apenas uma lágrima de cada olho e sentia uma sufocação na garganta, mas isso não era chorar. Escondeu o rosto contra o corpo da mãe e agarrou-se a ela com força. Estava tão contente por o fogo não ter ferido a mãe!

- Não chores, Laura - disse a mãe, a afagar-Lhe o cabelo. - Tiveste medo?

- Tive - respondeu Laura. - Tive medo que Maria e Carrie ficassem queimadas, tive medo que a casa ardesse e ficássemos sem casa. Estou... estou muito assustada, agora!

Maria recuperou a voz e contou à mãe como Laura afastara a cadeira do lume. Laura era tão pequenina, e a cadeira tão grande e tão pesada com Maria e Carrie nela sentadas, que a mãe ficou surpreendida, sem compreender como Laura conseguira arrastá-la.

- Foste uma menina corajosa, Laura - disse, mas a verdade é que Laura tivera um medo terrível. - E não aconteceu mal nenhum. A casa não ardeu e a saia de Maria não pegou fogo e não a queimou, a ela e à Carrie. Portanto, está tudo bem.

Quando o pai chegou, o lume estava apagado. O vento soprava à volta do baixo topo de pedra da chaminé e a casa estava fria. Mas o pai disse que acabaria a chaminé com paus verdes e barro novo e a revestiria tão bem que não voltaria a incendiar-se.

Trouxera quatro patos gordos e disse que poderia ter matado centenas. Mas só precisavam de quatro.

- Guarda as penas dos patos e dos gansos que comermos - disse à mãe. - Hei-de caçar tantos que poderás ter um colchão de penas.

Podia, claro, ter caçado um gamo, mas o tempo ainda não estava suficientemente frio para gelar a carne e evitar que se estragasse antes de a comerem. Além disso, descobrira o lugar onde se abrigava um bando de perus bravos.

- Os nossos perus do Dia da Acção de Graças e do Natal - disse. - Uns bichos grandes e gordos. Hei-de apanhá-los quando chegar a altura.

A assobiar, o pai foi misturar barro e cortar galhos verdes, para reconstruir a chaminé, enquanto a mãe preparava os patos. Depois o lume voltou a crepitar alegremente, assou-se um pato gordo e cozeu-se o pão de milho. Estava tudo outra vez confortável e acolhedor.

Depois do jantar, o pai disse que parecia melhor partir de manhã cedo para a cidade.

- Já que tem de ser, o melhor é despachar o assunto e pronto.

- Sim, Charles, também acho que é melhor ir - disse a mãe.

- Poderíamos remediar-nos bem se eu não fosse... - observou

o pai. - Não há necessidade nenhuma de correr para a cidade a toda a hora, por qualquer bagatela. Tenho fumado tabaco melhor do que aquele que Scott cultivava em Indiana. Cultivarei algum no próximo Verão e pagar-lhe-ei. Gostaria de não ter pedido aqueles pregos emprestados ao Edwards.

122

- Mas pediste, Charles - respondeu a mãe. - Quanto ao tabaco, gostas mais de pedir emprestado do que eu. Além disso, precisamos de mais quinino. Tenho poupado a farinha de milho, mas está quase no fim, e o açúcar também. Claro que poderias encontrar a árvore de abelhas, mas não me consta que haja árvores de farinha de milho e nós só semearemos milho nosso para o ano. Um pouco de carne salgada também saberia bem, depois de toda esta caça brava. Por outro lado, Charles, gostaria de escrever à família, para o Wisconsin. Se expedires uma carta agora, eles poderão escrever este Inverno e nós temos notícias suas na próxima Primavera.

- Tens razão, Carolina, como sempre - concordou o pai. Depois virou-se para Maria e Laura e disse que eram horas de dormir. Se queria partir de manhã cedo, o melhor era deitar-se também.

Descalçou as botas, enquanto Maria e Laura vestiam as camisas de dormir. Mas quando elas se meteram na cama, o pai pegou na rabeca e tocou e cantou baixinho:

Tão verde cresce o loureiro,
Tão verde como a arruda.
Tão triste me sinto, amor,
Ao separar-me de ti.

A mãe virou-se para ele e sorriu.

- Tem cuidado contigo durante a viagem, Charles, e não te preocupes connosco - disse-lhe. - Ficaremos bem.

O PAI VAI À CIDADE

O pai partiu antes de alvorecer. Quando Laura e Maria acordaram, ele já se tinha ido embora e estava tudo vazio e solitário. Não era como se o pai tivesse ido apenas caçar. Tinha ido à cidade e só voltaria dali a quatro longos dias.

Bunny tinha sido fechada no estábulo para não ir atrás da mãe. A viagem era demasiado longa para uma potra. Por isso, Bunny relinchava tristemente. Laura e Maria ficaram dentro de casa com a mãe. O exterior era muito vasto e deserto para brincarem quando o pai se ausentava. Jack também estava intranquilo e vigilante.

Ao meio-dia, Laura foi com a mãe dar água à Bunny e mudar a vaca para erva mais fresca. A vaca tornara-se muito mansa, ia para onde a mãe a levava e até a deixava ordenhá-la.

À hora da ordenha, quando a mãe estava a pôr a touca, Jack ficou subitamente com o pêlo todo eriçado, no pescoço e nas costas, e saiu a correr de casa. Ouviram um grito, uma corrida e depois uma voz a pedir: "Chamem o cão! Chamem o cão!"

O Sr. Edwards estava em cima do monte de lenha e Jack preparava-se para subir atrás dele.

- Encurralou-me aqui - disse o Sr. Edwards, a recuar ao longo do cimo do monte de lenha.

A mãe teve dificuldade em obrigar Jack a afastar-se. O buldogue arreganhava os dentes ferozmente e tinha os olhos vermelhos. Teve de deixar o Sr. Edwards descer da lenha, mas não o perdeu de vista nem um instante.

- Francamente, parece saber que o meu marido não está em casa! - exclamou a mãe.

O Sr. Edwards disse que os cães sabiam mais do que muita

gente os julgava capazes.

A caminho da cidade, nessa manhã, o pai fora a casa do Sr. Edwards e pedira-lhe que passasse por lá todos os dias, para ver se estava tudo bem. E o Sr. Edwards era tão bom vizinho que fora à hora de tratar dos animais, para poupar esse trabalho à mãe. Mas Jack decidira não deixar ninguém, a não ser a mãe, aproximar-se da vaca ou de Bunny enquanto o pai estivesse ausente. Por isso, teve de ser fechado em casa durante o tempo que o Sr. Edwards levou a tratar dos animais.

Quando se foi embora, o Sr. Edwards disse à mãe:

- Fique com esse cão dentro de casa, esta noite, e estará em segurança.

A escuridão avançou lentamente a toda a volta da casa. O vento gemia tristemente, os mochos piavam, um lobo uivou e Jack rosnou baixo. Maria e Laura sentaram-se ao pé da mãe, à lareira. Sabiam que estavam em segurança dentro de casa, porque Jack estava com elas e a mãe puxara a correia do fecho para dentro.

O dia seguinte foi vazio como o primeiro. Jack andou à volta do estábulo e da casa e não prestou atenção nenhuma a Laura.

Nessa tarde, a Sr. a Scott visitou a mãe. Enquanto elas conversavam, Laura e Maria sentaram-se delicadamente, quietinhas como ratos. A Sr. a Scott admirou a cadeira de balanço nova. Quanto mais se balançava, mais gostava dela. Disse que a casa era muito bonita e confortável e estava muito bem arranjada.

Acrescentou esperar de todo o coração que não tivessem problemas com os índios. O Sr. Scott tinha ouvido uns boatos a esse respeito.

124 125

- Deus sabe que eles próprios nunca fariam nada desta região. A única coisa que fazem é vaguear à volta dela, como animais selvagens. Com tratados ou sem tratados, a terra pertence a quem a cultiva. É sensato e justo que seja assim.

Não sabia por que motivo o Governo fazia tratados com os índios. O único índio bom era um índio morto. Só pensar em

índios lhe gelava o sangue.

- Não posso esquecer a chacina do Minesota. O meu pai e os meus irmãos, juntamente com os restantes colonos, saíram ao encontro deles e detiveram-nos somente a vinte e cinco quilómetros a oeste de nós: Ouvi o meu pai dizer muitas vezes que ele...

A mãe pigarreou bruscamente e a Sr. a Scott calou-se. Os adultos nunca falavam de chacinas, fossem lá elas o que fossem, quando estavam meninas pequenas presentes.

Depois de a Sr. a Scott se ter ido embora, Laura perguntou à mãe o que era uma chacina. A mãe respondeu-Lhe que não Lhe podia explicar, que se tratava de uma coisa que Laura compreenderia quando fosse mais velha.

O Sr. Edwards voltou à tardinha para tratar dos animais, e Jack voltou a obrigá-lo a subir para o monte da lenha. A mãe teve de o ir buscar à força e disse ao Sr. Edwards não fazer ideia do que se metera na cabeça do cão. Talvez fosse o vento que o transtornava.

De facto, o vento uivava de modo estranho, feroz, e atravessava as roupas de Laura como se elas não existissem. Os dentes dela e os de Maria batiam enquanto levavam muitos braçados de lenha para casa.

Nessa noite pensaram no pai, em Independence. Se nada o tivesse atrasado, estaria lá acampado, perto das casas e das pessoas. No dia seguinte iria ao armazém, comprar coisas, e depois, se conseguisse partir cedo, percorreria parte do caminho de regresso e à noite acamparia na pradaria. Na outra noite talvez chegasse a casa.

De manhã o vento soprava com força e era tão frio que a mãe manteve a porta fechada. Laura e Maria ficaram junto da lareira a ouvir o vento soprar à volta da casa e assobiar na chaminé. Nessa tarde, pensaram se o pai estaria a partir de Independence e a voltar para junto delas, contra o vento.

Depois, quando escureceu, pensaram onde estaria o pai acampado. O vento era tão frio que até entrava na casa aconchegada e Lhes arrepiava as costas, apesar de terem a cara vermelha do calor do lume. Algures, na grande, escura e solitária pradaria, o pai estava acampado, com aquele vento.

O dia seguinte foi muito comprido. Claro que não podiam esperar que o pai chegasse de manhã. Mas à tarde começaram a

vigiar a estrada do ribeiro. Jack também a vigiava. Ganiu, para o deixarem sair, deu a volta à casa e ao estábulo e parou de dentes arreganhados a olhar para as terras baixas do ribeiro. O vento quase o levou pelos ares.

Quando voltou para dentro, não se deitou. Começou a andar de um lado para o outro, agitado. O pêlo eriçava-se-lhe no pescoço, assentava e voltava a eriçar-se. Tentou olhar pela janela e depois ganiu à porta. Mas quando a mãe lha abriu, mudou de ideias e não quis sair.

- O Jack está com medo de qualquer coisa - disse Maria.

- O Jack nunca tem medo de nada! - contradisse-a Laura.

- Laura, Laura - admoestou-a a mãe. - Não é bonito contradizer as pessoas.

Passado um minuto, Jack resolveu sair. Foi ver se o bezerro e Bunny estavam bem, no estábulo. Laura teve vontade de observar a Maria: "Eu bem te disse!" Teve vontade, mas não o fez.

126 127

À hora de tratar dos animais, a mãe conservou o Jack em casa, para ele não obrigar outra vez o Sr. Edwards a fugir para cima do monte de lenha. O pai ainda não chegara. O vento atirou o Sr. Edwards de escantilhão pela porta dentro, ofegante e enregelado. Aqueceu-se ao lume, antes de tratar dos animais, e quando acabou sentou-se para se aquecer outra vez.

Disse que estavam índios acampados ao abrigo dos penhascos. Vira o fumo das suas fogueiras quando atravessava as terras baixas. Perguntou à mãe se tinha uma arma e ela respondeu-lhe que tinha a pistola do pai.

- Calculo que eles não se afastarão do acampamento, numa noite destas - acrescentou o Sr. Edwards.

- Claro - concordou a mãe.

O Sr. Edwards disse que ficaria confortavelmente no feno do estábulo e passaria lá a noite, se a mãe quisesse. Ela agradeceu-lhe muito, mas afirmou que não lhe causaria esse transtorno, estariam em segurança com o Jack.

- Espero o meu marido de um momento para o outro -

acrescentou.

Por isso, o Sr. Edwards vestiu o casacão, pôs o boné e o cachecol, calçou as luvas e pegou na espingarda. Disse ainda estar convencido de que não aconteceria nada à mãe.

- Pois não - concordou ela.

Quando fechou a porta, depois de o Sr. Edwards sair, a mãe puxou a correia do fecho para dentro, embora ainda não tivesse escurecido. Laura e Maria viam perfeitamente, da janela, a estrada do ribeiro, e vigiaram-na até a escuridão a ocultar. Então a mãe fechou e trancou a porta de madeira da janela. O pai não chegara.

Jantaram, lavaram a louça e varreram a cinza da lareira. O pai continuava sem chegar. Na escuridão onde ele se encontrava, o vento gritava, gemia e uivava. Fazia bater o fecho da porta, sacudia as portas de madeira das janelas e assobiava pela chaminé abaixo. O lume crepitava, espevitado.

Laura e Maria mantinham-se de ouvido atento, à espera de ouvirem o som das rodas do carroção. Sabiam que a mãe também estava à escuta, embora se balançasse na cadeira e cantasse para adormecer Carrie.

A bebé adormeceu e a mãe continuou a balançar-se devagarinho.

Por fim, despiu Carrie e meteu-a na cama. Laura e Maria olharam uma para a outra: não queriam ir para a cama.

- São horas de dormir, meninas! - disse a mãe, mas Laura pediu-lhe tanto que a deixasse ficar a pé até o pai vir, pedido feito igualmente por Maria, que a mãe acabou por consentir.

Ficaram a pé muito, muito tempo. Maria bocejou, depois bocejou Laura e por fim bocejaram as duas. Mas conservaram os olhos bem abertos. Os de Laura viam as coisas tornar-se muito grandes e a seguir muito pequenas e umas vezes viam duas Marias e outras nenhuma, mas apesar disso ela estava decidida a ficar a pé até o pai chegar. De súbito, um grande estrondo assustou-a e a mãe pegou-Lhe: caíra do banco para o chão.

Tentou dizer à mãe que não tinha assim tanto sono que precisasse de ir para a cama, mas um bocejo enorme quase lhe abriu a cabeça ao meio.

No meio da noite, sentou-se de repente na cama. A mãe estava sentada, imóvel, na cadeira de balanço, junto do lume. O fecho da porta e as janelas de madeira batiam e o vento uivava. Maria tinha os olhos abertos e Jack andava de um lado para o outro. Depois Laura ouviu de novo um uivo horrível, que subiu, baixou e subiu de novo.

- Deita-te, Laura, e dorme - mandou a mãe, baixinho.

- Que uivo foi este? - perguntou Laura.

- É o vento - respondeu-lhe a mãe. - Agora faz o que te mandei.

Laura deitou-se, mas os seus olhos não se fecharam. Sabia que o pai estava lá fora, na escuridão, no meio daquele uivo horrível. Os homens selvagens estavam nos penhascos, ao longo do ribeiro, e o pai teria de atravessar essas terras, às escuras. Jack rosnou.

A mãe começou a balançar-se devagarinho na cadeira. O reflexo do lume percorria o cano da pistola do pai, que ela tinha no colo. A mãe começou a cantar baixinho, docemente:

Há uma terra, feliz
Muito, muito longe,
Onde os santos vivem em glória,
Luminosa como o dia.

Oh, ouvir os anjos cantar,
Glória a Deus, nosso Rei...

Laura não deu por adormecer. Pensou que os anjos luminosos tinham começado a cantar com a mãe e que ela estava deitada, a ouvir o seu cantar celestial. Mas de repente abriu os olhos e viu o pai de pé, junto do lume.

Saltou da cama, a gritar:

- Oh, Pá! Pá!

As botas do pai estavam revestidas de lama gelada, o seu

nariz estava vermelho de frio e tinha o cabelo espetado na cabeça, numa grande desordem. Estava tão frio que Laura se sentiu gelar, através da camisa de dormir, quando chegou junto dele.

- Espera! - disse o pai, e embrulhou-a no grande xaile da mãe, antes de a abraçar. Estava tudo bem outra vez. A casa estava aconchegada com o calor do lume, cheirava agradavelmente a café quente, a mãe sorria e o pai estava ali.

O xaile era tão grande que Maria se embrulhou na outra ponta.

O pai descalçou as botas enlameadas e aqueceu as mãos entorpecidas e frias. Depois sentou-se no banco, instalou Maria num joelho e Laura no outro e apertou-as a si, bem aninhadinhas no xaile. O calor do lume aquecia-lhes os dedos dos pés descalços.

- Ah! - suspirou o pai. - Pensei que nunca mais chegava.

A mãe procurou nas compras que ele trouxera e, com uma colher, deitou açúcar amarelo num púcaro de folha. O pai trouxera açúcar de Independence.

- O teu café está quase pronto, Charles.

- À ida, choveu no caminho para Independence - disse-lhes o pai. - À volta, a lama gelava entre os raios das rodas, até as tornar quase completamente sólidas. Tive de me apear diversas vezes para a tirar, a fim de os cavalos poderem puxar o carroção. Parecia que mal acabara de fazer isso e já tinha de descer de novo e repetir a operação. De outra maneira, Pet e Patty não poderiam continuar a puxar contra aquele vento. Estão tão estafadas que quase não se seguram de pé. Nunca vi um vento assim! Corta como uma faca.

O vento começara a soprar quando ele estava na cidade. As pessoas de lá tinham-Lhe dito que era melhor esperar que amainasse, mas ele quisera vir para casa.

- Não compreendo porque chamam nortada a um vento sul, nem como é possível um vento do Sul ser tão desalmadamente frio.

um vento sul é o vento mais frio que conheço.

Bebeu o café, limpou o bigode ao lenço e exclamou:

- Ah, Carolina, era disto mesmo que precisava! Agora, assim, começo a descongelar.

Depois olhou para a mãe, com os olhos a brilhar, e disse-Lhe que abrisse o embrulho que estava em cima da mesa.

- Mas tem cuidado, não o deixes cair! - recomendou.

A mãe começou a desembulhar, mas depois parou e exclamou:

- Oh, Charles, não fizeste uma coisa dessas!

- Desembrulha - respondeu o pai.

No embrulho quadrado estavam oito pequenos quadrados de vidro para janelas. Teriam janelas de vidro na sua casa!

Nem um dos quadrados estava partido. O pai trouxera-os em segurança, ao longo de todo o caminho de regresso. A mãe abanou a cabeça e disse que ele não devia ter gasto tanto dinheiro, mas o seu rosto sorria e o pai riu de contentamento. Estavam todos muito contentes. Durante o Inverno poderiam olhar para fora quando lhes apetecesse e a luz do dia poderia entrar.

O pai disse ter pensado que a mãe, Maria e Laura gostariam mais de vidros para as janelas do que qualquer outro presente, e não se enganara. Gostavam, de facto. Mas os vidros não tinham sido a única coisa que ele lhes trouxera. Havia um pequeno cartucho de papel cheio de açúcar muito branco. A mãe abriu-o e Maria e Laura olharam para aquela brancura cintilante e provaram ambas uma pitadinha do bonito açúcar, de uma colher. Depois a mãe voltou a fechar cuidadosamente o cartucho. Teriam açúcar branco, quando tivessem visitas.

Mas o que mais lhes agradava de tudo era terem outra vez o pai em casa.

Laura e Maria voltaram para a cama, muito reconfortadas. Estava tudo bem, com o pai em casa. E ele trouxera pregos, farinha de milho, carne de porco gorda, sal, tudo. Não precisaria de voltar à cidade durante muito tempo.

O ÍNDIO ALTO

Naqueles três dias a nortada uivara e assobiara pela pradaria, mas por fim amainara e emudecera. O sol voltara, quente, e o vento soprava fraco, mas andava no ar um prenúncio de Outono.

Passavam índios a cavalo no carreiro próximo de casa - passavam como se ela não existisse.

Eram magros, muito bronzeados e andavam nus. Montavam os seus garranos sem sela nem rédea. Iam sentados muito direitos nos seus cavalos em pêlo e não olhavam nem para a esquerda nem para a direita. Mas os seus olhos pretos chispavam.

Laura e Maria recuavam para junto de casa e olhavam-nos. Viam pele castanho-avermelhada a brilhar contra o céu azul, penachos de cabelo atados com fitas coloridas e penas a abanar. A cara dos índios lembrava uma madeira castanho-avermelhada que o pai entalhara, a fim de fazer uma consola para a mãe.

- Julguei que aquele carreiro fosse antigo e que já o não utilizavam - disse o pai. - Não teria construído a casa tão perto dele, se soubesse que era um caminho de passagem.

Jack detestava índios e a mãe dizia que não o censurava.

- Francamente, os índios começam a ser tantos, por aqui, que não levanto a cabeça sem ver um!

Enquanto falava, levantou a cabeça e, realmente, lá estava um índio. Parara à porta, a olhar para eles, sem que tivessem ouvido o mínimo ruído da sua chegada.

- Valha-me Deus! - exclamou a mãe, ofegante.

Silenciosamente, Jack preparou-se para se atirar ao índio, mas o pai agarrou-o pela coleira, mesmo a tempo. O índio não se mexera. Continuava tão imóvel como se Jack ali não estivesse.

- Au! - disse ao pai.

- Au! - respondeu-lhe o pai, e arrastou Jack para a trave da cama, onde o prendeu.

Enquanto o pai fazia isso, o índio entrou e acocorou-se

junto do lume.

O pai acocorou-se também, ao lado do índio, e ficaram assim, amigavelmente mas sem dizerem uma palavra, enquanto a mãe acabava de fazer o almoço.

Laura e Maria estavam juntas e caladas na sua cama, ao canto. Não conseguiam afastar os olhos do índio, o qual estava tão imóvel que as bonitas penas de águia do seu penacho de cabelo nem buliam. Só o seu peito nu e a carne magra, abaixo das costelas, mexiam um bocadinho, ao ritmo da respiração. Usava perneiras de couro franjado e mocassins cobertos de contas.

A mãe deu o almoço ao pai e ao índio, em dois pratos de folha, e eles comeram em silêncio. Depois o pai deu ao índio um pouco de tabaco para o seu cachimbo. Encheram os forninhos, acenderam-nos com brasas do lume e fumaram em silêncio, até o tabaco acabar.

Durante esse tempo todo ninguém falou. Por fim, o índio disse qualquer coisa ao pai, que abanou a cabeça e respondeu: "Não falar."

Ficaram mais um longo momento em silêncio. Depois o índio levantou-se e saiu sem um ruído.

- Valha-me Deus! - repetiu a mãe.

Laura e Maria correram à janela e viram o índio afastar-se, montado de costas direitas num garrano. Atravessada nos joelhos levava uma espingarda, cujas extremidades espreitavam de cada lado do seu corpo.

O pai disse que aquele não era um índio qualquer. A julgar pelo penacho de cabelo, devia ser um osage.

- Se não me engano, falou em francês. Tenho pena de não ter percebido ao menos alguma das suas palavras.

- Os índios que fiquem uns com os outros, que nós faremos o mesmo - disse a mãe. - Não gosto de andar, a bem dizer, a tropeçar em índios.

134 135

O pai disse-lhe que não se preocupasse.

- O índio mostrou-se absolutamente amigável - afirmou. - E

os seus acampamentos, entre os penhascos, são pacíficos. Se os tratarmos bem e vigiarmos Jack, não teremos problemas.

Logo na manhã seguinte, quando o pai abriu a porta para ir ao estábulo, Laura viu Jack parado no caminho dos índios. O buldogue estava imóvel, de pêlo eriçado e dentes arreganhados. Diante dele, no caminho, encontrava-se o índio alto, montado no seu garrano.

Índio e montada estavam igualmente imóveis. Jack dizia-lhes claramente que saltaria se se mexessem. Só as penas de águia do penacho de cabelo do índio se mexiam, agitadas pelo vento.

Quando o índio viu o pai, ergueu a espingarda e apontou-a a Jack.

Laura correu para a porta, mas o pai foi mais rápido. Colocou-se entre Jack e a espingarda e agarrou na coleira do cão, que arrastou para fora do caminho. O índio partiu, em silêncio.

O pai ficou parado, de pés afastados e mãos nas algibeiras, a ver o índio afastar-se através da pradaria.

- Foi por um triz! - exclamou. - O caminho é dele. Já era uma trilha de índios muito antes de nós virmos.

Fixou um anel de ferro a um tronco da casa e prendeu nele a corrente de Jack. Depois disso, Jack passou a estar sempre preso: à casa, durante o dia, e à porta do estábulo, durante a noite, pois andavam pela região ladrões de cavalos. Tinham roubado os cavalos do Sr. Edwards.

Jack mostrava-se muito zangado por estar preso. Mas tinha de ser. Não queria admitir que o caminho era dos índios, julgava que pertencia ao pai. E Laura sabia que aconteceria qualquer coisa terrível se Jack fizesse mal a um índio.

Aproximava-se o Inverno. A erva estava de uma cor baça, debaixo de um céu que também não tinha brilho. O vento gemia, como se procurasse alguma coisa que não conseguia encontrar. Os animais selvagens apresentavam a sua pelagem densa,

de Inverno, e o pai preparou as suas armadilhas nas terras baixas do ribeiro. Ia vê-las todos os dias e todos os dias

caçava, também. Agora que as noites se tinham tornado geladas, caçava gamos, para lhes aproveitar a carne, e raposas e lobos, para lhes aproveitar as peles. Nas armadilhas apanhava castores, ratos-almiscarados e martas.

Esticava as peles do lado de fora da casa e pregava-as cuidadosamente para secarem. À noite, trabalhava as peles secas com as mãos, para as tornar macias, e juntava-as ao monte que ia crescendo ao canto. Todos os dias o monte de peles crescia.

Laura gostava de passar a mão pelas peles fofas das raposas-vermelhas. Também gostava da pele castanha e macia dos castores e da pele hirsuta dos lobos. Mas as que mais lhe agradavam eram as sedosas martas. O pai juntava as peles para as trocar na Primavera, em Independence. Laura e Maria tinham barretes de pele de coelho e o pai tinha um de pele de rato-almiscarado.

Um dia, quando o pai estava a caçar, apareceram dois índios. Como Jack estava preso, entraram em casa.

Eram índios sujos, carrancudos e maus, e procederam como se estivessem em sua casa. Um deles revistou o armário da mãe e tirou a farinha de milho toda. O outro tirou a bolsa de tabaco

137

do pai. Olharam para os suportes onde deveria estar a espingarda do pai e, depois, um deles pegou no monte de peles.

A mãe pegou na bebé Carrie ao colo e Maria e Laura ficaram ao lado dela. Viram o índio levar as peles do pai, mas não puderam fazer nada para o impedir.

O índio levou as peles até à porta. Depois o outro disse-lhe qualquer coisa. Emitiram sons ásperos, com a garganta, e o primeiro largou as peles. Foram-se embora.

A mãe sentou-se e apertou Laura e Maria a si. Laura sentiu-lhe o coração bater depressa.

- Bem, sinto-me grata por não terem levado o arado e as sementes - disse a mãe, a sorrir.

Laura ficou surpreendida.

- O arado? - perguntou.

- O arado e todas as sementes para o ano que vem estão ali, naquele monte de peles - explicou-Lhe a mãe.

Quando o pai chegou, contaram-lhe o que se passara com os índios e ele ficou sério. Mas disse que estava tudo bem quando acabava bem.

Nessa noite, quando Maria e Laura já estavam na cama, o pai tocou rabeca. A mãe, a balançar-se na cadeira com a bebé Carrie ao colo, começou a cantar baixinho, a acompanhar a rabeca:

Indómita errava uma donzela índia,
A formosa Alfarata,
Onde correm as águas
Do azul Juniata.
Fortes e certeiras são as flechas
Da minha aljava pintada,
Veloz navega minha leve canoa
Pelo rápido rio abaixo.

Ousado é o meu guerreiro,
O amor de Alfarata,
Altivas esvoaçam suas plumas
Ao longo do Juniata.
Baixo e docemente fala comigo,
Mas quando solta o grito de guerra
vibra-Lhe na voz, ruidoso trovão
De monte em monte a ecoar.

Assim cantava a donzela índia,
A formosa Alfarata,
Onde correm as águas
Do azul Juniata.
Anos velozes para longe levaram
A voz de Alfarata,
Calmas correm as águas
Do azul Juniata.

A voz da mãe e a música da rabeca emudeceram docemente. E Laura perguntou:

- Para onde foi a voz de Alfarata?

- Valha-me Deus, ainda não estás a dormir?

- Durmo já, Ma. Mas, por favor, diga-me para onde foi a voz de Alfarata?

- Suponho que foi para oeste - respondeu a mãe. - É o que os índios fazem.

- Porque fazem eles isso, Ma? - insistiu Laura. - Porque vão para oeste?

- Porque têm de ir.

- Têm de ir porquê?

- Porque o Governo os obriga, Laura - disse o pai. - Agora dorme, anda.

O pai tocou mais um pouco, baixinho. Depois Laura perguntou:

- Por favor, Pá, devo fazer só mais uma pergunta?

- Posso - corrigiu a mãe.

Laura recomeçou:

- Pá, por favor, posso...

- De que se trata? - Não era bonito as meninas pequenas interromperem, mas o pai podia, claro.

- O Governo obrigará estes índios a irem para oeste?

- Obrigará. Quando chegam colonos brancos a uma região, os índios têm de partir. O Governo deve estar a mandar estes índios mais para oeste, de um momento para o outro. É por isso que estamos aqui, Laura. Os brancos vão povoar toda esta região e nós temos a melhor terra, porque chegámos primeiro e pudemos escolher. Compreendes agora?

- Sim, Pá. Mas pensava que isto era território índio. Os índios não ficarão zangados se forem obrigados a...

- Acabaram-se as perguntas, Laura - interrompeu o pai, firmemente. - Dorme.

O SR. EDWARDS ENCONTRA O PAI NATAL

Os dias estavam mais pequenos e frios e o vento assobiava com força, mas não nevava. Caía chuva fria. Dia após dia, a chuva tamborilava no telhado e escorria dos beirais.

Maria e Laura passavam o tempo junto da lareira, a fazer as suas mantas de retalhos ou a cortar bonecos de bocados de papel de embrulho. E a ouvir a chuva. À noite arrefecia sempre tanto que esperavam ver neve na manhã seguinte, mas quando amanhecia só viam erva triste e molhada.

Encostavam o nariz aos vidros das janelas que o pai fizera e sentiam-se gratas por poderem ver o exterior. Mas gostariam de ver neve.

Laura estava preocupada porque o Natal se aproximava e o Pai Natal e as suas renas não podiam viajar sem neve. Maria, pelo seu lado, receava que, mesmo que nevasse, o Pai Natal não conseguisse encontrá-las, tão longe como estavam em território índio. Quando interrogaram a mãe a esse respeito, respondeu-lhes que não sabia.

- Que dia é hoje? - perguntavam-lhe, ansiosas. - Quantos dias faltam para o Natal? - E contavam pelos dedos os dias que faltavam, até que chegou a altura em que só faltava um.

Nessa manhã, continuava a chover. O céu cinzento não tinha nem uma nesgazinha de claridade. Tinham quase a certeza de que não haveria Natal. No entanto, continuaram a esperar.

Pouco antes do meio-dia, o céu modificou-se. As nuvens romperam-se e afastaram-se umas das outras, a brilhar de brancura num céu azul-claro. O sol brilhava, os pássaros cantavam e milhares de gotinhas de água cintilavam na erva. Mas quando a mãe abriu a porta, para deixar entrar o ar puro e frio, ouviram o ribeiro bramar.

Não tinham pensado no ribeiro. Adquiriram a certeza de que não haveria Natal, pois o Pai Natal não poderia atravessar aquele ribeiro ruidoso.

O pai chegou com um grande peru gordo. Se pesasse menos de nove quilos, afirmou, comê-lo-ia todo, com penas e tudo.

- Que te parece, para um almoço de Natal? Achas que

consegues comer uma destas coxas, Laura?

Ela disse que sim, que conseguiria. Mas mostrou-se muito séria. Depois Maria perguntou se o rio estava a baixar e o pai respondeu-lhe que ainda estava a subir.

A mãe disse que era pena. Custava-lhe pensar no Sr. Edwards a comer os seus próprios cozinhados de solteirão do Dia de Natal. O Sr. Edwards tinha sido convidado para almoçar com eles no Dia de Natal, mas o pai abanou a cabeça e disse que um homem arriscaria a vida se tentasse atravessar o ribeiro no estado em que se encontrava.

- Não, a corrente está demasiado forte. O melhor será convenceremo-nos de que Edwards não estará aqui connosco amanhã.

Isso significava, claro, que o Pai Natal também não poderia vir.

Laura e Maria tentaram não se importar muito. Viram a mãe arranjar o peru bravo, que era realmente muito gordo. Eram umas meninas muito afortunadas, com uma boa casa para morarem, um lume forte para as aquecer e um peru daqueles para o almoço de Natal. Foi a mãe que o disse, e era verdade. A mãe acrescentou ser uma pena o Pai Natal não poder vir nesse ano, mas elas eram tão boas meninas que não as esqueceria e certamente viria no ano seguinte.

140 141

Mesmo assim, elas não se sentiam felizes.

Nessa noite, depois do jantar, lavaram a cara e as mãos, abotoaram a camisa de dormir encarnada, ataram as fitas da touca de dormir e rezaram gravemente as suas orações. Deitaram-se e puxaram a roupa para cima. Não parecia nada Natal.

O pai e a mãe estavam sentados à lareira, calados. Passados momentos, a mãe perguntou ao pai porque não tocava rabeca e ele respondeu:

- Parece que não tenho vontade, Carolina.

Passado outro bocado, a mãe levantou-se, de súbito, e disse:

- Vou pendurar as vossas meias, filhas. Talvez aconteça

alguma coisa.

O coração de Laura deu um pulso. Mas depois lembrou-se do ribeiro. e compreendeu que não poderia acontecer nada.

A mãe pegou numa das meias lavadas de Laura e noutra de Maria e pendurou-as na prateleira da chaminé, uma de cada lado. Laura e Maria observaram-nas, por cima da dobra da roupa da cama.

- Agora durmam - disse a mãe, e deu-lhes um beijo de boas-noites. - A manhã chegará mais depressa se dormirem.

Sentou-se de novo à lareira e Laura quase adormeceu.

Despertou um bocadinho quando ouviu o pai dizer:

- Ainda tornaste as coisas piores, Carolina.

E Laura julgou ouvir a mãe responder:

- Não, Charles. Há o açúcar branco. - Mas talvez estivesse a sonhar.

Depois ouviu Jack rosnar furiosamente, o fecho da porta mexer e alguém chamar: "Ingalls! Ingalls!"

Quando o pai, que estava a espreitar o lume, abriu a porta, Laura viu que era manhã. Lá fora estava tudo cinzento.

- Com a breca, Edwards! Entre, homem! Que aconteceu?

Laura viu as meias pender, vazias, e escondeu os olhos fechados na almofada. Ouviu o pai amontoar lenha no lume e o Sr. Edwards dizer que trouxera a roupa à cabeça, quando atravessara o rio. Os dentes batiam-lhe e a voz tremia-lhe de frio. Ficaria bem assim que aquecesse, disse.

- Correu um grande risco, Edwards - observou o pai. - Estamos contentes por ter vindo, mas foi correr um risco demasiado por causa de um almoço de Natal.

- As suas garotas tinham de ter um Natal - redarguiu o Sr. Edwards. - Nenhum ribeiro me deteria, depois de lhes ter trazido as prendas de Independence.

Laura sentou-se logo na cama.

- Viu o Pai Natal? - perguntou, em voz muito alta.

- Claro que vi - respondeu o Sr. Edwards.

- Onde? Quando? Como era ele? Que disse? Deu-lhe mesmo alguma coisa para nós? - perguntaram Maria e Laura ao mesmo tempo.

- Esperem, esperem um bocadinho! - pediu o Sr. Edwards, a rir.

E a mãe disse que poria os presentes nas meias, como o Pai

Natal tencionava, mas que elas não deviam olhar.

O Sr. Edwards sentou-se no chão, junto da cama delas, e respondeu a todas as perguntas que lhe fizeram. Esforçaram-se sinceramente para não olharem para a mãe e não viram o que ela estava a fazer.

Quando vira o ribeiro subir, disse o Sr. Edwards, compreendera que o Pai Natal não poderia atravessá-lo. ("Mas o senhor atravessou-o." observou Laura. "Pois atravessei, mas o Pai Natal é muito velho e muito gordo." explicou o Sr. Edwards. "Não o poderia atravessar, ao passo que um lingrinhas como eu poderia.") E o Sr. Edwards raciocinara que, se o Pai Natal não podia atravessar o ribeiro, o mais provável seria não se aventurar mais para sul do que Independence. Sim, porque havia de percorrer sessenta quilómetros de pradaria só para ter de voltar para trás? Claro que não faria uma coisa dessas!

"Por isso, o Sr. Edwards fora a pé a Independence. (<À chuva?", perguntou Maria. O Sr. Edwards respondeu-lhe que levava a capa de borracha.) Lá, ao descer a rua de Independence, encontrara o Pai Natal. "De dia?", admirou-se Laura, pois não pensara que alguém pudesse ver o Pai Natal

142 143

de dia. O Sr. Edwards respondeu-lhe que não, que tinha sido de noite, mas que vinha luz do outro lado da rua, das tabernas.) Bem, a primeira coisa que o Pai Natal dissera tinha sido: "Olá, Edwards!" ("Ele conhecia-o?", perguntou Maria. "Como soube que era realmente o Pai Natal?", perguntou Laura. O Sr. Edwards respondeu que o Pai Natal conhecia toda a gente. E ele reconhecera-o logo por causa da barba. O Pai Natal tinha a barba mais comprida, mais basta e mais branca que existia a oeste do Mississípi.) Bem, mas o Pai Natal disse: "Olá, Edwards! A última vez que te vi estavas a dormir num colchão de palha de milho, no Tenessi." E o Sr. Edwards lembrava-se bem do par de luvas de lã encarnada que o Pai Natal lhe deixara, dessa vez.

Depois o Pai Natal dissera: "Sei que vives agora perto do

rio Verdigris. Conheces por lá duas meninas chamadas Maria e Laura?"

- Com certeza que as conheço - respondeu o Sr. Edwards.

- Sabes, tenho um peso na consciência - continuou o Pai Natal. - São duas meninas bonitas e boazinhas e eu sei que estão à minha espera. Custa-me muito decepcionar duas boas meninas como elas, mas com a água alta como está, não conseguirei atravessar o ribeiro. Não consigo imaginar nenhuma maneira de chegar a casa delas, este ano. Edwards, fazes-me o favor de lhes levar os seus presentes, só desta vez?

- Com certeza, e com muito prazer - respondeu-lhe o Sr. Edwards.

Então o Pai Natal e o Sr. Edwards atravessaram a rua, para o poste onde a mula de carga estava amarrada. ("Ele não tinha a sua rena?", perguntou Laura. "Sabes que não podia" respondeu-lhe Maria. "Não há neve. Exactamente", confirmou o Sr. Edwards. No Sudoeste, o pai Natal viajava com uma mula de carga.) O Pai Natal abriu o saco, olhou lá para dentro e tirou os presentes para Maria e Laura.

- Oh, que presentes são? - perguntou Laura impaciente.

Mas Maria quis saber outra coisa:

- Que fez ele, depois?

Depois o Pai Natal tinha apertado a mão ao Sr. Edwards e montado o seu excelente cavalo baio. O Pai Natal montava bem, atendendo ao seu peso e à sua constituição. Cobrira a comprida barba branca com o lenço do pescoço e despedira-se, antes de meter pelo caminho de Forte Dodge, a conduzir a mula de carga e a assobiar:

- Até à vista, Edwards.

Laura e Maria ficaram um instante caladas, a pensar no que tinham ouvido. Depois a mãe disse:

- Já podem olhar, meninas!

Brilhava qualquer coisa na parte de cima da meia de Laura, que deu um grito e saltou da cama. Maria fez o mesmo, mas Laura chegou à chaminé primeiro do que ela. A coisa que brilhava era um púcaro de folha, novinho.

Maria tinha um exactamente igual.

Aqueles púcaros eram delas. Agora cada uma beberia pelo seu. Laura começou aos pulos, a gritar e a rir, mas Maria ficou quieta, a olhar de olhos brilhantes para o seu púcaro.

Depois enfiaram outra vez as mãos nas meias e tiraram dois paus de chupa-chupa enormes. Eram de hortelã-pimenta às riscas encarnadas e brancas. Olharam e tornaram a olhar para os bonitos chupa-chupas, e Laura lambeu o dela. Só uma vez. Mas Maria foi ainda menos gulosa, não lambeu nem uma vez o seu chupa-chupa.

No entanto, as meias ainda não estavam vazias. Maria e Laura tiraram dois embrulhinhos. Abriam-nos e encontraram,

144 145

em cada um, um bolinho do feitio de um coração. A delicada parte de cima, castanha, estava salpicada de açúcar branco, que brilhava como neve. Os bolos eram tão bonitos que dava pena comê-los. Maria e Laura limitaram-se a olhá-los. Mas por fim Laura virou o dela e deu uma dentadinha muito pequena na parte de baixo, para não se ver. O interior do bolinho era branco!

Tinha sido feito de farinha de trigo branquinha e adoçado com açúcar branco.

Laura e Maria não pensaram em voltar a meter a mão nas meias. Os púcaros, os bolos e os chupa-chupas já eram quase de mais. Sentiam-se tão felizes que nem podiam falar. Mas a mãe perguntou-lhes se tinham a certeza de que as meias estavam vazias.

Por isso, enfiaram de novo a mão, para terem a certeza.

Na ponta da meia de cada uma estava uma moeda novinha e reluzente de um cêntimo!

Nunca sequer lhes passara pela cabeça que poderiam ter um cêntimo. Imaginem, um cêntimo só delas! Um púcaro, um bolo, um chupa-chupa e um cêntimo!

Nunca tinham tido um Natal assim.

Claro que Laura e Maria deveriam ter agradecido imediatamente ao Sr. Edwards por Lhes ter trazido aqueles bonitos presentes de Independence. Mas a verdade é que se tinham esquecido por completo do Sr. Edwards. Tinham-se até esquecido do Pai Natal. Dali a bocadinho ter-se-iam lembrado, mas, antes disso, a mãe perguntou-lhes:

- Não agradecem ao Sr. Edwards?

- Oh, obrigada, Sr. Edwards! Obrigada! - disseram as duas, de todo o coração.

O pai também apertou duas vezes a mão ao Sr. Edwards. O pai e a mãe e o Sr. Edwards pareciam quase a chorar, mas Laura não sabia porquê. Por isso, olhou de novo para os seus bonitos presentes.

Levantou a cabeça, quando ouviu uma exclamação da mãe.

O Sr. Edwards estava a tirar batatas-doces das algibeiras. Disse que tinham ajudado a equilibrar a trouxa que trouxera à cabeça, quando atravessara o rio a nado. Pensara que o pai e a mãe gostariam delas, para acompanhar o peru do Natal.

Eram nove batatas-doces. O Sr. Edwards também as trouxera da cidade. Era de mais. Foi o pai quem o disse: "É de mais, Edwards."

Nunca lhe agradeceriam o suficiente.

Maria e Laura estavam muito agitadas quando tomaram o pequeno-almoço. Beberam o leite pelos reluzentes púcaros novos, mas não foram capazes de engolir o guisado de coelho nem as papas de milho.

- Não as obrigues, Charles - disse a mãe. - Daqui a pouco são horas de almoçar.

Para o almoço havia o tenro e succulento peru assado; as batatas-doces assadas nas brasas e cuidadosamente limpas, para se poder comer a casca, que também era boa, e um pão fermentado, feito com a última farinha branca.

Por cima de tudo isso havia amoras secas cozidas e bolinhos. Estes bolinhos, porém, tinham sido feitos com açúcar amarelo e não estavam polvilhados de açúcar branco.

Depois o pai, a mãe e o Sr. Edwards sentaram-se à lareira e falaram de outros natais no Tenessi e no Norte, na Grande Floresta. Maria e Laura admiraram os bonitos bolos, brincaram com as moedas e beberam água pelos púcaros novos. E, pouco a pouco, foram lambendo os chupa-chupas até ficarem aguçados numa das extremidades.

Foi um Natal feliz.

UM GRITO NA NOITE

Os dias tinham-se tornado curtos e cinzentos e as noites muito escuras e frias. Pairavam sobre a pequena casa nuvens baixas, que alastravam por toda a triste pradaria. Chovia e, às vezes, o vento arrastava neve consigo. Bocadinhos duros de neve rodopiavam no ar e acumulavam-se na erva dobrada e fustigada. Mas no dia seguinte desapareceram.

O pai ia caçar todos os dias e tratar das armadilhas. Na casinha aconchegada e iluminada pela claridade do lume, Maria e Laura ajudavam a mãe na lida. Depois trabalhavam nas suas mantas de retalhos. Brincavam com Carrie, brincavam a esconder o dedal e com um pedaço de cordel e os dedos brincavam ao jogo da aranha. E também brincavam ao «Puré de Feijão Quente»: voltadas uma para a outra, batiam com as palmas das mãos uma na outra, enquanto diziam, a marcar o ritmo:

Puré de feijão quente,
Puré de feijão frio,
Puré de feijão na panela
Nove dias a fio.

Há quem goste dele quente,
Há quem goste dele frio,
E há quem goste dele na panela
Nove dias a fio.

Eu gosto dele quente,
Eu gosto dele frio,
Eu gosto dele na panela
Nove dias a fio.

Era verdade. Nenhum jantar sabia tão bem como o grosso puré de feijão, com um niquinho de toucinho salgado a dar gosto, que a mãe punha nos pratos quando o pai regressava a casa, frio e cansado da caça. Laura gostava dele quente, gostava dele frio, gostava dele enquanto durava, embora nunca durasse realmente nove dias: comiam-no antes disso.

Entretanto, o vento não parava de soprar: assobiava, uivava, gemia, gritava e até parecia soluçar tristemente. Estavam habituadas a ouvir o vento. Ouviam-no todo o dia, e à noite, enquanto dormiam, sabiam que continuava a soprar. Mas uma noite ouviram um grito tão horrível que acordaram todos.

O pai saltou da cama e a mãe perguntou:

- Que foi, Charles?

- Foi um grito de mulher - respondeu o pai, enquanto se vestia apressadamente. - Pareceu vir dos lados dos Scotts.

- Oh, que terá acontecido! - exclamou a mãe preocupada.

O pai calçava as botas: enfiava o pé, metia os dedos nas presilhas do cano comprido, puxava com força e batia com o pé no chão. E pronto, a bota estava calçada.

- Talvez o Scott esteja doente - observou, enquanto calçava a outra bota.

- Achas que... - começou a mãe a perguntar, em voz baixa.

- Não - interrompeu-a o pai. - Estou farto de te dizer que eles não provocam problemas. Estão perfeitamente sossegados e pacíficos nos acampamentos entre os penhascos.

Laura começou a levantar-se, mas a mãe disse-lhe:

- Deita-te e fica sossegada,, Laura -, e, por isso, ela deitou-se.

O pai vestiu o casaco grosso aos quadrados de cores vivas, e pôs o boné de pele e o cachecol. Acendeu a vela da lanterna, pegou na espingarda e saiu, apressado.

Antes de o pai fechar a porta, Laura viu a noite: estava negra como breu. Não brilhava nem uma estrela. Nunca vira uma

escuridão assim tão compacta.

- Ma...

- Que é, Laura?

- Porque está tão escuro?

- Vai haver tempestade - respondeu a mãe, enquanto puxava a correia do trinco e em seguida punha um toro de lenha no lume.

- Durmam, Maria e Laura.

Mas ela não dormiu - nem elas. Ficaram bem acordadas, à escuta. A única coisa que ouviam era o vento.

Maria meteu a cabeça debaixo da manta e disse a Laura:

- Quem me dera que o pai volte.

Laura acenou com a cabeça, na almofada, mas não foi capaz de dizer nada. Parecia-Lhe ver o pai a andar depressa no cimo do penhasco, pelo caminho que ia dar à casa do Sr. Scott. Pontinhos de luz saltavam aqui e ali, coados pelos buracos abertos na lanterna de folha. As luzinhas trémulas perdiam-se no negrume.

Passado muito tempo, Laura murmurou:

- Já deve ser quase manhã - e Maria acenou com a cabeça.

Tinham passado aquele tempo todo a ouvir o vento e o pai ainda não chegara.

Nisto, mais alto do que o uivo do vento, ouviram de novo o horrível grito, que pareceu soar muito perto de casa.

Laura gritou, também, e saltou da cama. Maria meteu-se debaixo da roupa. A mãe levantou-se e começou a vestir-se, muito depressa. Pôs outra acha no lume e disse a Laura que voltasse para a cama. Mas pediu-lhe tanto que a mãe acabou por dizer que podia ficar.

- Mas embrulha-te no xaile - acrescentou.

Ficaram de pé, junto da lareira, à escuta. Mas só ouviam o vento e não podiam fazer nada. Pelo menos não estavam deitadas na cama.

De súbito, soaram punhadas na porta e o pai gritou:

- Abre! Depressa, Carolina!

A mãe abriu a porta e o pai entrou e fechou-a logo, com toda a força. Estava sem fôlego. Empurrou o barrete para trás e exclamou:

- Apre, ainda estou assustado!

- Que era, Charles? - perguntou a mãe.

- Uma pantera.

Dirigira-se o mais depressa que pudera a casa dos Scotts, mas quando chegara a casa estava às escuras e tudo sossegado no seu interior. O pai contornara a casa, à escuta, a alumiar-se com a lanterna. Não encontrara qualquer vestígio de que tivesse acontecido alguma coisa má. Por isso, sentiu-se idiota ao pensar que se levantara, vestira

150 151

e percorrera três quilómetros no meio da noite, tudo por ter ouvido o vento uivar.

Não quis que o Sr. e Sr.a Scott soubessem da sua idiotice e, por isso, não os acordou. Iniciou o caminho de regresso a casa o mais depressa que pôde, porque o vento cortava. Vinha pelo carreiro, no ponto onde passava à beira do penhasco, quando ouvira de repente o mesmo grito, como que debaixo dos pés.

- Palavra, o meu cabelo pôs-se de tal maneira em pé que me levantou o barrete! - disse a Laura. - Corri para casa como um coelho assustado.

- Onde estava a pantera? - perguntou-lhe Laura.

- Na copa de uma árvore. Na copa daquele grande choupo-do-canadá que cresce contra o penhasco.

- Ela veio atrás de si? - perguntou Laura.

- Não sei.

- Bem, agora estás em segurança, Charles - disse a mãe. . .

- Sim, felizmente. Está uma noite muito escura para andar lá por fora com panteras - disse o pai. - Laura, onde está a minha descalçadeira?

Laura foi-lha buscar. A descalçadeira era uma tábua de carvalho delgada, com um entalhe numa ponta e uma ripa atravessada no meio.

Laura pô-la no chão, com a ripa para baixo, e o pai apoiou-lhe um pé em cima e encostou o calcanhar do outro pé ao entalhe. O entalhe segurou-lhe o calcanhar da bota, enquanto o pai puxava o pé para fora.

A seguir, fez o mesmo com a outra. Apesar de justas, as botas descalçaram-se.

Depois de observar o pai a descalçar-se, Laura perguntou:

- Uma pantera levaria uma menina pequena, Pá?
- Levaria, sim. E matava-a e comia-a. Tu e a Maria devem ficar em casa enquanto eu não matar aquela pantera. Assim que clarear, pego na espingarda e vou procurá-la.

O pai passou todo o dia seguinte à caça da pantera. E no outro dia, e no outro também. Encontrou os rastos da pantera e os ossos e a pele de um antílope que ela comera, mas da pantera nem sombra. A pantera andava velozmente pelas copas das árvores, onde não deixava rastos.

O pai afirmou que não descansaria enquanto a não matasse:

- Não podemos permitir que andem panteras à solta num lugar onde há meninas pequenas.

Mas àquela não a matou e não teve outro remédio senão deixar de procurá-la. Um dia, encontrou um índio no bosque. Pararam no bosque húmido e frio a olhar um para o outro, sem poderem falar por não saberem a língua um do outro. Mas o índio apontou para os rastos da pantera e fez gestos com a espingarda, a querer dizer que a matara. Apontou para a copa das árvores e para o chão, a dizer que a matara numa árvore. E apontou para o céu e para oeste e leste, a dizer que a tinha matado no dia anterior.

Portanto, a pantera estava morta e não havia problema.

Laura perguntou se a pantera também levaria um papuse pequenino e o mataria e comeria, e o pai respondeu que sim. Provavelmente tinha sido por isso que o índio matara a pantera.

152 153

21.

CONCENTRAÇÃO ÍNDIA

O Inverno terminou, finalmente. O barulho do vento tornara-se mais suave e o frio agreste passara. Um dia, o pai

disse que vira um bando de gansos selvagens, a voar para o Norte. Era altura de levar as suas peles a Independence.

- Os índios estão tão perto! - lembrou a mãe.

- Eles não são nada hostis - disse o pai: encontrava muitas vezes os índios nos bosques, onde ia caçar; não havia nada a recear deles.

- Pois não - concordou a mãe, mas Laura sabia que ela tinha medo dos índios. - Tens de ir, Charles; precisamos do arado e das sementes. E voltarás depressa.

No dia seguinte, antes de amanhecer, o pai atrelou Pet e Patty ao carroção, carregou as peles e partiu.

Laura e Maria contaram os longos dias vazios. Um, dois, três, quatro - e o pai sem voltar. Na manhã do quinto dia começaram a vigiar o caminho, ansiosas.

Era um dia de sol, com o vento um nadinha frio, mas a cheirar a Primavera. No imenso céu azul soavam os cuacs dos patos selvagens e os konks-konks dos gansos selvagens. Voavam todos em longas formações pretas a caminho do Norte.

Laura e Maria brincavam fora de casa, no tempo ameno, e o pobre Jack observava-as e suspirava. Já não podia correr e brincar, visto estar preso. Laura e Maria tentavam confortá-lo, mas ele não queria festas. Queria ser outra vez livre, como já fora.

O pai não chegou nessa manhã. E também não chegou nessa tarde.

A mãe disse que devia ter precisado de muito tempo para trocar as peles.

Nessa tarde, Laura e Maria brincaram ao avião. Desenharam as casas do jogo com um pau, no pátio enlameado. Maria não tinha vontade de jogar, pois tinha quase oito anos e não achava que o avião fosse um jogo de meninas crescidas. Mas Laura insistiu e pediu-lhe tanto, e disse que se ficassem fora de casa veriam logo o pai, assim que subisse das terras baixas do rio, que Maria acedeu e jogou.

De súbito, parou, apoiada num pé, e perguntou:

- Que foi aquilo?

Laura já ouvira o estranho som e estava à escuta.

- São os índios - respondeu.

Maria baixou o outro pé e ficou como que petrificada, cheia de medo. Laura não estava o que se podia dizer com medo, mas

aquele som causava-Lhe uma sensação esquisita. Era o barulho de muitos índios a falar com a sua estranha voz, uma coisa parecida com o som de um machado a partir lenha, de um cão a ladrar e também com o som de uma cantiga, mas de uma cantiga diferente de todas quantas Laura ouvira. Era um som selvagem e violento, mas que não parecia exprimir zanga.

Laura tentou ouvir melhor. Mas não conseguiu ouvir muito bem porque havia montes e o vento de permeio, e Jack rosnava ferozmente.

A mãe saiu de casa e escutou um momento. Depois disse a Maria e a Laura para irem para dentro. Levou também o Jack para casa e puxou a correia do fecho.

Não brincaram mais. Ficaram a olhar pela janela e a escutar o estranho som, que custava mais a ouvir dentro de casa. Às vezes deixavam de ouvi-lo, mas depois recomeçava logo.

A mãe e Laura trataram dos animais mais cedo do que de costume.

Fecharam Bunny, a vaca e o bezerro no estábulo e levaram o leite para casa. A mãe coou-o e guardou-o. Depois foi buscar um balde de água ao poço, enquanto Laura e Maria levaram a lenha para dentro. Durante todo esse tempo o som não parou. Pelo contrário, tornou-se mais alto e mais rápido. Fez o coração de Laura bater mais depressa.

Entraram em casa e a mãe trancou a porta; a correia do fecho já estava puxada para dentro. Não voltariam a sair de casa até à manhã seguinte.

O Sol pôs-se devagar. A toda a volta da pradaria a orla do céu estava rosada. A luz do lume tremeluzia na casa penumbrenta e a mãe começou a preparar o jantar. Mas Laura e Maria continuaram a olhar pela janela, silenciosamente.

154 155

Viram desvanecer-se as cores de todas as coisas. A terra estava mergulhada em sombras e o céu de um cinzento-pálido, desanuviado. E o som continuava a vir, mais alto e mais rápido, das terras baixas do ribeiro - e o coração de Laura também batia mais alto e mais depressa.

Como gritou quando ouviu o carroção! Correu para a porta e desatou aos saltos, mas não foi capaz de a abrir. A mãe não a deixou sair com ela, para ajudar o pai a trazer as coisas para casa.

Ele entrou com os braços ajoujados e Laura e Maria agarraram-se-lhe às mangas e saltaram à sua volta.

O pai soltou a sua grande gargalhada alegre.

- Eh, eh, não me atirem ao chão! - exclamou, a rir. - Que pensam que sou? Uma árvore para trepar?

Pousou os embrulhos em cima da mesa, deu um grande abraço a Laura, atirou-a ao ar e abraçou-a de novo, e depois apertou muito Maria com o outro braço.

- Escute, Pá - pediu Laura. - Escute os índios. Porque estão eles a fazer aquele som esquisito?

- Trata-se de uma concentração qualquer - respondeu o pai. - Ouvi-os quando passei lá por baixo.

156

Depois foi desatrelar os cavalos e buscar o resto dos embrulhos. Comprara o arado, que deixou no estábulo, mas achou mais seguro levar as sementes todas para casa. Trazia açúcar, mas desta vez amarelo - e não branco. O açúcar branco era muito caro. Mas em compensação trouxera um pouco de farinha de trigo, além de farinha de milho, sal, café e todas as sementes de que necessitavam. Até trouxera batatas de semente. Laura teve pena de não as poderem comer mas eram para semear.

O rosto do pai sorriu de contentamento quando abriu um embrulho pequeno: estava cheio de biscoitos. Pô-lo na mesa e desembulhou e colocou a seu lado um boião de vidro cheio de pequenos pepinos conservados em vinagre.

- Achei que merecíamos todos um mimo - disse o pai.

Laura sentiu água na boca e a mãe envolveu o pai num olhar terno. Lembrara-se da saudade que ela tinha de picles.

Mas havia mais. Deu à mãe um embrulho e ficou a vê-la abri-lo: era tecido bonito, para um vestido.

- Oh, Charles, não devias! Gastaste demasiado!

Mas o rosto dela e o do pai estavam todos iluminados de

felicidade.

Depois o pai pendurou o boné e o casaco aos quadrados nos cabides que lhes eram destinados e olhou de soslaio para Laura e Maria. Mas não disse nada. Sentou-se e estendeu as pernas para o lume.

Maria sentou-se também, com as mãos cruzadas no colo. Mas Laura trepou para o joelho do pai e começou a bater-lhe com os punhos fechados e a perguntar:

- Onde está? Onde está? Onde está o meu presente?

O pai riu-se, com aquela sua grande gargalhada que lembrava sinos a tocar, e respondeu:

- Parece-me que tenho qualquer coisa na algibeira da camisa...

157

Tirou um embrulhinho de formato esquisito e começou a abri-lo, muito devagar.

- Primeiro tu, Maria, por seres tão paciente. - Deu a Maria um pente. - E este é para ti, espalha-brasas - disse a Laura, e entregou-lhe outro.

Os pentes eram exactamente iguais: de borracha preta e curvos, para se adaptarem à cabeça de uma menina. A parte de cima do pente tinha um bocado de borracha preta achatada, com cortes curvos, e no meio estava recortada uma estrelinha de cinco pontas. Por baixo tinha uma fita de cor viva esticada, que se via à transparência.

A fita do de Maria era azul e a do de Laura era encarnada.

A mãe penteou-lhes o cabelo para trás e pôs-lhes os pentes novos: no cabelo dourado, exactamente no meio da testa de Maria, brilhava uma estrelinha azul; no cabelo castanho de Laura, acima do meio da testa, brilhava uma estrelinha encarnada.

Laura olhou para a estrela de Maria, e Maria olhou para a estrela de Laura, e riram-se de contentamento. Nunca tinham visto nada mais bonito.

- Mas, Charles, não compraste nada para ti! - exclamou a mãe.

- Oh, comprei um arado! O tempo quente não tarda e eu vou lavrar a terra.

Havia tempo que não tinha um jantar tão feliz. O pai estava de novo em casa, sem lhe ter acontecido nada. A carne de porco salgada frita soube muito bem, ao fim de tantos meses de patos, gansos, perus e veado. E nunca nada lhes soubera tão bem como os biscoitos e os pepininhos verdes de conserva.

O pai falou-lhes das sementes. Comprara sementes de nabo, cenoura, cebola e couve. E também comprara ervilhas e feijão. E milho, trigo, tabaco e batatas de semente. Ah, e sementes de melancia!

158

- Digo-te, Carolina, quando começarmos a ter colheitas desta nossa rica terra viveremos como reis!

Quase se tinham esquecido do barulho que vinha do acampamento dos índios. Os portais de madeira das janelas estavam fechados e o vento gemia na chaminé e assobiava à volta da casa. Estavam tão habituados ao vento que nem o ouviam. Mas quando amainou um instante, Laura ouviu de novo o som selvagem, agudo e rápido dos acampamentos índios.

Então o pai disse qualquer coisa que levou Laura a ficar muito quieta e a ouvir com toda a atenção. Disse que em Independence constava ir o Governo expulsar os colonos brancos do território índio. Os índios tinham andado a queixar-se e haviam recebido essa resposta de Washington.

- Oh, Charles, não pode ser! - exclamou a mãe. - Depois de termos trabalhado tanto!

O pai disse que não acreditava e acrescentou:

- Eles têm deixado sempre os colonos brancos ficar com a terra. Obrigarão outra vez os índios a partir. Não soube eu, directamente de Washington, que esta região ia ser aberta ao povoamento, de um momento para o outro?

- Quem me dera que se decidissem de uma vez e deixassem de falar no assunto! - exclamou a mãe aborrecida.

Depois de se deitar, Laura ficou muito tempo acordada. E Maria também. O pai e a mãe estavam sentados junto da lareira,

a ler à luz de velas. O pai trouxera um jornal do Cansas e leu alto, para a mãe. As notícias confirmavam que ele tinha razão, que o Governo não faria nada aos colonos brancos.

Sempre que o vento amainava, Laura ouvia, abafado, o barulho da selvagem concentração no acampamento índio. Às vezes parecia-lhe mesmo ouvir os ferozes gritos de júbilo acima do uivo do vento. Faziam-lhe bater o coração mais depressa, mais depressa: "ih! ih! ih-ü! Ah! ih! Ah!"

159

22.

FOGO NA PRADARIA

Chegara a Primavera. Os ventos tinham um cheiro forte e fora de casa parecia tudo grande, luminoso e agradável. Grandes e luminosas nuvens brancas flutuavam, altas, no céu claro, com a sua sombra a projectar-se na pradaria. As sombras eram leves e castanhas e todo o resto da pradaria tinha as cores pálidas e suaves da erva morta.

O pai revolia o solo da pradaria, com Pet e Patty a puxarem o arado. O solo era uma massa dura e espessa de raízes de ervas. Pet e Patty puxavam devagar, mas com toda a sua força e a lâmina aguçada do arado revolia lentamente uma faixa comprida e ininterrupta de solo.

A erva morta era tão alta e densa que mantinha o solo enterrado e coeso. Nem mesmo depois de o arado passar, a terra ficava lavrada. Ficavam compridas tiras de raízes por cima da terra revolvida, da qual espreitavam ervas.

Mas o pai, a Pet e a Patty continuavam a trabalhar. O pai dizia que nesse ano nasceriam batatas e milho naquele solo e no ano seguinte as raízes e a erva morta estariam podres. Em dois ou três anos teriam finalmente belos campos lavrados. O

pai gostava da terra por ser tão rica e não ter nem uma árvore, ou coto de árvore, ou pedra.

Entretanto, passavam muitos índios a cavalo pela trilha antiga. Havia índios em toda a parte. Ouviam-se os disparos das suas espingardas nas terras baixas, onde andavam a caçar.

160

Ninguém sabia quantos índios estavam escondidos na pradaria, que parecia tão plana, mas não era. Era frequente Laura ver um índio onde um instante antes não estivera nenhum.

Iam muitas vezes índios lá a casa. Uns mostravam-se amigáveis; outros, carrancudos e zangados. Todos eles queriam comida e tabaco, e a mãe dava-lhes o que queriam. Tinha medo de não dar. Quando um índio apontava para qualquer coisa e soltava uma espécie de grunhido, ela dava-lha. Mas a maior parte da comida estava escondida e fechada à chave.

Jack estava sempre zangado, até mesmo com Laura. Nunca o soltavam e ele passava o tempo todo deitado a odiar os índios. Laura e Maria já estavam habituadas a vê-los. Os índios não as surpreendiam nada. No entanto, sentiam-se mais seguras junto do pai ou de Jack.

Um dia, estavam a ajudar a mãe a fazer o almoço. A bebé Carrie brincava no chão, ao sol, e de repente o sol desapareceu.

- Parece-me que vamos ter trovoadas - disse a mãe, a olhar pela janela. Laura olhou, também, e viu grandes nuvens pretas acasteladas a sul, através do sol.

Pet e Patty vinham a correr do campo e o pai, agarrado ao pesado arado, vinha atrás, a dar grandes saltos.

-Fogo na pradaria! - gritou. - Enche a selha de água e mete-Lhe sacos dentro! Depressa!

A mãe correu para o poço e Laura puxou a selha para o poço. O pai prendeu Pet e Patty à casa, foi buscar a vaca e o bezerro à corda e meteu-os no estábulo. Levou Bunny para o canto norte da casa e amarrou-a bem. A mãe tirava baldes de água do poço o mais depressa que podia. Laura foi a correr buscar os sacos que o pai atirara pela porta do estábulo.

O pai estava a lavrar e gritava a Pet e Patty, para que se apressassem. O céu estava preto e o ar escuro, como se o Sol se tivesse posto. O pai abriu um sulco comprido a oeste e a sul da casa e depois a leste. Passavam coelhos aos saltos, como se não o vissem.

Pet e Patty galopavam, com o arado e o pai aos solavancos atrás. O pai amarrou-as ao outro canto norte da casa. A selha estava cheia de água e Laura ajudava a mãe a meter os sacos na água e a embebê-los bem.

- Só pude abrir um sulco, não há tempo para mais - disse o pai. - Depressa, Carolina. O fogo está a avançar mais velozmente do que um cavalo a galope.

Um grande coelho saltou por cima da selha, quando o pai e a mãe a levantaram. A mãe disse a Laura que ficasse ao pé de casa. Ela e o pai corriam, cambaleantes, para o sulco, com a selha no meio.

Laura deixou-se ficar ao pé de casa, a ver o fogo vermelho avançar debaixo de nuvens de fumo. Passavam mais coelhos, aos saltos, sem ligarem importância a Jack, que nem parecia vê-los. O buldogue tinha os olhos fixos no fogo vermelho e tremia e gania, enquanto se arrastava para mais perto de Laura.

Levantava-se vento, que silvava loucamente. Milhares de aves voavam à frente do fogo e fugiam milhares de coelhos. O pai caminhava ao longo do sulco a deitar fogo à erva do lado de lá, enquanto a mãe o seguia e, com um saco molhado, batia nas chamas que tentavam atravessar o sulco. Toda a pradaria fervilhava de coelhos. Cobras ziguezagueavam através do pátio. Galinhas-da-pradaria corriam em silêncio, de pescoço esticado e asas abertas. Aves gritavam no vento que não parava de assobiar.

O pequeno fogo do pai já ardia a toda a volta da casa e ele ajudava a mãe com os sacos. As labaredas crepitavam, enfurecidas, e avançavam para a erva seca do interior do sulco. O pai e a mãe batiam-lhes com os sacos molhados e

quando o fogo conseguia transpor o sulco apagavam-no com os pés. Corriam de um lado para o outro, no meio do fumo, a lutar com o fogo.

O fogo da pradaria rugia, rugia cada vez com mais fúria, cada vez mais alto, no vento ululante. Avançavam grandes chamas altas, estrepitosas e ondulantes. Farrapos de fogo soltavam-se e viajavam com o vento até caírem nas ervas, muito à frente da rugidora parede de chamas. As nuvens de fumo preto deixavam coar uma luz vermelha.

Maria e Laura estavam encostadas à casa de mãos dadas, a tremer. A bebé Carrie estava em casa. Laura queria fazer qualquer coisa, mas dentro da sua cabeça havia uma confusão rugidora e turbilhonante, como o fogo. O corpo tremia-lhe e corriam-lhe lágrimas dos olhos a arder. O fumo causava-lhe picadas no nariz, nos olhos e na garganta.

Jack uivava. Bunny, Pet e Patty puxavam as cordas e relinchavam horripelantemente. As terríveis chamas amarelas e cor de laranja aproximavam-se mais depressa do que cavalos a galope e a sua luz trémula dançava por cima de todas as coisas.

O pequeno fogo atado pelo pai fizera uma faixa preta, de erva queimada. O pequeno fogo recuava lentamente, contra o vento, rastejava, vagaroso, ao encontro do fogo grande e furioso. E, de súbito, o fogo grande devorou o pequeno.

162 163

O vento transformara-se num guincho alto e crepitante, amarinhavam chamas pelo ar. Havia fogo a toda a volta da casa.

Depois, acabou. O fogo passou adiante, a rugir.

O pai e a mãe batiam com sacos em pequenas chamas que lavravam aqui e ali, no pátio. Quando as apagaram todas, a mãe entrou em casa para lavar a cara e as mãos. Estava toda suja, com riscas de fumo e suor, e tremia.

Mas disse que não havia motivo para preocupações:

- O fogo em sentido contrário salvou-nos e está tudo bem quando acaba bem.

O ar cheirava a queimado e a pradaria estava negra e nua até

à orla do céu. Fiapos de fumo erguiam-se da terra queimada e voavam cinzas no vento. Causava tudo uma sensação diferente e triste. Mas o pai e a mãe estavam satisfeitos, porque o fogo passara sem lhes fazer nenhum mal.

O pai disse que o fogo os poupava por pouco, mas num caso daqueles pouco ou muito tanto fazia, o que importava era tê-los poupado. E perguntou à mãe:

- Se tivesse acontecido quando eu estava em Independence que teriam feito?

- Teríamos ido para o ribeiro com os pássaros e os coelhos, claro - respondeu-lhe a mãe.

Todas as criaturas selvagens da pradaria tinham sabido o que deviam fazer. Tinham corrido, voado, saltado e rastejado o mais depressa possível para a água, que as protegeria do fogo. Só os pequenos e fofos geomis às riscas se tinham metido no fundo das tocas e haviam sido os primeiros a vir à superfície e a olhar em redor para a pradaria nua e fumegante.

Depois, das terras baixas do ribeiro, vieram as aves, que a sobrevoaram, e um coelho aproximou-se a saltar cuidadosamente e espreitou. Só passado muito, muito tempo as cobras regressaram, a rastejar, e as galinhas-da-pradaria, a andar.

O fogo extinguiu-se entre os penhascos, sem chegar às terras do ribeiro ou aos acampamentos dos índios.

Nessa noite, o Sr. Edwards e o Sr. Scott foram visitar o pai. Estavam preocupados porque pensavam que o fogo talvez tivesse sido posto pelos índios, com o propósito de levar os colonos brancos a partir.

O pai não acreditava. Disse que os índios queimavam sempre a pradaria, para que a erva verde nascesse mais depressa e pudessem deslocar-se mais facilmente. Os seus garranos não podiam galopar através da alta e densa erva morta. Agora o terreno estava limpo. E ele sentia-se grato com isso, pois seria mais fácil lavar.

164 165

Enquanto conversavam, ouviam gritos e rufar de tambores nos acampamentos índios. Laura estava sentada, quietinha como um

rato, no degrau da porta, a ouvir a conversa e os índios. As estrelas, grandes e baixas, pareciam tremer sobre a pradaria queimada e o vento afagava suavemente o cabelo de Laura.

O Sr. Edwards disse que estavam muitos índios nos acampamentos, o que lhe não agradava. O Sr. Scott disse não compreender porque se estavam a reunir tantos selvagens, se não tinham em mente qualquer patifaria.

- O único índio bom é um índio morto - sentenciou o Sr. Scott.

O pai declarou não saber se era assim ou não. Na sua opinião, os índios seriam tão pacíficos como quaisquer pessoas, desde que os deixassem em paz. Por outro lado, tinham sido transferidos tantas vezes para oeste que, naturalmente, detestavam os brancos. Mas os índios tinham, com certeza, o bom senso de saber quando estavam vencidos. Com soldados no Forte Gibson e no Forte Dodge, o pai não acreditava que arranjassem problemas.

- Quanto ao motivo porque se estão a concentrar nestes acampamentos, Scott, posso informá-lo: estão a preparar-se para a sua grande caçada ao búfalo da Primavera.

Disse que estavam meia dúzia de tribos lá em baixo, nos acampamentos. Geralmente, as tribos guerreavam-se umas às outras, mas todas as Primaveras faziam as pazes e reuniam-se para a grande caçada.

- Juraram paz uns aos outros e estão a pensar em caçar búfalos - acrescentou. - Por isso, não é provável que desencadeiem a guerra contra nós. Farão as suas negociações e os seus banquetes e, um dia, pôr-se-ão a caminho, à procura das manadas de búfalos. O búfalo começará a dirigir-se para norte muito em breve, à procura de erva verde.

Como eu gostaria de participar numa caçada dessas! Deve ser um grande espectáculo.

- Talvez tenha razão Ingalls - admitiu, lentamente, o Sr. Scott. - De qualquer modo, terei muito gosto em contar à minha mulher o que você me disse. Ela não consegue afastar da cabeça

as chacinhas do Minesota.

167

23.

GRITO DE guERRA ÍNDIO

Na manhã seguinte, o pai saiu a assobiar para ir lavrar. Voltou ao meio-dia, todo mascarrado da fuligem que cobria a pradaria queimada, mas satisfeito. A erva alta já não o incomodava.

Mas havia intranquilidade entre os índios. Eram cada vez mais numerosos os que se encontravam nas terras baixas do rio. Maria e Laura viam o fumo das suas fogueiras, de dia, e à noite ouviam os gritos das vozes selvagens.

O pai regressou mais cedo do campo. Tratou dos animais e fechou Pet, Patty e Bunny, a vaca e o bezerro no estábulo. Não podiam ficar no pátio a pastar, sob o luar frio.

Quando as sombras começaram a adensar-se na pradaria, e com o amainar do vento, os ruídos dos acampamentos índios tornaram-se mais altos e mais selvagens. O pai levou Jack para dentro, fechou a porta e puxou a correia do fecho. Ninguém poderia sair até de manhã.

A noite avançou para a casinha e a escuridão tornou-se assustadora, toda cheia de gritos de índios.

Uma noite, o escuro começou também a vibrar com o rufar de tambores índios.

Enquanto não dormia, Laura não deixava de ouvir os gritos selvagens e o assustador rufar dos tambores. Ouvia as garras de Jack, a arranhar, e o seu rosnar baixo. Às vezes o pai sentava-se na cama, à escuta.

Uma noite, tirou o molde das balas da caixa que tinha debaixo da cama e passou muito tempo sentado à lareira, a derreter chumbo e a fazer balas. Só parou quando já lhe não restava nem um bocadinho de chumbo.

Laura e Maria ficaram acordadas, a observá-lo. Nunca o tinham visto fazer tantas balas de uma vez. Maria perguntou-lhe:

- Porque está a fazer isso, Pá?

- Oh, não tenho mais nada que fazer! - respondeu o pai, e começou a assobiar.

Mas a verdade é que passara todo o dia a lavar, estava muito cansado para tocar rabeca e devia-se ter deitado em vez de ficar a pé até tão tarde, a fazer balas.

Não apareceram lá em casa mais índios. Havia diversos dias que Maria e Laura não viam nem um índio. Maria já não gostava de sair de casa. Laura tinha de brincar sozinha no pátio e a pradaria causava-lhe uma impressão estranha. Não lhe inspirava confiança. Era como se escondesse alguma coisa. Às vezes, Laura tinha a impressão de que qualquer coisa a observava, se aproximava sorrateiramente por trás dela. Virava-se de repente, mas não via nada.

O Sr. Scott e o Sr. Edwards, munidos de espingardas, foram falar com o pai ao campo. Conversaram um bom bocado e depois foram-se embora juntos. Laura sentiu-se decepcionada por o Sr. Edwards não as ter ido ver a casa.

Ao almoço, o pai disse à mãe que alguns dos colonos andavam a falar de construir uma paliçada. Laura não sabia o que era uma paliçada. O pai dissera ao Sr. Scott e ao sr. Edwards que era uma ideia idiota.

- Se precisássemos de uma paliçada - disse à mãe -, precisaríamos dela antes de termos tempo de a construir. A última coisa que devemos fazer é proceder como se tivéssemos medo.

Maria e Laura entreolharam-se. Sabiam que era escusado fazer perguntas, pois voltariam a dizer-lhes, mais uma vez, que as crianças não devem falar à mesa, a não ser que lhes falem primeiro. Ou que as crianças devem ser vistas e não ouvidas.

Nessa tarde, Laura e Maria perguntaram à mãe o que era uma paliçada. A mãe respondeu-lhes que era uma coisa destinada a levar meninas pequenas a fazer perguntas,

- o que significava que os adultos não lhes diriam de que se tratava. Maria olhou para Laura de uma maneira que queria dizer: "Eu bem te disse."

Laura não compreendia porque dissera o pai que não deviam proceder como se tivessem medo. O pai nunca tinha medo. Laura não queria parecer que tinha medo, mas tinha. Tinha medo dos índios.

Jack estava sempre de orelhas arrebitadas e já não sorria a Laura. Até mesmo quando ela o afagava, ele conservava as orelhas direitas, o pêlo do pescoço eriçado e os beiços arreganhados. Os seus olhos exprimiam zanga. Rosnava todas as noites mais ferozmente, e todas as noites, também, os tambores dos índios rufavam mais depressa, mais depressa, e os gritos eram mais altos e mais selvagens.

No meio da noite, Laura sentou-se de repente na cama, a gritar. Um som terrível encharcara-a em suor.

A mãe correu logo para ver o que ela tinha e disse-lhe, baixinho:

- Está calada, Laura, para não assustares a Carrie.

Laura agarrou-se à mãe e descobriu que ela trazia o vestido. O lume estava coberto de cinzas e a casa às escuras, mas a mãe não se deitara. Entrava luar pela janela. O portal de madeira estava aberto e o pai encontrava-se junto da janela. E tinha a espingarda na mão.

Na noite, os tambores rufavam e os índios gritavam ferozmente.

Depois soou de novo aquele som horrível. Laura teve a sensação de que ia a cair, não se podia agarrar a nada, não havia nada sólido em parte alguma. Pareceu-lhe que decorreu muito tempo antes de ser capaz de ver, pensar ou falar.

- Que é? - gritou, por fim. - Que é? Oh, Pá, que é?

Tremia toda e sentia uma impressão desagradável no estômago. Ouvia os tambores a rufar e os gritos ferozes e sentia a mãe segurá-la.

- É o grito de guerra índio, Laura.

A mãe emitiu um som abafado, e ele disse-lhe:

- É melhor elas saberem, Carolina.

Explicou a Laura ser aquela a maneira de os índios falarem de guerra. Os índios estavam só a falar de guerra e a dançar à

volta das fogueiras. Maria e Laura não deviam ter medo, porque o pai estava ali, Jack também e havia soldados no Forte Gibson e no Forte Dodge.

- Por isso, não tenham medo, Maria e Laura - repetiu o pai.

Laura ofegou e disse:

- Não, Pá. - Mas estava terrivelmente assustada.

Maria, essa, nem foi capaz de dizer nada: tremia debaixo da roupa da cama.

Depois Carrie começou a chorar e, por isso, a mãe levou-a para a cadeira de balanço e começou a embalá-la devagarinho.

Laura saiu da cama e enroscou-se junto do joelho da mãe.

Maria, para não ficar sozinha, fez o mesmo. O pai continuou à janela, a vigiar.

Os tambores pareciam rufar dentro da cabeça de Laura, muito no fundo do seu ser. Os gritos selvagens e rápidos assustavam mais do que os uivos dos lobos. Laura sabia que ia acontecer alguma coisa ainda pior. E aconteceu: o grito de guerra índio.

Aquela noite foi pior do que um pesadelo. Um pesadelo é só um sonho e quando se torna pior as pessoas acordam. Mas aquilo era a sério, Laura não podia acordar, não podia libertar-se do pesadelo.

Quando o grito de guerra terminou, Laura compreendeu que ainda não a atingira. Continuava na casa às escuras, apertada contra a mãe, que tremia toda. O uivo de Jack findou num rosnido parecido com um soluço. Carrie recomeçou a gritar e o pai enxugou a testa e exclamou:

- Uf! Nunca tinha ouvido nada assim. Como terão eles aprendido a dar semelhante grito?

Mas ninguém lhe respondeu.

- Nem precisam de espingardas - continuou o pai. - Aquele grito chega para apavorar seja quem for. Tenho a boca tão seca que não seria capaz de assobiar, nem que disso dependesse a minha vida. Dá-me água, Laura.

170 171

Laura sentiu-se melhor, por fazer alguma coisa. Levou uma concha cheia de água ao pai, à janela. Ele pegou na concha e

sorriu-lhe, e ela ainda se sentiu melhor, muito melhor. O pai bebeu um golinho e sorriu de novo.

- Pronto, agora já sou capaz de assobiar!

E assobiou algumas notas, para lhe provar que era verdade.

Depois ficou atento, à escuta. Laura também ouviu, muito longe, o leve clip-clop, clop-clop, clip-clop-clop de um garrano a galope. O som aproximou-se.

De um lado da casa vinham o rufar dos tambores e os gritos rápidos e agudos; do outro, o som solitário de um cavalo a galope.

O último som aproximou-se cada vez mais. Os cascos batiam com força e, subitamente, chegaram à casa e passaram adiante. O galope continuou, mas foi-se ouvindo menos, pela estrada do ribeiro abaixo.

Ao luar, Laura viu a garupa de um garrano índio preto com um índio montado. Viu um vulto embrulhado numa manta, uma cabeça descoberta com um penacho de penas trémulas e o luar a reflectir-se no cano de uma espingarda. Mas depois desapareceu tudo e ficou só a pradaria deserta.

O pai disse que macacos o mordessem se percebia alguma coisa daquilo. O índio que passara era o osage que tentara falar francês com ele.

- Que andarás ele a fazer a esta hora, a galopar daquela maneira?

Ninguém Lhe respondeu, porque ninguém sabia.

Os tambores rufavam e os índios continuavam a gritar. O terrível grito de guerra repetiu-se.

Pouco a pouco, ao fim de muito tempo, os gritos tornaram-se mais fracos e menos numerosos. Carrie chorou tanto que acabou por adormecer. A mãe mandou Maria e Laura voltarem para a cama.

No dia seguinte, não saíram de casa e o pai ficou perto. Dos acampamentos dos índios não vinha nem um som. Toda a imensa pradaria estava silenciosa. Só o vento soprava sobre a terra enegrecida, onde não havia erva para murmurar. O vento passava pela casa com um som parecido com o de água a correr.

Nessa noite o barulho dos acampamentos índios foi pior do que na anterior. Mais uma vez, os gritos de guerra foram mais terríveis do que os piores pesadelos. Laura e Maria aninharam-se junto da mãe, a pobre bebé Carrie chorou e o pai

vigiou da janela, com a espingarda. Jack passou a noite a andar de um lado para o outro a rosar e a uivar quando soavam os gritos de guerra. As três noites que se seguiram foram ainda piores. Maria e Laura estavam tão cansadas que adormeceram no meio do rufar dos tambores e dos gritos. Mas um grito de guerra arrancava-as sempre ao sono, aterrorizadas.

Os dias silenciosos ainda eram piores do que as noites. O pai estava sempre vigilante e à escuta. O arado estava no campo, onde o deixara; Pet, Patty, a potra, a vaca e o bezerro ficavam no estábulo. Maria e Laura não podiam sair de casa. E o pai nunca deixava de percorrer toda a pradaria com o olhar e de virar rapidamente a cabeça ao mínimo ruído. Quase não almoçava, sempre a levantar-se para ir ao pátio olhar em redor da pradaria.

Um dia, a cabeça pendeu-lhe para a mesa e adormeceu mesmo ali. A mãe, Maria e Laura ficaram quietas, para o deixarem dormir. Ele estava tão cansado! Mas não tardou a acordar, sobressaltado, e disse asperamente à mãe:

- Não voltes a permitir que eu faça isto!
- O Jack estava de guarda-disse a mãe, docemente.

Essa noite foi a pior de todas. Os tambores rufaram mais depressa e os gritos foram mais altos e mais ferozes. Ao longo do ribeiro, gritos de guerra respondiam a gritos de guerra, cujos ecos se repercutiam de penhasco em penhasco.

172 173

Não houve descanso. Laura sentia o corpo todo dorido e tinha uma grande dor no estômago.

O pai disse, da janela:

- Estão a discutir entre eles, Carolina. Talvez lutem uns com os outros.

- Oh, Charles, quem dera! - exclamou a mãe.

Não houve um minuto de descanso toda a noite. Pouco antes do amanhecer, terminou um último grito de guerra e Laura adormeceu encostada ao joelho da mãe.

Acordou na cama. Maria dormia a seu lado. A porta estava aberta e, pela luz que banhava o chão, Laura compreendeu que

era quase meio-dia. A mãe fazia o almoço e o pai estava sentado no degrau da porta.

- Está outro grande grupo a seguir para sul - anunciou o pai.

Laura foi à porta, em camisa de dormir, e viu uma comprida fila de índios, muito ao longe. A fila emergiu da pradaria negra e seguiu mais para sul. Montados nos garranos, os índios eram tão pequenos, à distância, que não pareciam muito maiores do que formigas. , O pai disse que, de manhã, dois grandes grupos de índios tinham seguido para oeste. Aquele agora ia para sul. Isso significava que os índios tinham brigado entre eles. Partiam dos seus acampamentos nas terras baixas do ribeiro, não iriam juntos para a grande caçada ao búfalo.

Nessa noite escureceu em silêncio. O único som era o do vento.

- Esta noite dormiremos! - disse o pai, e assim aconteceu.

Dormiram toda a noite e nem sequer sonharam. De manhã, Jack continuava a dormir, estendido no mesmo lugar onde já dormia quando Laura se deitara.

A noite seguinte também foi sossegada e voltaram a dormir todos profundamente. De manhã, o pai disse que se sentia fresco e descansado e ia explorar um pouco ao longo do ribeiro.

Prendeu Jack à argola da parede da casa, pegou na espingarda e desapareceu na estrada do ribeiro.

Laura, Maria e a mãe não puderam fazer mais nada além de esperar que ele voltasse. Ficaram em casa, a desejar que ele viesse. A luz do Sol nunca avançara tão devagarinho pelo chão como naquele dia.

Mas ele voltou, finalmente, já tarde alta. E não acontecera nada.

Percorrera o ribeiro para montante e jusante e vira muitos acampamentos índios desertos. Tinham partido todos os índios, excepto os de uma tribo chamada Osages.

O pai encontrara no bosque um osage com quem conseguira falar.

Esse índio disse-lhe que todas as tribos, excepto a dos Osages, resolvera matar os brancos que tinham vindo para território índio. E preparavam-se para o fazer quando o índio solitário chegara à grande concentração.

Esse índio viera de muito longe e muito depressa porque não queria que matassem os brancos. Era um osage e chamavam-lhe um nome que significava que ele era um grande soldado.

- Soldat du Chêne - era o nome dele, segundo disse o pai. - Dis cutiu com eles dia e noite até todos os outros osages concordarem com ele. Depois levantou-se e disse às outras tribos que os Osages lutariam contra elas se elas nos chacinassem. Fora isso que dera origem a tanto barulho, naquela última e terrível noite. As outras tribos gritavam contra os Osages e estes ripostavam-lhes. As outras tribos não se atreviam a combater contra o Soldat du Chêne e todos os seus osages, por isso, tinham partido no dia seguinte. Aí tens um bom índio.

O Sr. Scott podia dizer o que quisesse, mas o pai não acreditava que o único índio bom era um índio morto.

174 175

24.

A PARTIDA DOS ÍNDIOS

Dormiram tranquilos outra longa noite. Era tão bom deitarem-se e dormirem sossegados! Estava tudo calmo e em paz. Nos bosques, ao longo do ribeiro, só os mochos piavam: "U-úu... U-úu...", enquanto a lua cheia flutuava lentamente na curva do céu, por cima da interminável pradaria.

De manhã o sol brilhava, quente. Junto do ribeiro, as rãs coaxavam: "Garrump! Garrump!", gritavam à volta dos charcos. "Até ao joelho! Até ao joelho! Vão de volta!"

Desde que a mãe Lhes dissera o que diziam as rãs, Maria e Laura ouviam perfeitamente as palavras.

A porta estava aberta, para deixar entrar o tépido ar primaveril. Depois do pequeno-almoço, o pai saiu, a assobiar

alegremente. Ia de novo atrelar Pet e Patty ao arado. Mas, de súbito, deixou de assobiar. Parou à porta, a olhar para leste, e disse:

- Vem cá, Carolina. E vocês também, Maria e Laura.

Laura foi a primeira a chegar e ficou muito surpreendida. Vinham aí os índios.

Não vinham pela estrada do ribeiro: subiam a cavalo das terras baixas, muito para leste.

À frente vinha o índio alto, que passara a cavalo pela casa, ao luar. Jack rosnava e o coração de Laura batia depressa. Sentiu-se grata por estar perto do pai, embora soubesse que aquele era o índio bom, o chefe osage que pusera fim aos horríveis gritos de guerra.

176

O seu garrano preto trotava satisfeito, a aspirar o vento que lhe agitava a crina e a cauda como pendões adejantes. O focinho e a cabeça do garrano estavam livres; não usava rédeas. Não se via uma única correia em todo ele. nada que o obrigasse a fazer o que não queria.

Trotava prazenteiramente pela antiga trilha índia, como se gostasse de transportar o índio às costas.

Jack rosnou, furioso, e tentou soltar-se da corrente. Lembrava-se daquele índio, que lhe apontara uma espingarda. "Está quieto, Jack", ordenou-lhe o pai. Jack rosnou de novo e, pela primeira vez, o pai bateu-lhe. "Deita-te! Está quieto!" ordenou-lhe. Jack encolheu-se e ficou quieto.

O garrano já estava muito perto e o coração de Laura batia cada vez mais depressa. Olhou para o mocassim enfeitado de contas do índio e depois o seu olhar subiu pela perneira de couro franjado, comprimida contra o flanco nu do garrano. O índio estava embrulhado numa manta de cores vivas e tinha um braço de fora, nu e vermelho-acastanhado, a segurar uma espingarda atravessada no lombo nu do cavalo. Em seguida, Laura olhou para o rosto castanho, altivo e sereno do índio.

Era um rosto orgulhoso e sereno. Acontecesse o que acontecesse, seria sempre assim. Nada o modificaria. Só os

olhos tinham vida naquela cara, e olhavam fixamente, para muito longe, para oeste. Mas não se mexiam. Nada se mexia ou modificava, a não ser as penas de águia que partiam, erectas, do penacho de cabelo da cabeça rapada. As penas compridas oscilavam e ondulavam ao sabor do vento, enquanto o índio passava e se afastava.

- Du Chêne em pessoa - disse o pai, baixinho, e levantou a mão, numa saudação. Mas o garrano feliz e o índio imóvel passaram.

Passaram como se a casa, o estábulo, o pai, a mãe, Maria e Laura nem sequer ali estivessem.

O pai, a mãe, Maria e Laura viraram-se devagar e olharam para as costas arrogantemente direitas do índio.

177

Depois impuseram-se Outros garranos, outras mantas e outras cabeças rapadas, ornamentadas com penas de águia. Um por um, crescia o número dos guerreiros selvagens que seguiam Du Chêne, pelo carreiro fora. Os rostos tisonados sucediam-se. Crinas e caudas de garranos agitavam-se ao vento, brilhavam contas, batiam franjas de perneiras, penas de águia oscilavam em todas as cabeças rapadas. À frente de cada cavaleiro repousava uma espingarda, atravessada no respectivo garrano.

Laura estava muito excitada por causa dos garranos. Eram pretos, baios, cinzentos e castanhos e malhados. Os seus cascos pequeninos batiam a compasso no carreiro índio: tripeti-trip-trip, tripeti-trip, clip-clop, clip-clop, tripeti clip-clop. As suas narinas dilatavam-se por causa de Jack e pareciam receosos dele, mas avançavam corajosamente, com os olhos brilhantes a olhar para Laura.

- Oh, que bonitos garranos! Olhem que bonitos cavalinhos! - exclamou Laura, a bater as palmas. - Olhem para o malhado!

Julgou que nunca se cansaria de ver passar os garranos, mas volvidos momentos começou a olhar para as mulheres e para as crianças que eles transportavam. As mulheres e as crianças vinham atrás dos homens. Pequenos índios tisonados, não maiores do que Maria e Laura, montavam os bonitos garranos. Estes não

precisavam de usar rédeas ou sela e os pequenos índios não precisavam de usar roupa. Toda a sua pele estava exposta ao sol e ao ar puro. O seu cabelo preto, escorrido, voava ao vento e os seus olhos pretos brilhavam de alegria. Montavam os garranos muito direitos e imóveis, como índios adultos.

Laura não se cansou de olhar para as crianças índias, que também a olhavam. Sentiu um desejo maroto de ser uma indiazinha. Claro que não era a sério. O que realmente desejava era andar nua ao vento e ao sol e montar um daqueles bonitos garranozinhos.

As mães das crianças índias também vinham em garranos. Tinham as pernas cobertas de couro franjado e o corpo embrulhado em mantas, mas a única coisa que lhes adornava a cabeça era o cabelo preto e liso. Os seus rostos eram bronzeados e plácidos. Algumas levavam, amarrada às costas, uma espécie de trouxa estreita, da qual espreitava a cabeça de bebés pequeninos. Alguns bebés e algumas crianças pequenas viajavam em cestos, suspensos dos flancos dos garranos, ao lado das mães.

Foram passando mais garranos, e mais crianças, e mais bebés às costas das mães, e mais bebés em cestos nos flancos dos garranos. Até que se aproximou uma índia com um cesto e um bebé de cada lado da montada.

Laura fitou os olhos brilhantes do bebé que ficava mais perto de si e do qual só se via a cabeça acima da orla do cesto. O seu cabelo era preto como penas de corvo e os seus olhos negros como uma noite sem estrelas.

Os olhos pretos mergulharam profundamente nos de Laura, que o fitou com igual intensidade e desejou aquele pequeno bebé.

- Pá, vá-me buscar aquele bebezinho índio!

- Caluda, Laura! - ordenou-Lhe o pai, severamente.

O bebezinho passou, mas virou a cabeça e os seus olhos continuaram a fitar os de Laura.

- Oh, quero-o! Quero-o! - suplicou Laura; o bebé afastava-se cada vez mais, mas não deixava de olhar para trás, para Laura.

- Ele quer ficar comigo - insistiu Laura. - Por favor, Pá, por favor!

- Caluda, Laura! - repetiu o pai. - A índia quer ficar com o seu bebé.

- Oh, Pá! - exclamou Laura, e desatou a chorar.

Era uma vergonha chorar, mas não podia evitá-lo. O indiozinho desaparecera e ela sabia que nunca mais o veria.

A mãe disse que nunca ouvira semelhante coisa.

- Que vergonha, Laura! - ralhou, mas Laura não conseguiu parar de chorar. - Para que queres tu um bebé índio? Logo um bebé índio!

- Os seus olhos são tão pretos! - respondeu Laura, a soluçar, sem saber explicar o que queria dizer com isso.

- Mas, Laura, não precisas de outro bebé. Já temos um bebé, que é nosso.

178 179

- Também quero o outro! - disse Laura, a soluçar alto.

- Esta agora! - exclamou a mãe.

- Olha para os índios, Laura - disse o pai. - Olha para oeste e depois para leste e verás.

Ao princípio, Laura quase não via nada, com os olhos cheios de lágrimas e toda sacudida pelos soluços. Mas obedeceu ao pai o melhor que pôde e não tardou a ficar silenciosa. Até onde a sua vista alcançava, para oeste, e até onde a sua vista alcançava, para leste, havia índios. Aquela comprida fila parecia não ter fim.

- É uma enorme quantidade de índios - comentou o pai.

Foram passando mais índios, sempre mais índios. A bebé Carrie cansou-se de os ver e começou a brincar sozinha no chão. Mas Laura sentou-se no degrau, com o pai de pé a seu lado e a mãe e Maria atrás, à entrada. Continuaram a ver passar os índios.

Eram horas de almoço, mas ninguém pensava nisso. Os garranos índios continuavam a passar, transportando fardos de peles, paus de tendas, cestos e panelas. Passaram mais algumas mulheres e mais algumas crianças nuas. Finalmente, passou o último garrano. Mas o pai e a mãe e Laura e Maria continuaram parados no mesmo sítio a olhar, até a comprida fila de índios transpor a orla ocidental do mundo. E não restou nada além de silêncio e vazio. Todo o mundo parecia muito sossegado e solitário.

A mãe disse que estava tão deprimida que não lhe apetecia fazer nada, e o pai respondeu-lhe que fosse descansar.

- Mas tu precisas de comer alguma coisa, Charles.

- Não, não tenho fome. - Muito sério, o pai foi atrelar Pet e Patty e recomeçou a lavrar a terra dura, com o arado.

Laura também não conseguiu comer nada. Ficou muito tempo sentada no degrau, a olhar para o lado oeste, vazio, onde os índios tinham desaparecido. Tinha a impressão de continuar a ver penas a adejar e olhos pretos e a ouvir ainda o som dos cascos dos garranos.

180 181

25.

SOLDADOS

Depois de os índios partirem, estabeleceu-se uma grande paz na pradaria. E, uma manhã, a terra apareceu toda verde.

- Quando nasceu a erva? - perguntou a mãe, admirada. - Julgava que a região era toda preta e agora só há erva verde até onde a vista alcança.

O céu estava cheio de formações de patos e gansos selvagens que voavam para norte. Grasnavam corvos por cima das árvores, ao longo do ribeiro. O vento murmurava na erva nova, impregnado dos cheiros da terra e das coisas que nela cresciam.

De manhã, as cotovias levantavam voo, a cantar, para o céu. Todo o dia, maçaricos-reais, maçaricos-das-rochas e alcaravões cantavam e chilreavam nas terras baixas. Muitas vezes, ao anoitecer, cantavam gaios.

Uma noite, o pai, Maria e Laura sentaram-se muito quietos no degrau da porta, a ver pequenos coelhos brincar na erva, à luz das estrelas. Três mães-coelhas saltavam nas proximidades, de orelhas pendentes, e também observavam os seus coelhinhos a

brincar.

Durante o dia toda a gente tinha que fazer. O pai apressava-se a lavrar a terra e Maria e Laura ajudavam a mãe a fazer a primeira sementeira da horta. Com a enxada, a mãe abria pequenos buracos no emaranhado de raízes que o arado revolvera e Laura e Maria depositavam cuidadosamente as sementes, que em seguida a mãe cobria muito bem de terra. Semearam cebolas, cenouras, ervilhas, feijão e nabos. Sentiam-se todos muito contentes por ser Primavera e porque, em breve, teriam vegetais para comer. Estavam a ficar muito cansados só de pão e carne.

Uma tarde, o pai voltou mais cedo do campo e ajudou a mãe a dispor as plantas de couve e de batatas-doces. A mãe semeara as couves numa caixa, que guardara em casa. Regara-as cuidadosamente e todos os dias levava a caixa do sol da manhã para o sol da tarde, que entrava pelas janelas. Guardara, também, uma das batatas-doces do Natal e plantara-a noutra caixa. As sementes de couve tinham-se transformado em plantinhas verde-acinzentadas e cada um dos olhos da batata-doce dera um caule e folhas verdes.

O pai e a mãe pegavam numa plantinha com todo o cuidado e colocavam-lhe a raiz, com cautela, nos buracos feitos de antemão. Regavam as raízes e tapavam-nas bem com terra. Já estava escuro quando dispuseram a última planta e o pai e a mãe estavam cansados. Mas também estavam contentes porque nesse ano teriam couves e batatas-doces.

Todos os dias admiravam a horta. Era agreste e tinha ervas, porque fora feita no solo da pradaria, mas as plantinhas estavam todas a crescer. Romperam folhinhas enroladas de ervilhas e minúsculos espigões de cebolas. Quanto aos feijões, irromperam eles próprios da terra, mas empurrados por um caulezinho amarelo, enrolado como uma mola. Depois o feijão era aberto e abandonado por duas folhas de feijoeiro, que se abriam para receber o sol.

Em breve começariam todos a viver como reis.

O pai ia todas as manhãs para o campo, a assobiar alegremente. Semeara algumas batatas temporãs e guardara outras para semear mais tarde. Depois levou um saco de milho preso ao cinto e, à medida que arava, lançava bagos de milho no sulco aberto ao lado da ponta do arado. Este revolia uma

faixa de terra que caía para cima dos bagos de milho. Com o tempo, o milho abria caminho através do emaranhado de raízes e teriam um milharal.

182 183

Qualquer dia, almoçariam milho verde. E no Inverno seguinte haveria milho maduro para Pet e Patty.

Uma manhã, Maria e Laura estavam a lavar a louça e a mãe fazia as camas. A mãe cantarolava baixinho e Laura e Maria falavam da horta. Laura gostava mais das ervilhas e Maria gostava mais dos feijões. De súbito, ouviram a voz do pai, alta e zangada.

A mãe correu para a porta e Laura e Maria espreitaram, uma de cada lado dela.

O pai trazia Pet e Patty do campo, a arrastar o arado atrás. O Sr. Scott e o Sr. Edwards estavam com o pai, e o Sr. Scott falava veementemente.

- Não, Scott! - respondeu-lhe o pai. - Não ficarei à espera de ser expulso por soldados, como um fora-da-lei! Se uns estupores de uns políticos de Washington não tivessem feito constar que nos podíamos fixar aqui, nunca me teria encontrado cinco quilómetros para o interior da fronteira do território índio. Mas não esperarei que os soldados nos venham expulsar. Partimos agora!

- Que aconteceu, Charles? Partimos para onde? - perguntou a mãe.

- Macacos me mordam se sei! Mas vamo-nos embora. Vamo-nos embora daqui! - respondeu-lhe o pai. - O Scott e o Edwards disseram-me que o Governo vai mandar soldados para tirarem todos os colonos do território índio.

Estava muito vermelho e os seus olhos pareciam fogo azul. Laura assustou-se, pois nunca vira o pai assim. Chegou-se muito para a mãe e ficou quieta, a olhar para o pai.

O Sr. Scott começou a falar, mas o pai interrompeu-o:

- Não se canse, Scott. É inútil dizer outra palavra. Pode ficar até os soldados chegarem, se quiser. Eu vou-me embora já.

O Sr. Edwards disse que também ia. Não ficaria à espera que os soldados o expulsassem para o outro lado da fronteira como um miserável qualquer.

- Venha connosco até Independence, Edwards - convidou o pai.

Mas o Sr. Edwards respondeu que não estava interessado em seguir para norte. Faria um barco e desceria o rio, até uma povoação qualquer mais para sul.

- Seria melhor ir connosco - insistiu o pai, - e depois seguir a pé pelo Missouri. É uma viagem arriscada, um homem sozinho num barco, a descer o Verdigris entre tribos de índios selvagens.

O Sr. Edwards, porém, replicou que já vira o Missouri e tinha pólvora e chumbo com fartura.

184

Depois o pai disse ao Sr. Scott que ficasse com a vaca e o bezerro.

- Não os levaremos - explicou. - Você foi um bom vizinho, Scott, e tenho pena de o deixar. Mas partimos de manhã.

Laura ouviu tudo, mas só acreditou quando viu o Sr. Scott ir-se embora com a vaca. O manso animal afastou-se docilmente, com a corda passada à volta dos chifres compridos e o bezerro a cabriolar e a saltar atrás. Lá se iam todo o leite e toda a manteiga.

O Sr. Edwards disse que, como tinha muito que fazer, não voltariam a ver-se. Apertou a mão ao pai e disse: "Adeus, Ingalls, felicidades." Apertou a mão à mãe e disse: "Adeus, minha senhora. Não voltarei a vê-los, mas acredite que nunca esquecerei a sua bondade."

Depois voltou-se para Maria e Laura e apertou-lhes a mão como se fossem crescidas: "Adeus." Maria respondeu, cortesmente: "Adeus, Sr. Edwards." Mas Laura esqueceu-se de ser cortês e disse: "Oh Sr. Edwards, gostaria que não se fosse embora! Obrigada, Sr. Edwards, muito obrigada por ter ido tão longe, a Independence, para encontrar o Pai Natal para nós."

Os olhos do Sr. Edwards brilharam muito e ele saiu sem dizer mais nada.

O pai começou a desatrear Pet e Patty a meio da manhã, e Laura e Maria compreenderam que era realmente verdade, que se iam mesmo embora dali. A mãe não disse nada. Entrou em casa

185

e olhou à sua volta, para a louça por lavar e para a cama só parcialmente feita, levantou ambas as mãos e sentou-se.

Maria e Laura continuaram a lavar a louça com todo o cuidado, para não fazerem barulho. Viraram-se muito depressa, quando o pai entrou.

Voltara a ter o aspecto de sempre e trazia o saco das batatas.

- Toma, Carolina - disse, e a sua voz também soou natural. - Coze uma boa quantidade para o almoço! Temos passado sem batatas, a guardá-las para semente, mas agora vamos comê-las!

Por isso, nesse dia, almoçaram batatas de semente. Eram muito boas e Laura achou que o pai tinha razão quando disse: "Não há nenhum grande prejuízo que não tenha um pequeno lucro."

Depois do almoço tirou os arcos do carroção dos ganchos de que estavam suspensos, no estábulo. Colocou-os no carroção: uma ponta de cada arco no seu suporte de ferro, de um lado, e a outra ponta também no seu suporte de ferro, do outro lado. Colocados os arcos, o pai e a mãe estenderam-lhe por cima a cobertura de lona e ataram-na muito bem. Depois o pai puxou a corda da parte de trás da cobertura, até a lona se franzir toda e deixar só um buraquinho pequenino no meio. E o carroção ficou pronto para ser carregado de manhã.

Nessa noite estiveram todos muito calados. Até o Jack pressentiu que se passava qualquer coisa e se deitou perto de Laura, quando ela foi para a cama. , Já estava muito calor para o lume ficar aceso, mas o pai e a mãe sentaram-se diante da chaminé, a olhar para as cinzas.

A mãe soltou um leve suspiro e disse:

- Um ano inteiro perdido, Charles.

Mas o pai respondeu-lhe alegremente:

- Que importância tem um ano? Temos o tempo todo à nossa frente.

186 187

26.

PARTIDA

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, a mãe e o pai carregaram o carroção.

Primeiro fizeram duas camas com toda a roupa de cama, uma em cima da outra, na parte de trás do carroção. Taparam-nas cuidadosamente com um cobertor aos quadrados. Maria, Laura e a bebé Carrie viajaram nelas, de dia. À noite, a cama de cima seria levada para a parte da frente do carroção, para o pai e a mãe dormirem. Maria e Laura dormiriam na cama de baixo, que permaneceria onde estava.

A seguir o pai tirou o pequeno armário da parede, para a mãe guardar a comida e os pratos, e pô-lo debaixo do banco do carroção, com um saco de milho para os cavalos à frente.

- Será um bom apoio para descansarmos os pés, Carolina - disse à mãe.

A mãe guardou a roupa de vestir toda em dois sacos de viagem e o pai pendurou-os nos arcos do carroção, do lado de dentro. Defronte dos sacos pendurou a espingarda, a bolsa das balas e o polvorinho. A rabeca, na sua caixa, ficou a uma das extremidades da cama, onde viajaria sem perigo.

A mãe embrulhou a aranha de ferro, o forno portátil e a cafeteira em sacos, que pôs no carroção, enquanto o pai amarrava a cadeira de balanço e a selha do lado de fora e pendurava o balde da água e o balde dos cavalos debaixo do carroção. Colocou a lanterna de folha, cuidadosamente, num canto da frente, amparada pelo saco do milho.

O carroção estava carregado. A única coisa que não podiam

levar era o arado. Paciência. Não havia espaço para ele. Quando chegassem ao seu destino, o pai arranjaria mais peles para trocar por outro arado.

Laura e Maria subiram para o carroção e sentaram-se na cama, na retaguarda. A mãe pôs a bebé Carrie no meio das duas. Estavam todas muito bem lavadas e penteadas. O pai disse que estavam limpinhas que era um regalo, e a mãe que brilhavam como alfinetes novos.

Depois o pai atrelou Pet e Patty ao carroção. A mãe subiu para o seu lugar, no banco e segurou as rédeas. De súbito, Laura quis ver outra vez a casa e pediu ao pai que a deixasse olhar para trás. Por isso, ele afrouxou a corda da cobertura, até ficar um grande buraco redondo. Laura e Maria podiam ver por ali, mas ainda ficava lona suficiente para evitar que Carrie caísse na manjedoura.

A confortável casinha de troncos tinha o aspecto de sempre.

Parecia não saber que eles se iam embora. O pai parou um momento à porta, a olhar para o interior da casa. Olhou para a cama, para a lareira e para as janelas de vidro. Depois fechou cuidadosamente a porta, mas deixou a correia do fecho de fora.

- Alguém pode precisar de abrigo - disse.

Subiu para o seu lugar ao lado da mãe, tirou-Lhe as rédeas da mão e gritou a Pet e Patty para se porem a caminho.

Jack meteu-se debaixo do carroção. Pet relinchou, a chamar Bunny, que se colocou a seu lado. E lá partiram.

Pouco antes de a estrada do ribeiro começar a descer, o pai parou o carroção e olharam todos para trás.

Até onde a vista alcançava, a leste, sul e oeste, nada mexia em toda a imensidão da Alta Pradaria. Só a erva verde ondulava ao vento e nuvens brancas vogavam no céu claro.

- É uma grande região, Carolina. Mas ainda haverá aqui índios selvagens e lobos durante muito tempo.

A casinha e o pequeno estábulo de troncos erguiam-se, isolados, na quietude.

Pet e Patty arrancaram de novo, apressadas. O carroção desceu para as terras arborizadas das margens do rio e, empoleirado na copa de uma árvore alta, um gaio começou a cantar.

- Nunca ouvi um gaio cantar tão cedo - observou a mãe, e o pai respondeu-lhe, docemente:

- Está a despedir-se de nós.

Avançaram, pelo meio das colinas baixas, até ao ribeiro. O vau estava baixo, fácil de atravessar. Continuaram em frente, através das terras baixas, onde veados se levantaram para os ver passar e corças com os seus corçozinhos saltavam na sombra dos bosques. Depois subiram de novo para a pradaria, pelo meio dos penhascos íngremes de terra vermelha.

Pet e Patty estavam ansiosas por continuar a viagem. Os seus cascos tinham produzido um som abafado nas terras de baixo, mas o som tornou-se mais forte no solo duro da pradaria. O vento cantava, agudo, contra os arcos da frente.

O pai e a mãe iam quietos e calados, no banco, e Maria e Laura também, na cama. Mas Laura sentia-se interiormente muito agitada. Quando se viajava num carroção coberto nunca se sabia o que aconteceria a seguir nem onde se estaria no dia seguinte.

Ao meio-dia o pai parou ao lado de uma pequena nascente, para os animais comerem, beberem e descansarem. Em breve o calor do Verão secaria a nascente, mas por enquanto havia muita água.

A mãe tirou pão de milho frio e carne do armário e comeram todos sentados na erva, à sombra do carroção. Beberam água da nascente e Laura e Maria correram na erva, a colher flores silvestres, enquanto a mãe arrumava o armário da comida e o pai voltava a atrelar Pet e Patty.

Depois viajaram durante muito tempo, através da pradaria. Não havia nada que ver além da erva ondulante, do céu e dos rastos intermináveis do carroção. De vez em quando, passava um coelho aos saltos. Outras vezes, era uma galinha-da-pradaria que com a sua ninhada de pintos, se perdia de vista entre a erva. A bebé Carrie dormia e Maria e Laura estavam quase a dormir também quando ouviram o pai dizer:

- Há qualquer coisa que não está bem, ali.

Laura levantou-se de um pulo e viu, muito longe na pradaria, uma pequena corcova de cor clara. Não via mais nada de especial.

- Onde. - perguntou ao pai.

- Ali - respondeu ele, a apontar para a corcova. - Está parado.

Laura não disse mais nada. Continuou a olhar e viu que a corcova era um carroção coberto que pouco a pouco se foi tornando maior.

Reparou que não tinha cavalos atrelados. Não havia movimento nenhum à sua volta. Depois viu qualquer coisa escura, à frente do carroção.

A coisa escura eram duas pessoas sentadas no varal, um homem e uma mulher. Estavam a olhar para os pés e só levantaram a cabeça quando Pet e Patty pararam defronte deles.

- Que aconteceu? Onde estão os cavalos? - perguntou o pai.

- Não sei - respondeu o homem. - Amarrei-os ao carroção, a noite passada, e esta manhã tinham desaparecido. Alguém cortou as cordas e os levou, de noite.

- E o seu cão? - indagou o pai.

- Não tenho nenhum cão - respondeu o homem.

Jack continuou debaixo do carroção. Não rosnou, mas também não saiu de onde estava. Era um cão inteligente e sabia o que devia fazer quando encontrava desconhecidos.

- Bem, os seus cavalos foram-se, não voltará a vê-los - disse o pai. - A força é pena leve para ladrões de cavalos.

- Pois é - concordou o homem.

O pai olhou para a mãe, que acenou quase imperceptivelmente com a cabeça, e depois convidou:

- Venham no nosso carroção até Independence.

190 191

- Não - recusou o homem. - Tudo quanto temos está neste carroção. Não o abandonaremos.

- Mas que tenciona fazer, homem? - perguntou, admirado, o pai. - Pode não passar por aqui ninguém durante dias, semanas até! Não podem ficar aqui.

- Não sei - disse o homem.

- Ficaremos com o nosso carroção - interveio a mulher, que estava a olhar para as mãos apertadas uma na outra, no regaço. Laura não lhe conseguia ver a cara, só o lado da touca.

- É melhor virem - insistiu o pai. - Depois voltarão, para levarem o carroção.

- Não - teimou a mulher.

Não abandonariam o carroção, no qual estava tudo quanto tinham no mundo. Por isso, por fim, o pai deixou-os sentados no varal, sozinhos na vasta pradaria.

- Novatos! - resmungou o pai, entre dentes. - Tudo quanto têm, e sem cão para o guardar. E nem ele ficou de guarda... e ainda por cima amarrou os cavalos com cordas! - O pai emitia um som desdenhoso. - Novatos! - repetiu. - Não deviam ser autorizados a andar à solta a oeste do Mississipi!

- Mas, Charles, que lhes acontecerá? - perguntou a mãe.

- Há soldados em Independence. Direi ao capitão e ele mandará homens buscá-los. Até lá, podem aguentar. Mas tiveram muita sorte em nós passarmos. Se não passássemos, não sei quando seriam encontrados.

Laura olhou para o carroção solitário até se reduzir apenas a uma corcova na pradaria. Depois reduziu-se a um ponto e por fim desapareceu.

Viajaram ininterruptamente durante todo o resto do dia. Não viram mais ninguém.

Ao pôr do Sol, o pai parou junto de um poço. Houvera ali uma casa, em tempos, mas ardera. O poço tinha bastante água boa. Laura e Maria reuniram bocados de madeira meio queimada, para acender o lume, enquanto o pai desatrelava os cavalos, lhes dava de beber e os atava às cordas. Depois tirou o banco do carroção e a seguir o armário da comida. O lume ardia muito bem e a mãe fez o jantar num instante.

Passou-se tudo exactamente como se passara antes de construírem a casa. O pai, a mãe e Carrie estavam no banco do carroção, Laura e Maria no varal. Comeram o bom jantar quente. Pet, Patty e Bunny comiam a boa erva e Laura guardava bocadinhos de comida para Jack, que não devia pedir,

mas tinha de encher bem a barriga assim que eles acabassem de jantar.

O Sol pôs-se muito ao longe, a oeste, e chegou a altura de preparar o acampamento para a noite.

O pai prendeu Pet e Patty à manjedoura da retaguarda do carroção, com uma corrente, e Bunny ao lado. Deu a todos a sua ração de milho. Depois sentou-se junto do lume a fumar cachimbo, enquanto a mãe aconchegava Maria e Laura na cama e deitava a bebé Carrie a seu lado.

Depois sentou-se ao lado do pai, que tirou a rabeca da caixa e começou a tocar.

"Ó Susana, não chores por mim", gemia a rabeca, e o pai começou a cantar:

Parti para a Califórnia
Com a peneira nos joelhos
E sempre que pensava na minha casa
vinham-me lágrimas aos olhos.

O pai parou um momento de cantar para dizer à mãe:

- Sabes uma coisa, Carolina? Tenho estado a pensar que os coelhos se vão divertir muito a comer a horta que plantámos.

- Não fales disso, Charles.

- Não te preocupes, Carolina. Teremos uma horta ainda melhor. Além disso, levamos do território índio mais do que trouxemos.

- Não sei o que possa ser - disse a mãe.

- Ora essa, levamos a mula!

A mãe riu-se e o pai voltou a tocar rabeca.

Na Dixielândia me fixarei
E lá viverei e morrerei!
Longe, longe, muito longe,
Lá muito para sul, na Dixie!

Cantavam com um ritmo e uma animação que quase fizeram saltar Laura da cama. Mas ela tinha de estar quieta, para não acordar Carrie. Maria também dormia, mas Laura nunca estivera tão acordada.

Ouviu Jack fazer a cama debaixo do carroção. O buldogue andava às voltas, às voltas, a pisar a erva, e por fim deixava-se cair no ninho redondo com um baque e um suspiro de satisfação.

Pet e Patty mastigavam o resto do milho e as suas correntes entrechocavam-se, Bunny estava deitada ao lado do carroção.

Estavam as três juntas, em segurança e saciadas, sob o grande céu estrelado. Mais uma vez, o carroção coberto era o lar.

A rabeca começou a tocar uma marcha e a voz clara do pai cantou, como um sino de tom profundo:

Juntar-nos-emos todos à roda da bandeira,
Uma vez mais nos juntaremos,
E o grito de combate -Liberdade! - soltaremos.

Laura achou que também devia gritar. Mas a mãe espreitou, silenciosamente, pelo buraco redondo da cobertura do carroção.

- Charles - disse depois ao pai -, a Laura está completamente acordada e não será com música dessa que adormecerá.

O pai não respondeu, mas a voz da rabeca modificou-se. Suave e arrastadamente, iniciou um longo ritmo que pareceu embalar Laura, devagarinho.

Laura sentiu as pálpebras fecharem-se e começou a flutuar sobre infinitas ondas de erva da pradaria. A voz do pai ia com ela, a cantar:

Rema, rema nas águas tão azuis,
Como uma pena navegamos na nossa canoa.
Guia o barco levemente, amor, pelo mar fora.
Dia e noite viajarei contigo.